

ANAIS DO
II SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA
DE SOBRADINHO - BA

RESGATE ARQUEOLÓGICO NA ÁREA DA MINA SUÇUARANA EM JAGUARARI - BA

Celito Kestering
Alvandyr Bezerra

2015

II Seminário de Arqueologia de Sobradinho - BA

Realização

Universidade Federal do Vale do São Francisco
Prefeitura Municipal de Sobradinho
Fundação SOS São Francisco
Mineração Caraíba
Instituto Habilis

Organização

Celito Kestering
Ducilene Soares Silva Kestering
Alvandyr Bezerra

Apoio

Dilza Pereira
Valdelice Almeida
Ana Dilsa Moreira
Tiago Lima de Melo
Clea Canturil da Silva
Janaína Alves Batista
Itamar Souza Ribeiro
Manoel Carlos da Silva
Renata Xavier Monteiro
Marilane Maria da Costa
Cristiellen de Jesus Barros
Simone de Macedo Sousa
Lidiane dos Santos Pereira
Mayc-Yan Farias de Souza
Maria Auxiliadora de Jesus
Rosângela Grangeiro Vieira
Flávia dos Santos de Sousa
Concília Rodrigues de Souza
Manoel Ferreira dos Santos
Geane Cristina Alves da Silva
Mille Anne Tolentino Pereira
Vanderlito Evangelista de Souza
Elke Cristina Marcula de Oliveira
Selma Regina Carvalho Sá Castro
Rosemeire de Jesus Barros Souza
Francisca Bezerra de Lima Queiroz
Claudeci Vieira de Araújo Marinho
Rosângela Ferreira dos Santos Brito
Sílvia Cristina Cardoso Sampaio e Silva
Ferliane Souza de Menezes Nascimento

Agradecimentos

Luiz Vicente Berti Torres Sanjuan
Maysa Maria Torres Sanjuan

ISSN 2447-1496

ANAIS DO II SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DE SOBRADINHO - BA



Fundação SOS São Francisco
Avenida Paulo Afonso, Nº 1
Quadra 1 – Vila São Francisco
Sobradinho – BA - CEP: 48.925-000

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO 4

APRESENTAÇÃO 5

BENVINDO AO UNIVERSO DA ARQUEOLOGIA 6

01 **RESGATE ARQUEOLÓGICO NA ÁREA DA MINA SUÇUARANA, EM JAGUARARI – BA** 9
Celito Kestering e Alvandyr Bezerra

02 **REATIVAÇÃO DAS DUNAS DE CASA NOVA - BA: IMPACTOS SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO** 147
Ana Caroline Teixeira Maciel e Celito Kestering

03 **GRAVURAS RUPESTRES DO BOQUEIRÃO DO NISO, NA FAZENDA SÃO ROMÃO, SENTO SÉ - BA** 173
Vanessa Cosma da Silva e Celito Kestering

04 **GRAVURAS RUPESTRES DA LAGOA DA PONTA BAIXA, EM JAGUARARI – BA** 186
Tamires Daniele de Jesus e Celito Kestering

05 **COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DO AÇUDE DAS PEDRAS, EM RAJADAS, MUNICÍPIO DE PETROLINA – PE** 204
Natalício Reges de Oliveira

06 **FUNDAÇÃO SOS SÃO FRANCISCO E LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DE SOBRADINHO** 245
Celito Kestering

07 **GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO: UM DIREITO DO CIDADÃO E UM DEVER DO ESTADO** 253
Alvandyr Bezerra

ANEXOS 276

RESGATE ARQUEOLÓGICO NA ÁREA DA MINA SUÇUARANA, EM JAGUARARI – BA



Celito Kestering[1]
Alvandyr Bezerra[2]

1 INTRODUÇÃO

Este relatório tem o objetivo de apresentar, para apreciação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e demais órgãos ambientais e governamentais interessados em avaliar as atividades realizadas para fins de Licenciamento Ambiental, os resultados parciais do **Programa de Resgate, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Implantação da Mina Suçuarana, em Jaguarari - BA**. A área do citado projeto localiza-se no Vale do São Francisco, região norte do estado da Bahia, município de Jaguarari, próximo ao distrito de Pilar. Este documento está de acordo com projeto aprovado pelo IPHAN, (Processo nº 01502.003370/2014-14) e efetivado com a publicação da Portaria nº 66 de 18 de dezembro de 2014, publicada no Diário Oficial da União, em 19 de dezembro de 2014.

2 RESGATE ARQUEOLÓGICO

Realizaram-se os trabalhos de resgate nos sítios da área diretamente afetada (ADA), na área de influência direta (AID) e na área de influência indireta (AII) da mina Suçuarana (Fig. 1). Essas ações tiveram como finalidade atenuar os impactos negativos das obras de engenharia, de terraplanagem e extração mineral do empreendimento sobre o patrimônio arqueológico, atendendo ao exigido pela legislação vigente[3].

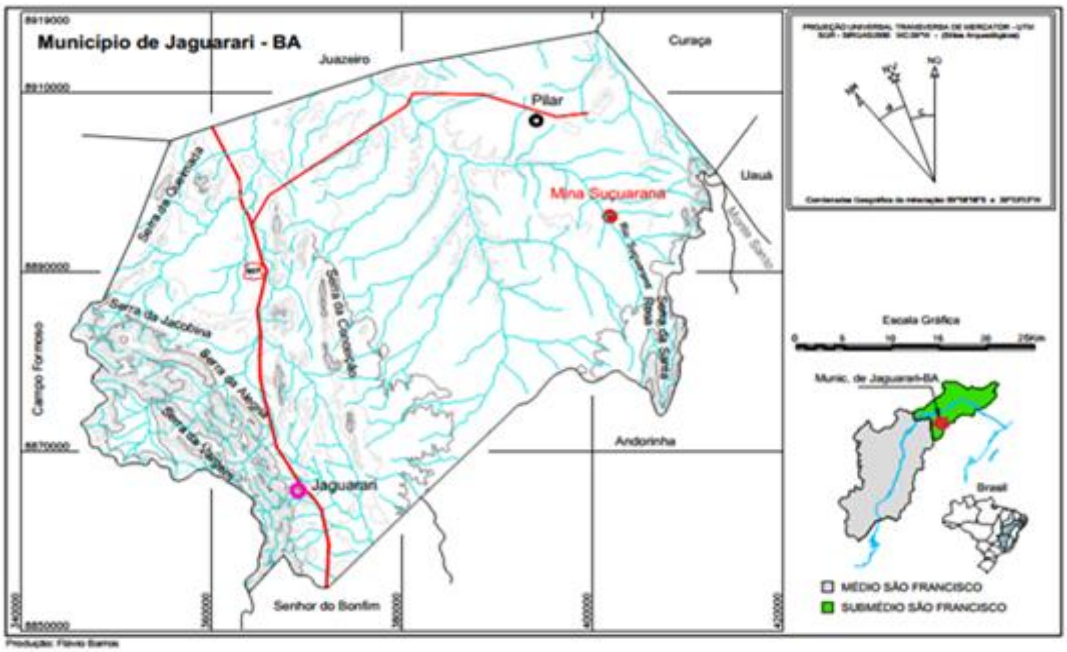
---

[1] Licenciado em Filosofia, Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco; Tutor do grupo PET – Arqueologia / UNIVASF. Presidente da Fundação SOS São Francisco. E-mail: celito.kestering@gmail.com

[2] Bacharel em Museologia; Diretor Presidente do Instituto Habilis. E-mail: alvandyr@gmail.com; alvandyr123@gmail.com

[3] Artigos nº 215 e nº 216 da Constituição Federal de 1988, Lei Federal nº 3924 de 26 de julho de 1961, Portaria MINC/SPHAN nº 07 de 01 de dezembro de 1988 e Portaria MINC/IPHAN nº 230 de 17 de dezembro de 2002, além da Resolução CONAMA nº 01/86 do IBAMA.

Figura 1 – Mapa de localização da Mina Suçuarana



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

2.1 Área Diretamente Afetada (ADA)

Na Área Diretamente Afetada (ADA) da Mina Suçuarana destinaram-se seis sítios arqueológicos ao resgate e documentação detalhada. Dois deles, Quixaba 3 (código 180.3) e Quixaba 4 (código 180.4) possuem painéis de pintura rupestre pré-histórica. Os outros quatro, Suçuarana 5 (código 181.5), Suçuarana 6 (código 181.6), Suçuarana 8 (código 181.8) e Suçuarana 9 (código 181.9) são de ocupação histórica (SANTANA et al. 2014, 87).

Para o presente relatório, define-se sítio arqueológico como uma unidade de espaço onde se realizou, utilizou ou conservou um conjunto de artefatos ou estruturas históricas ou pré-históricas relevantes para o reconhecimento de atributos da identidade de seus autores.

> Identidade é o arquétipo a partir do qual os indivíduos e os grupos sociais constroem a ideia de quem são e estabelecem o padrão de relacionamento com outros membros da própria espécie e com o ambiente, para garantir a sobrevivência e sucesso reprodutivo. Muitas espécies animais possuem atributos físicos que lhes bastam para a sobrevivência. Outras, entre as quais os humanos, por serem despossuídas de aptidões físicas vantajosas em relação às outras espécies e aos fenômenos ambientais, precisam desenvolver técnicas e comportamentos padronizados para suprir suas limitações. Comportamentos padronizados caracterizam-se como rituais (KESTERING, 2007, p. 20).

Caracteriza-se um sítio arqueológico rupestre como uma unidade geológica ou geomorfológica onde se conservaram fragmentos de um sistema de comunicação (históricos ou pré-históricos) relevantes para o reconhecimento de atributos da identidade de seus autores. Com base nesse pressuposto conceitual e, dado o fato de que cada um deles possui suporte com granulometria e geomorfologia distintas que os caracterizam como matacões, propõe-se o desmembramento do sítio Quixaba 3 em dois, quais sejam: Quixaba 3 (código 180.3) e Quixaba 5 (180.5) (Fig. 2).

Figura 2 – Croqui da distribuição espacial dos sítios históricos e pré-históricos na ADA



Fonte: Google Earth (2015), modificada pelos autores

Para o resgate dos sítios da Área Diretamente Afetada (ADA) contemplaram-se os seguintes procedimentos operacionais: identificação (caracterização), registro, plotagem, coleta dos artefatos de superfície e sub-superfície, acondicionamento provisório, transporte para laboratório, limpeza, classificação preliminar e acondicionamento.

2.1.1 Quixaba 3 (180.3)

O sítio arqueológico Quixaba 3 (código 180.3) caracteriza-se como um matacão. Situa-se na alta vertente do Serrote da Quixaba, nas coordenadas UTM24L 401478; UTMN: 8896346; 456 m de altitude. Tem orientação leste – oeste, abertura sul e sedimentos aluviais. Mede 10 m de comprimento, 6 metros de altura e 2,5 m de largura. Possui um conjunto de seis unidades de pintura rupestre reconhecível em um suporte de ortognaisse do Complexo Caraíba (Fig. 3).

Classificaram-se as unidades gráficas de todos os sítios de arte rupestre da área de abrangência da Mina Suçuarana pelo parâmetro da cognoscibilidade. Com base nesse parâmetro, segregam-se unidades gráficas conhecíveis e reconhecíveis. As unidades de grafismos conhecíveis são facilmente identificadas porque representam os componentes essenciais de elementos do mundo sensível conhecido pelo autor e pelo pesquisador.

Para a identificação de grafismos reconhecíveis, que não representam realidades conhecidas pelo pesquisador, considera-se unidade gráfica um signo ou todo o conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não são identificadas ocorrências de figuras tematicamente semelhantes em outros painéis. Eles são reconhecíveis, por isso, nas recorrências (Fig. 4).

Figura 3 – Quixaba 3 (180.3)



Foto: Kestering (2015)

Figura 4 – Unidade de grafismo rupestre reconhecível no sítio Quixaba 3



Foto: Kestering (2015)

2.1.1.1 Resgate

Por conter sedimentos com prováveis artefatos arqueológicos (SANTANA et al., 2014, p. 31), iniciou-se o seu resgate com uma limpeza da superfície do terreno com vistas a uma observação acurada para identificação de estruturas ou artefatos das indústrias líticas ou cerâmicas relacionadas com os painéis de pintura rupestre. Como não se encontrou vestígio arqueológico algum na superfície do terreno, iniciou-se a escavação de uma sondagem de quatro metros quadrados (2 m x 2 m) junto ao suporte onde há maior concentração de pinturas (Fig. 5). Teve-se o cuidado de peneirar os sedimentos para evitar que se perdessem artefatos no processo de abertura da sondagem.

Figura 5 – Início da sondagem junto ao suporte



Foto: Kestering (2015)

Depositaram-se os sedimentos junto a um matacão, a oito metros da área da escavação, amontoando os blocos e matacões para conter a dispersão e a deposição deles junto ao sítio (Fig. 6). Sugere-se que essa permaneça aberta para que estudantes da região possam visitar o sítio onde terão oportunidade de conhecer os painéis de pintura rupestre e entender a dinâmica de deposição dos sedimentos.

O sedimento da sondagem era aluvial. Constituía-se de areia fina e argila, com esparsos blocos e matacões angulosos de ortognaisse do Complexo Caraíba. Não se encontrou qualquer resto de tinta nem artefato algum relacionado com o processo de realização das pinturas. Inferiu-se, por isso, a probabilidade de que elas foram realizadas em tempo relativamente recente, quando a superfície do terreno estava no nível atual. Prosseguiu-se a escavação até 0,8 m de profundidade onde se encontraram grânulos de ortognaisse intemperizado do Complexo Caraíba. Como não se encontrou artefato arqueológico algum, finalizou-se o resgate (Fig. 7 e 8).

Figura 6 – Depósito dos sedimentos retirados da sondagem



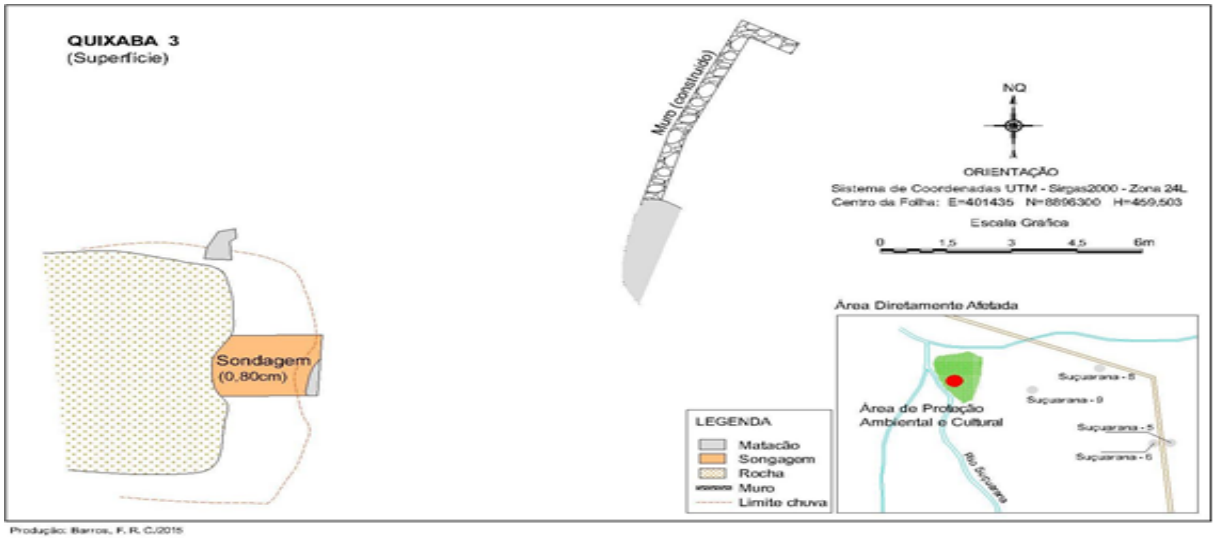
Foto: Kestering (2015)

Figura 7 – Fim da sondagem com 0,8 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

Figura 8 – Planta de situação da sondagem do sítio Quixaba 3



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

2.1.2 Quixaba 4 (180.4)

O sítio arqueológico Quixaba 4 (código 180.4) caracteriza-se como um matacão de ortognaisse do Complexo Caraíba com paredes inferiores a 3 metros de altura. Define-se uma parede como uma escarpa com menos de 6 metros de altura, para diferenciá-la de um alcantil que ultrapassa essa medida. Situa-se na alta vertente do Serrote da Quixaba, nas coordenadas UTM24L 401465; UTMN: 8896305; 456 m de altitude. Tem orientação noroeste – sudeste, abertura nordeste e sedimentos areno argilosos. Mede 7,5 m de comprimento, 2,7 metros de altura e 2 m de largura (Fig. 9). Possui uma única unidade de pintura rupestre reconhecível (Fig. 10).

Figura 9 - Quixaba 4 (180.4)



Foto: Kestering (2015)

Figura 10 – Unidade de pintura rupestre reconhecível no sítio Quixaba 4



Foto: Kestering (2015)

2.1.2.1 Resgate

Por conter sedimentos com prováveis artefatos arqueológicos (SANTANA et al., 2014, p. 33), iniciou-se o seu resgate com uma limpeza da superfície do terreno, com vistas a uma observação acurada para identificação de estruturas ou artefatos das indústrias líticas ou cerâmicas relacionadas com os painéis de pintura rupestre. Como não se encontrou vestígio arqueológico algum na superfície do terreno, iniciou-se a escavação de uma sondagem de quatro metros quadrados (2 m x 2 m) junto ao suporte onde se localiza a única pintura rupestre do sítio (Fig. 11). Teve-se o cuidado de peneirar os sedimentos para evitar que se perdessem artefatos no processo de abertura da sondagem.

Depositaram-se os sedimentos a seis metros de distância do sítio, sem amontoamento regular dos blocos e matacões porque não havia risco de se dispersarem junto ao sítio, em função da declividade do terreno. Sugere-se que também essa sondagem permaneça aberta para que estudantes da região possam visitar o sítio onde poderão conhecer a figura rupestre e entender a dinâmica de deposição dos sedimentos.

O sedimento da sondagem era areno-argiloso desde a superfície até 0,3 m de profundidade. Neles não se encontrou qualquer resto de tinta nem artefato algum relacionado com o processo de

realização das pinturas. Inferiu-se, por isso, a probabilidade de a pintura rupestre ter sido realizada em tempo relativamente recente, quando a superfície do terreno estava no nível atual. Prosseguiu-se a sondagem até 0,5 m de profundidade, evidenciando o depósito de Tálus (Fig. 12 e 13). Como não se encontrou qualquer artefato arqueológico, encerraram-se as atividades de resgate do sítio.

Figura 11 – Início da sondagem



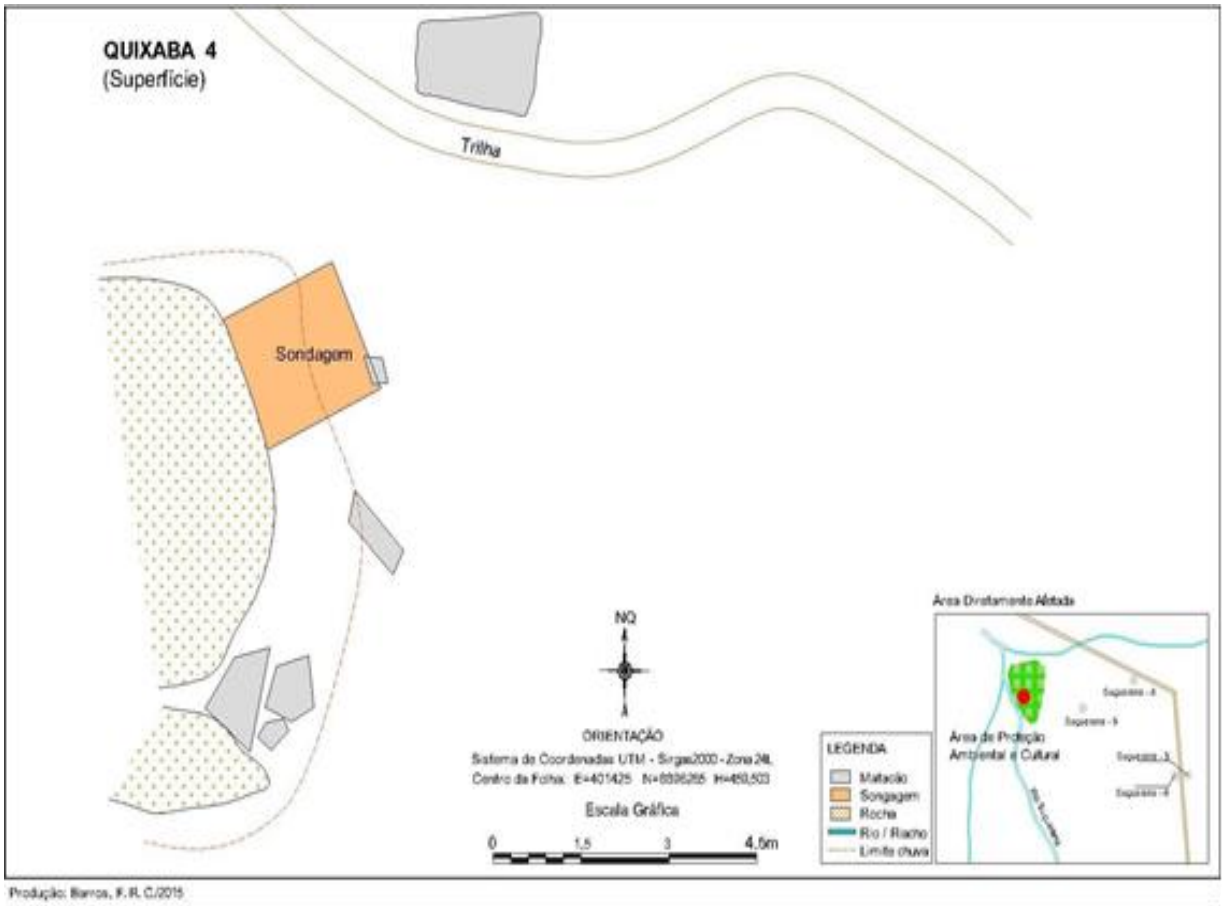
Foto: Kestering (2015)

Figura 12 – Final da sondagem com 0,5 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

Figura 13 - Planta de situação da sondagem do sítio Quixaba 4



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

2.1.3 Quixaba 5 (180.5)

O sítio arqueológico Quixaba 5 (código 180.5) é um matacão de ortognaisse do Complexo Caraíba com paredes inferiores a 3 metros. Situa-se, também, na alta vertente do Serrote da Quixaba, nas coordenadas UTM24L 401477; UTMN 8896351; 456 m de altitude. Tem orientação leste – oeste, abertura sul e sedimentos arenosos. Mede 5,5 m de comprimento, 2,1 metros de altura e 0,5 m de largura (Fig. 14). Possui quatro unidades de pinturas rupestres reconhecíveis[4] (Fig. 15).

[4] Observe-se que os grafismos denominados reconhecíveis neste trabalho são mencionados por outros pesquisadores como simbolistas (CALDERÓN, 1967), puros (PESSIS, 1992) ou geométricos. (GUIDON, 1984).

Figura 14 – Quixaba 5 (180.5)

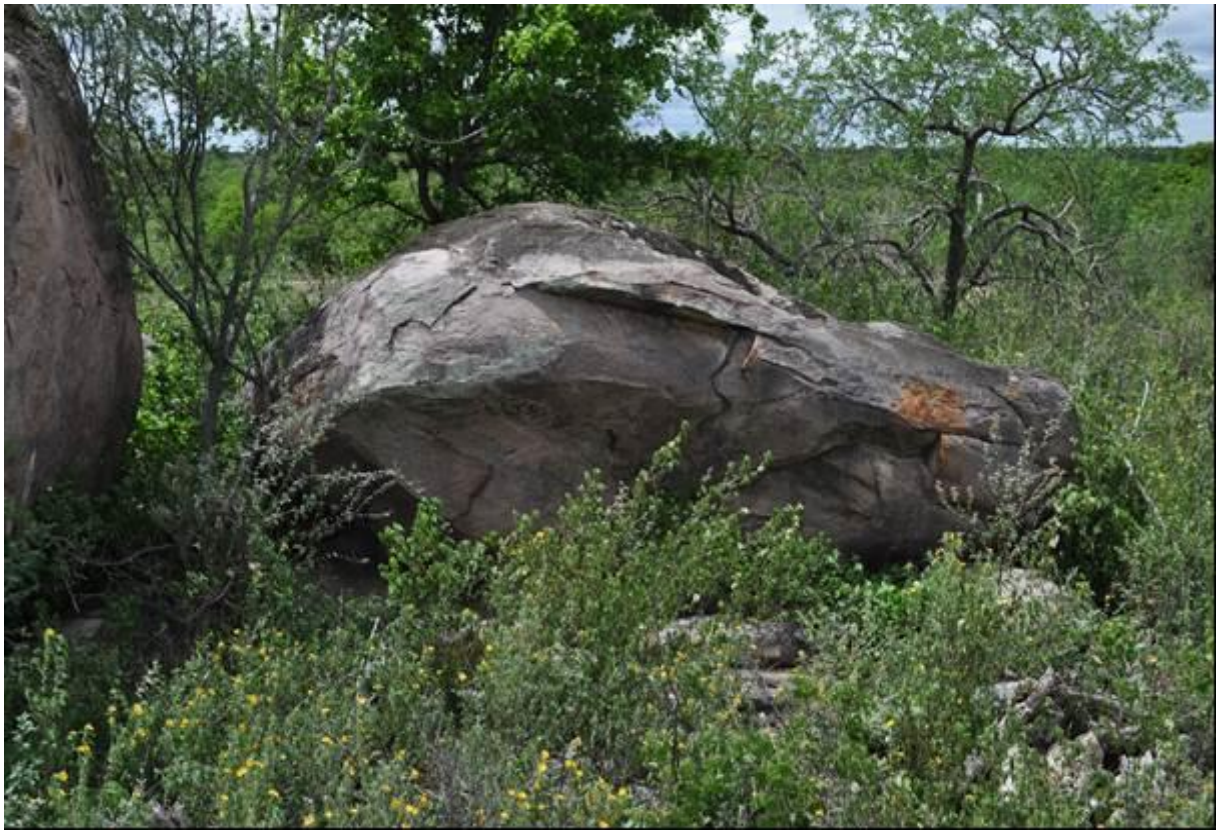


Foto: Kestering (2015)

Figura 15 – Unidade de pintura rupestre reconhecível no sítio Quixaba 5



Foto: Kestering (2014)

2.1.3.1 Resgate

Por conter sedimentos com prováveis artefatos arqueológicos (SANTANA et al., 2014), iniciou-se o seu resgate com uma limpeza da superfície do terreno com vistas a uma observação acurada para identificação de estruturas ou artefatos das indústrias líticas ou cerâmicas que poderiam estar relacionados com os painéis de pintura rupestre (Fig. 16).

Como não se encontrou vestígio arqueológico algum na superfície do terreno, iniciou-se a retirada de sedimentos que jaziam sobre a superfície do maciço de ortognaisse do Complexo Caraíba sobre o qual também jaz o matacão onde se realizaram as pinturas (Fig. 17). Teve-se o cuidado de peneirar os sedimentos para evitar que se perdessem artefatos. Estes foram depositados junto ao mesmo matacão onde foram postos os rejeitos da sondagem do sítio Quixaba 3 (Fig. 18).

O sedimento retirado constituía-se de blocos e matacões angulosos de ortognaisse do complexo Caraíba, areia fina e argila. Neles não se encontrou qualquer resto de tinta nem artefato algum relacionado com o processo de realização das pinturas. Encerraram-se, por isso, as atividades relativas ao resgate do sítio.

Figura 16 – Limpeza da superfície do terreno



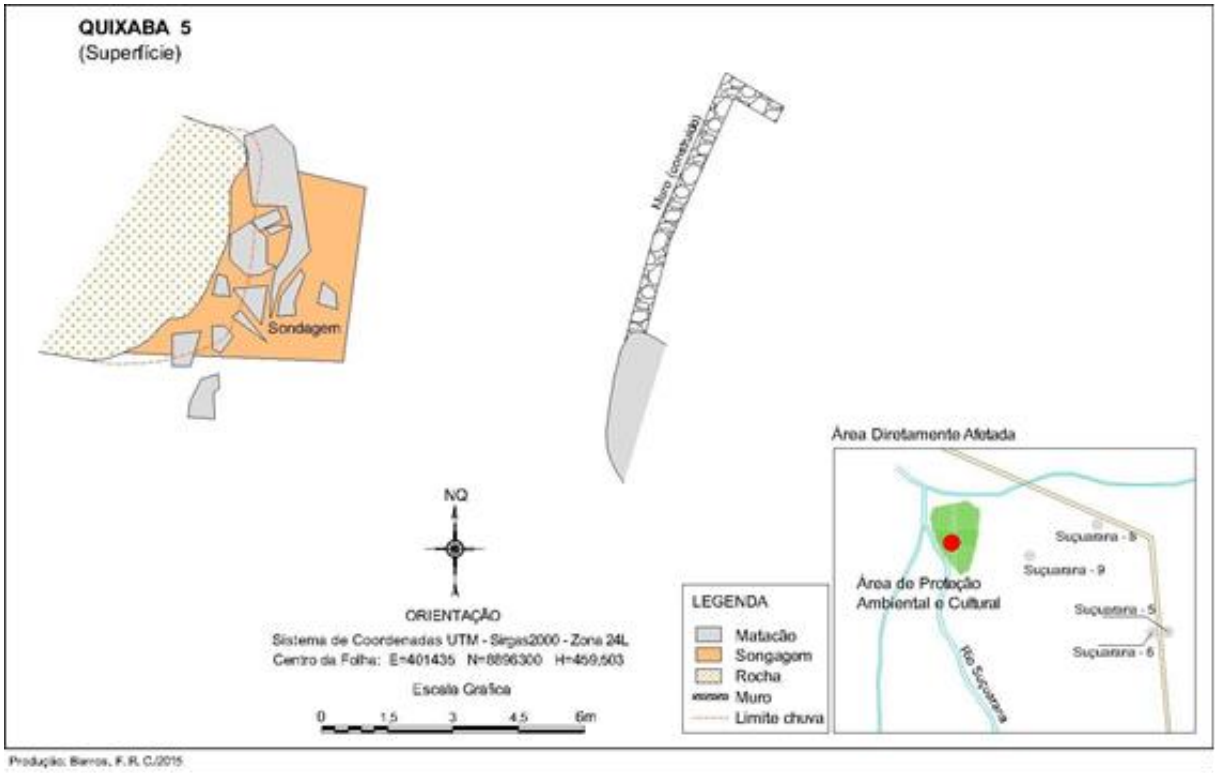
Foto: Kestering (2015)

Figura 17 – Final da retirada dos sedimentos



Foto: Kestering (2015)

Figura 18 - Planta de situação da sondagem do sítio Quixaba 5



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

2.1.4 Área de Proteção do Patrimônio Cultural e Ambiental

Por se tratar de um conjunto de sítios arqueológicos de arte rupestre, localizados em um serrote na Área Diretamente Afetada, tomaram-se medidas de proteção, como prescreve a Lei Federal 3.924/1961 (Fig. 19). Delimitou-se o serrote com uma cerca de três fios de arame farpado, fixos em estacas e mourões de madeira (Fig. 20). Fez-se, em seguida, o georreferenciamento para mapeamento da área de proteção ao patrimônio cultural e ambiental (Fig. 21 e 22).

Para que se preservem os painéis de pintura rupestre, recomenda-se que se mantenham espécies vegetais nativas que se destacam na paisagem, quais sejam: palmatória (*Opuntia palmadora*), quipá (*Opuntia inamoena*), cansanção (*Cnidoscolus pubescens*), velame da caatinga (*Croton heliotropiifolius*), favela (*Cnidoscolus phyllacantus*), braúna (*Melanoxylon brauna*), pau de rato (*Poincianella pyramidalis*), angico (*Anadenanthera colubrina*), pinhão bravo (*Jatropha mollissima*), mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*), xiquexique (*Cereus gounellei*), coroa de frade (*Melocactus bahiensis*), macambira (*Bromelia laciniosa*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), malva da caatinga (*Sida galheirensis*) e alecrim da caatinga (*Lippia gracilis)* (Fig. 23 a 26).

Figura 19 – Serrote da Quixaba



Foto: Kestering (2014)

Figura 20 – Delimitação três fios de arame farpado fixos em estacas e mourões de madeira



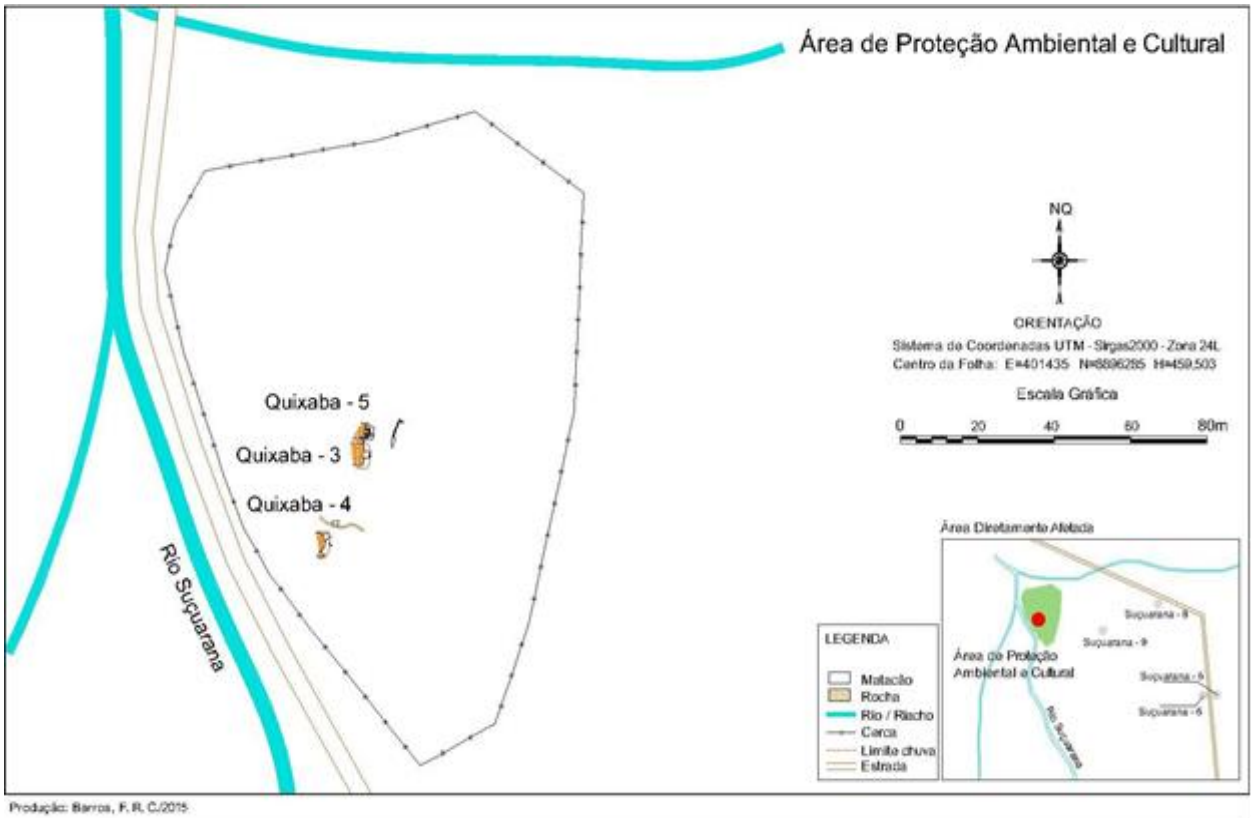
Foto: Kestering (2014)

Figura 21 – Georreferenciamento da área para proteção cultural e ambiental



Foto: Kestering (2014)

Figura 22 – Mapa da área destinada à proteção cultural e ambiental do serrote



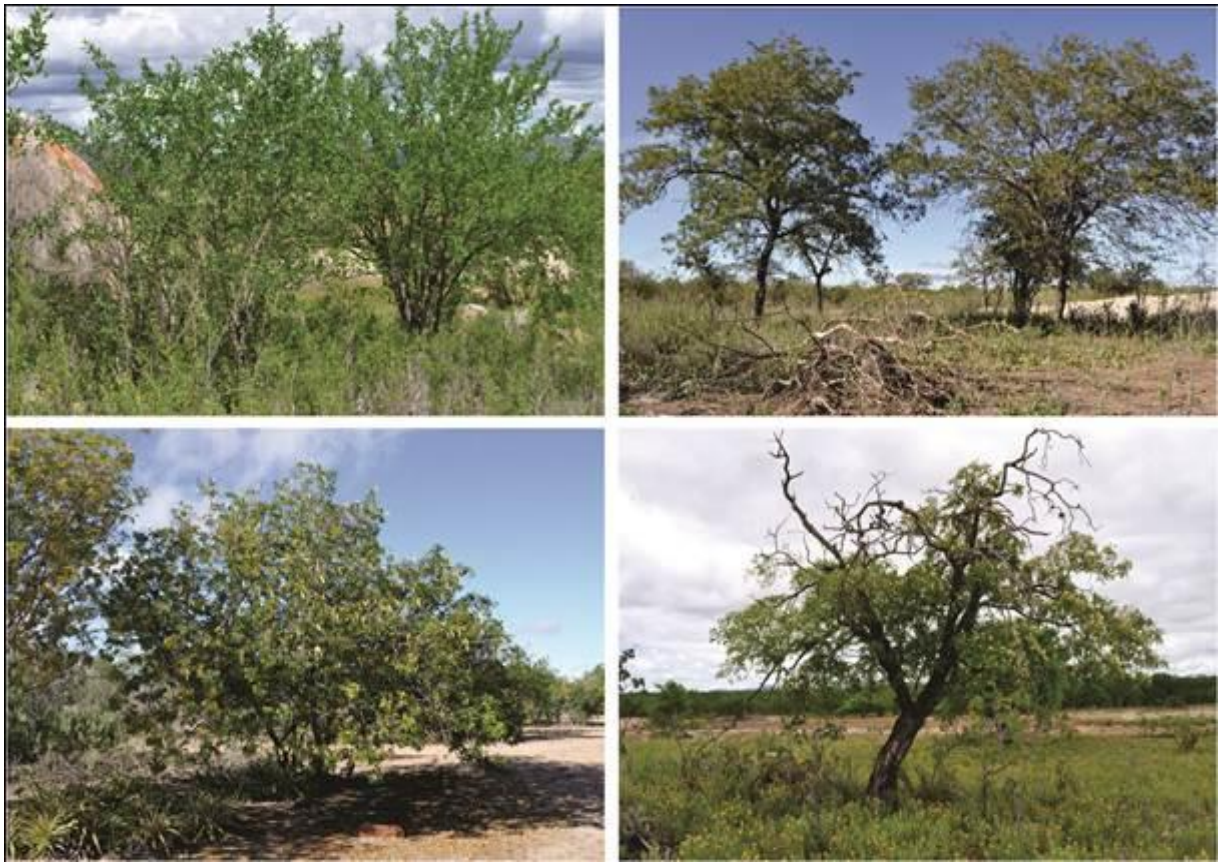
Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 23 – Palmatória, quipá, cansanção e velame da caatinga



Fotos: Kestering (2015)

Figura 24 – Favela, braúna, pau de rato e angico



Fotos: Kestering (2015)

Figura 25 – Pinhão roxo, mandacaru de boi, xiquexique e coroa de frade



Fotos: Kestering (2015)

Figura 26 – Macambira, juazeiro, malva da caatinga e alecrim da caatinga



Fotos: Kestering (2015)

Sugere-se que, junto aos seus respectivos troncos, ponham-se placas elucidativas referentes ao nome de cada espécie que se preserva no serrote da Quixaba para que estudantes, em visita aos sítios com pinturas rupestres, reconheçam-nas como componentes do patrimônio ambiental da região.

2.1.5 Suçuarana 5 (Código 181.5)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico do povoado de Roçado, com vestígios de uma antiga residência de Firmiano Ferreira Gomes onde, na fase de prospecção, em um espaço de aproximadamente 450 m², identificaram-se fragmentos de louça branca e azul borrão, bem como de cerâmica lisa, telha e vidro (SANTANA et al. 2014, p. 33-34). Firmiano era bisavô de Darvina Alexandre da Silva, de 66 seis anos de idade, que reside nas proximidades do sítio.

Muito embora tenha sofrido alterações com a supressão da vegetação do entorno, a construção de uma nova estrada e a implantação de tubulação para abastecimento de água no povoado de Roçado, preservou-se a área onde a equipe de resgate constatou a existência de um depósito de rejeitos domésticos, com grande quantidade de fragmentos de cerâmica e louça. Nessa área havia cobertura vegetal com espécies típicas da região. Identificou-se a presença dominante de quipá (*Opuntia inamoena*), pau de rato (*Poincianella pyramidalis*), mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*) e malva da caatinga (*Sida galheirensis*) (Fig. 27).

Figura 27 – Quipá, pau de rato, mandacaru de boi e malva da caatinga



Fotos: Kestering (2014)

Segundo Neuza Rodrigues de Oliveira (2015), com 73 anos de idade, moradora do povoado de Roçado, Firmiano Ferreira Gomes e seu irmão Sabino Ferreira Gomes “abriram o povoado de Roçado, há mais ou menos, cento e trinta anos”. Firmiano era casado com Joaquina Maria de Jesus.

> Isso é coisa de antigas datas. A gente não sabe de que ano veio isso aí. É cento e muitos anos. Vamos botar chutados cento e trinta anos. Os primeiros donos foram ele e Sabino Gomes. Eles eram irmãos. Eles vieram para aqui. Sabino Gomes comprou uma posse de terra na Suçuarana e chamou ele também para vir para cá porque eles eram irmãos. Aí ele botou ele aqui. Minha avó falava que esse povo tinha gado. Eram ricos. Eles tinham gado. A gente matava bode para comer. Eles matavam era gado. Quando o velho Firmiano matava uma rês, pegava um quarto e mandava para o velho Sabino. Quando o velho Sabino matava uma rês, pegava um quarto e mandava para o velho Firmiano. Aí, quando tocava de sorte matarem todos dois num mesmo dia, tinha que o quarto de gado daqui do Firmiano ir para o velho Sabino e o velho Sabino pegar o direito dele e mandar para aqui porque o direito era esse. Mesmo que matassem no mesmo dia, era direito dele. Minha avó dizia assim: ‘passavam no caminho, um pelo outro’ (OLIVEIRA, 2015).

Firmiano Ferreira Gomes e Joaquina Maria de Jesus tiveram treze filhos que nasceram e se criaram nessa casa. Eram eles: Umbelino, Maurício, José, José Joaquim, Antônio, Emiliana, Josefa, Maria Benta, Caetana, Maria (Cota), Josefa, Brasilina e Delmira. Todos se assinavam com o sobrenome de Ferreira Gomes.

2.1.5.1 Resgate

Iniciou-se o resgate com o georreferenciamento da área do sítio (Fig. 28). Prosseguiu-se com a identificação, registro e coleta dos artefatos de superfície (Fig. 29). Pelo fato de não se haver constatada perturbação significativa, dispensou-se a decapagem artificial de 10 cm que se propunha fazer (KESTERING et al, 2014, p. 7). No lugar em que se identificou maior concentração de fragmentos de louça e cerâmica, definiu-se uma área de 4 m² (2 m x 2 m) para a sondagem (Fig. 30).

Na sondagem, identificou-se uma camada de 0, 5 m com rejeitos domésticos. Nela havia muitos fragmentos de cerâmica e louça. Finda essa camada, continuou-se a escavação de uma camada areno-argilosa sem artefatos, até se encontrarem grânulos intemperizados de ortognaisse do Complexo Caraíba (Fig. 31).

Finda a sondagem, fez-se a sua ampliação, definindo uma área de 72 m² (12 m x 6 m) onde se iniciou a escavação com a técnica da superfície ampla (Fig. 32 e 33). Por se tratar de rejeitos domésticos, lançados sem qualquer intenção de ordenamento, decidiu-se escavar toda a camada em uma única decapagem. Nela se identificaram e coletaram-se alguns ossos de gado e muitos fragmentos de cerâmica, vidro, louça e metal.

Figura 28 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 29 – Coleta dos artefatos de superfície



Foto: Kestering (2015)

Figura 30 – Definição da área para sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 31 – Sondagem

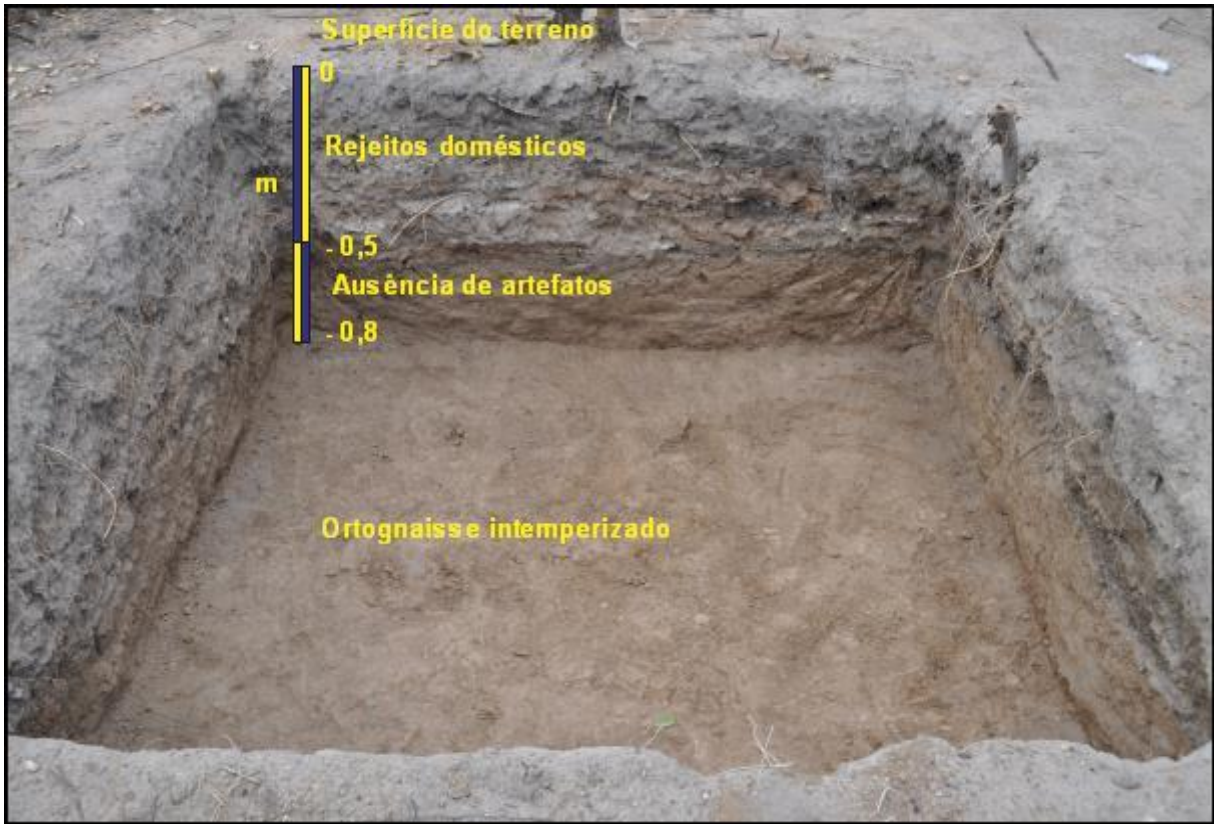


Foto: Kestering (2015), modificada pelos relatores

Figura 32 – Ampliação da escavação a partir da sondagem

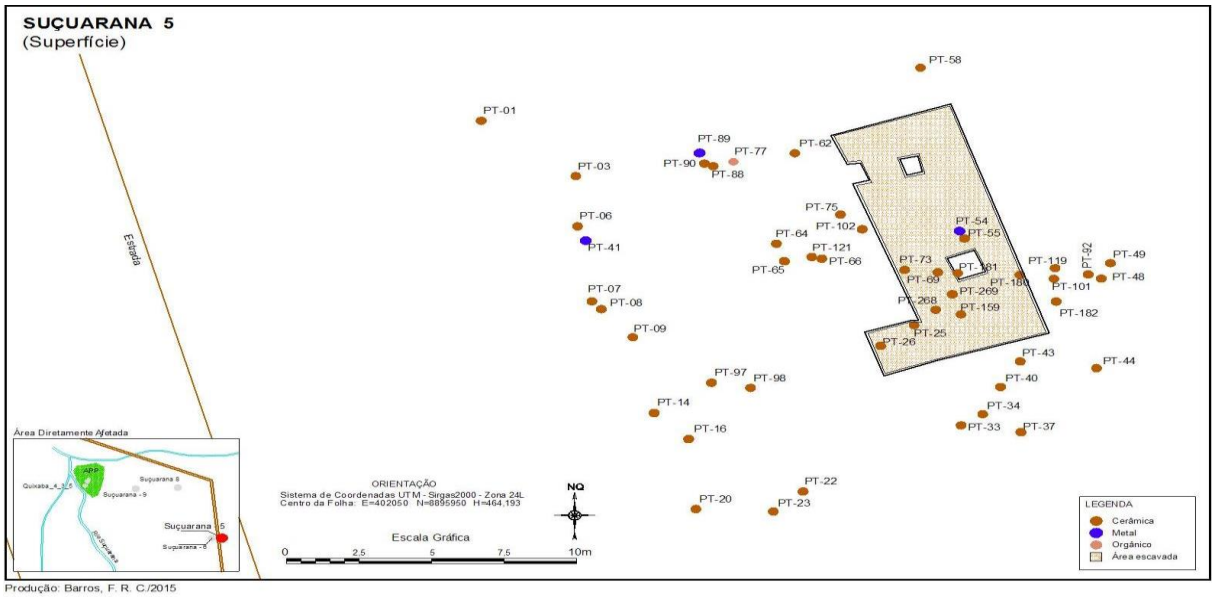


Foto: Kestering (2015)

2.1.5.2 Artefatos

Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e coletaram-se 5395 peças arqueológicas, quais sejam: 4305 fragmentos de cerâmica; 746 fragmentos de louça; 162 fragmentos de vidro; 20 fragmentos de olaria; 9 peças de metal; 2 artefatos líticos; 149 fragmentos orgânicos e 2 fragmentos de plástico. Transportou-se o material resgatado para o laboratório onde se realizou a sua limpeza, classificação preliminar e acondicionamento (Fig. 33 a 39).

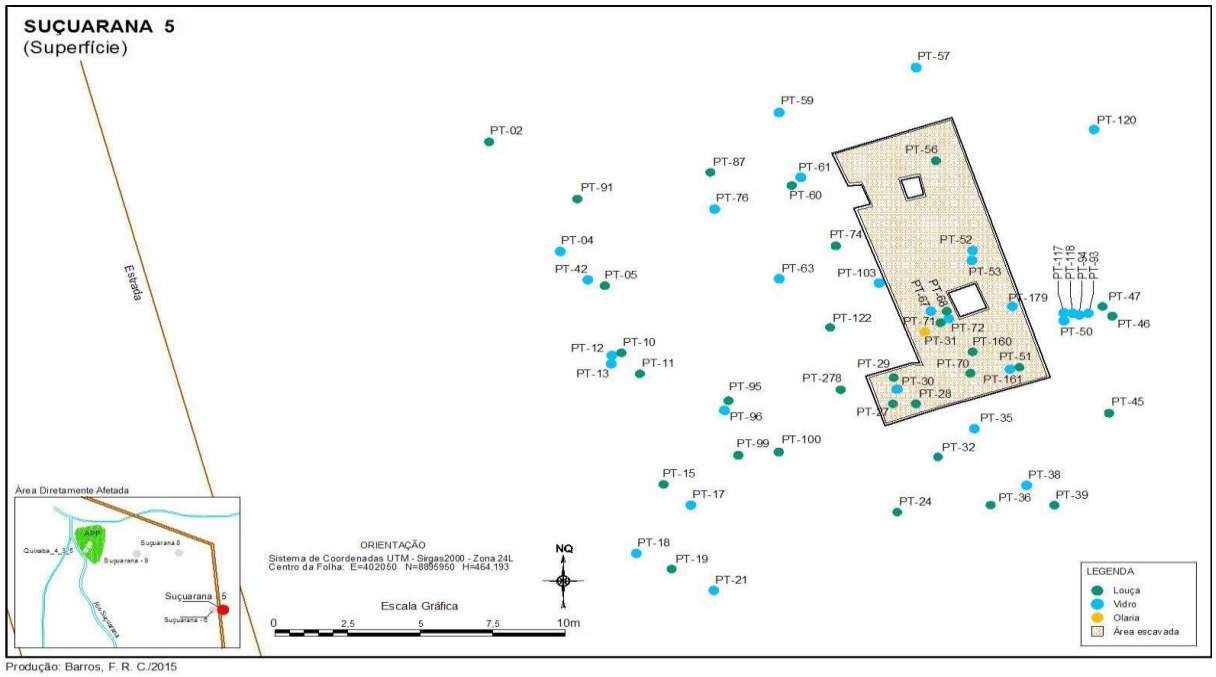
Figura 33 – Distribuição espacial dos artefatos de superfície



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros

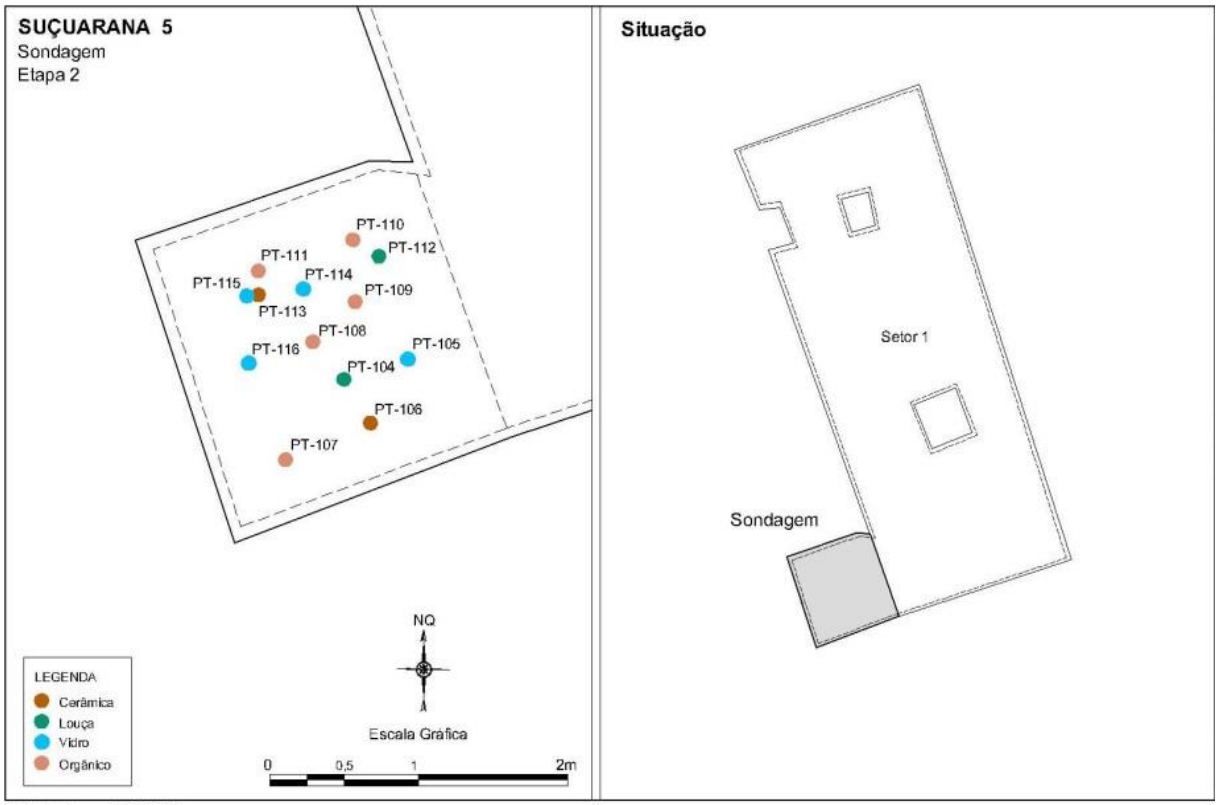
Figura 34 – Distribuição espacial dos artefatos de superfície



Produção: Barros, F. R. C./2015

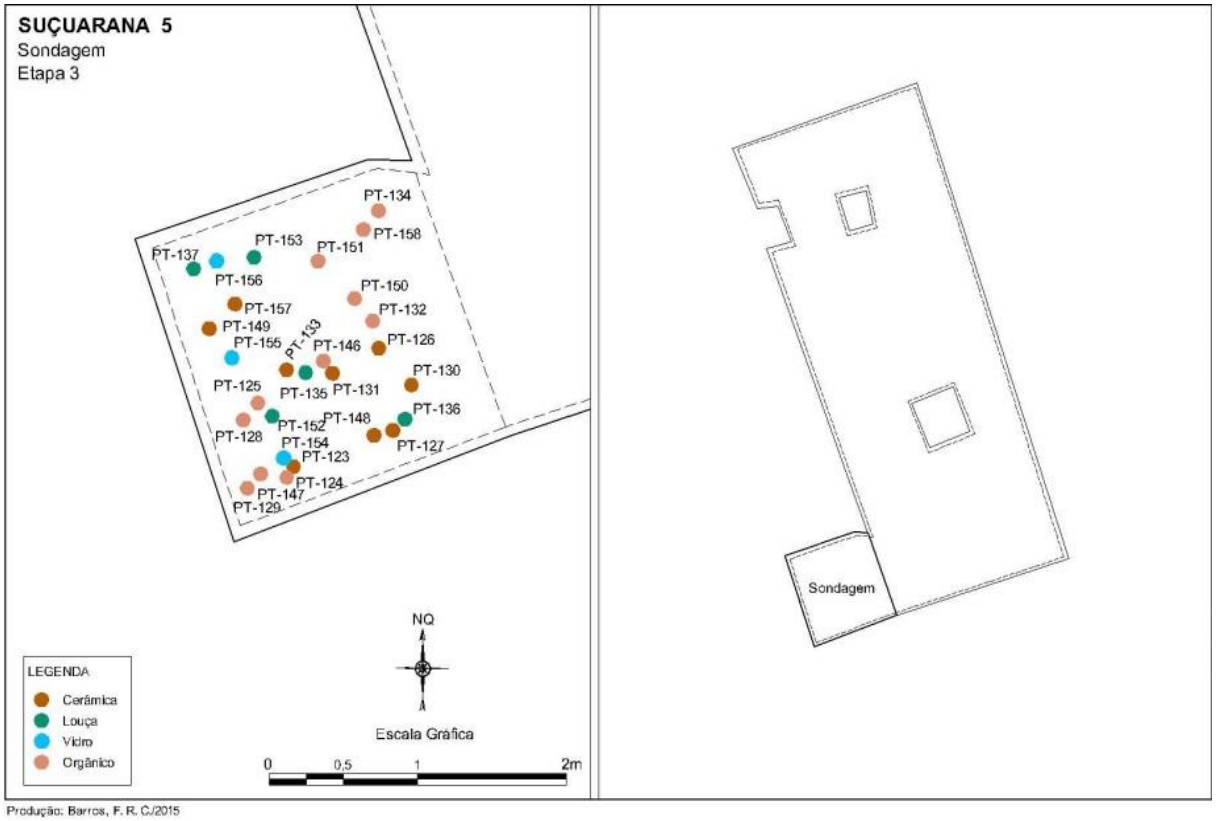
Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 35 – Distribuição espacial dos artefatos na sondagem



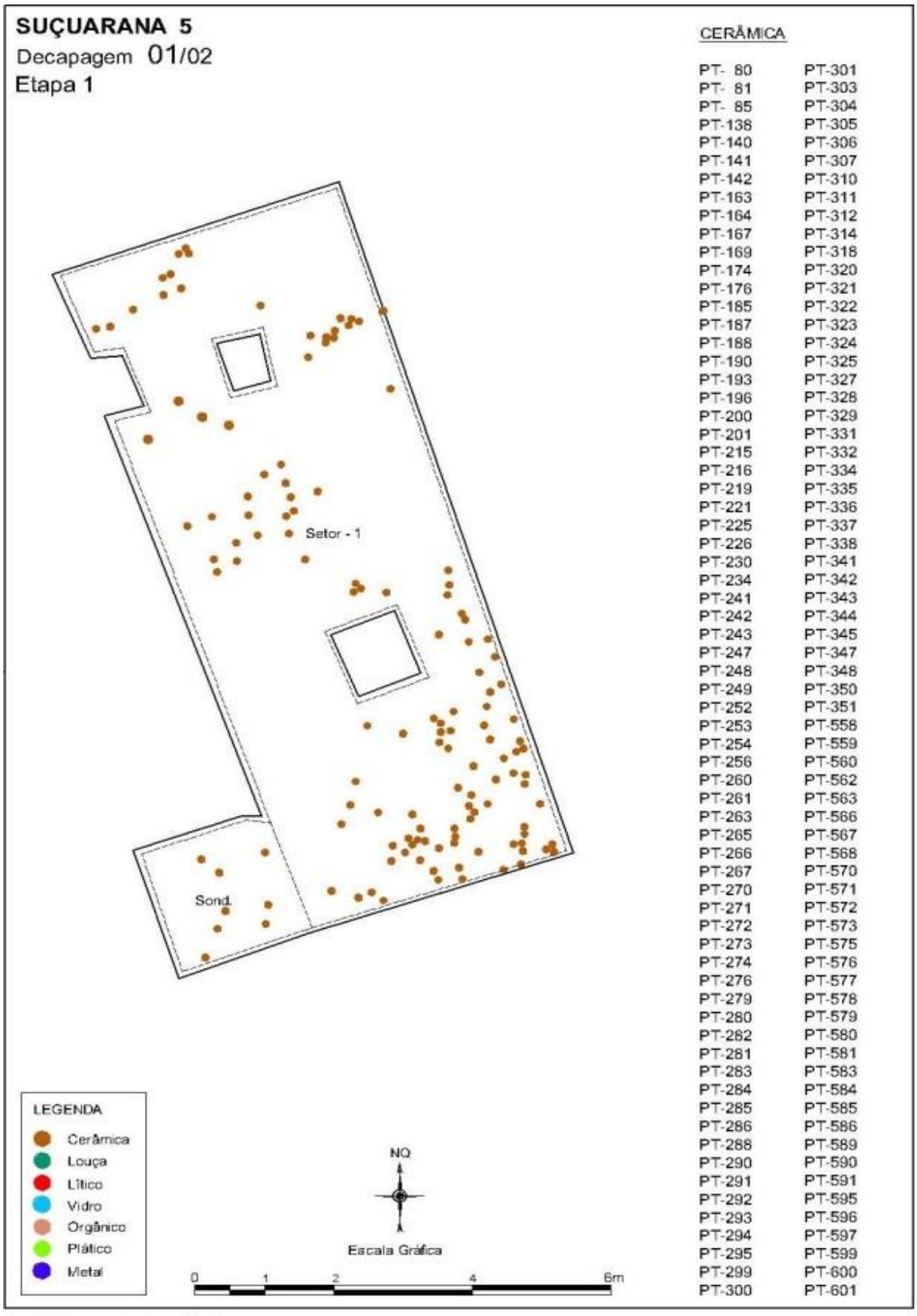
Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 36 – Distribuição espacial dos artefatos na sondagem



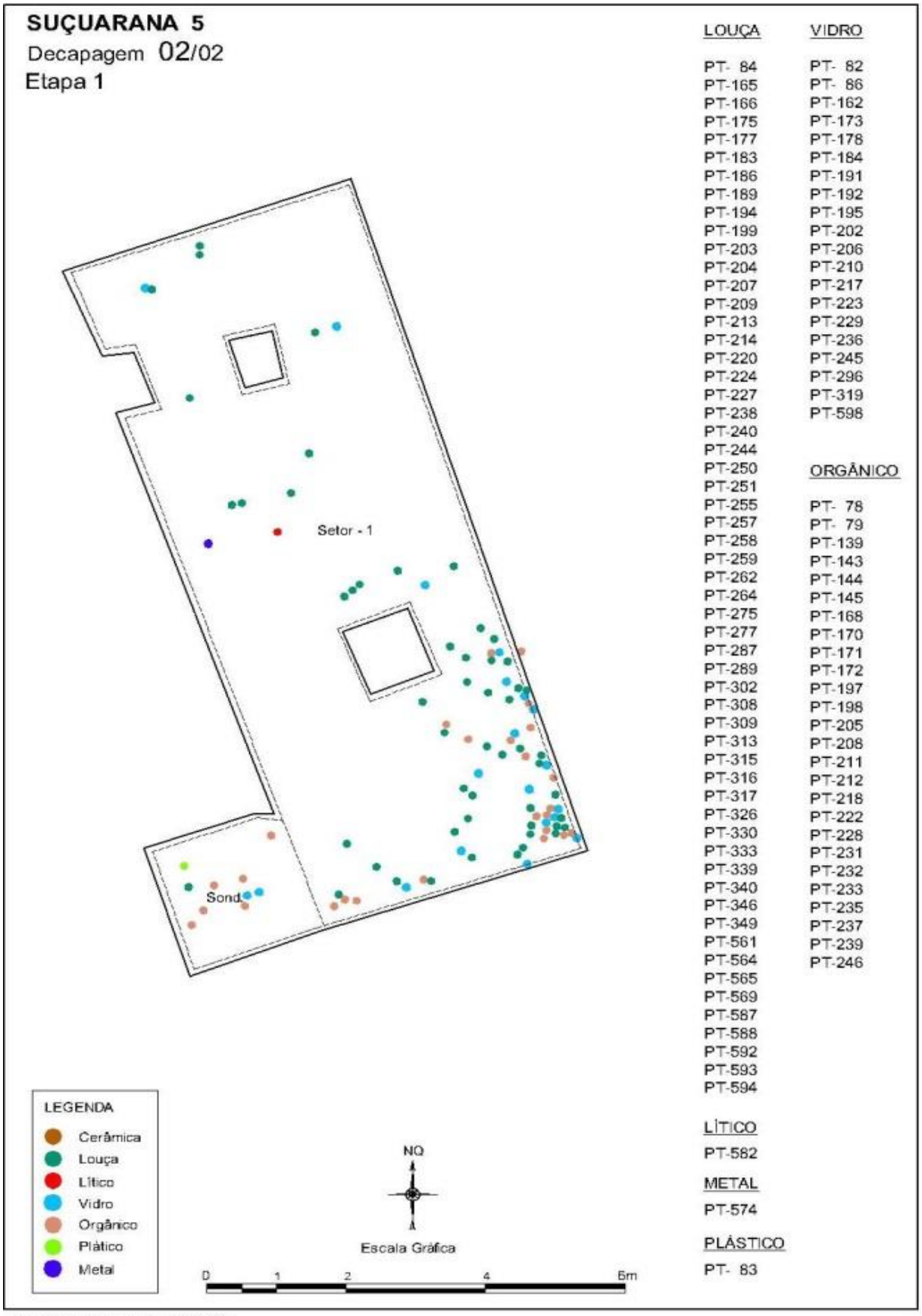
Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros

Figura 37 – Distribuição espacial dos artefatos arqueológicos



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 38 – Distribuição espacial dos artefatos arqueológicos



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 39 - Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.1.6 Suçuarana 6 (Código 181.6)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico do povoado de Roçado, com vestígios de uma antiga residência que, na fase de prospecção, em um espaço de aproximadamente 500 m², identificaram-se fragmentos de louça branca, cerâmica lisa, telha e vidro (SANTANA et al. 2014, p. 34).

A área do sítio estava completamente desnuda de vegetação arbórea, com exceção de um frondoso tamboril (*Enterolobium contortisiliquum*) e um pau de rato (*Poincianella pyramidalis*). Restava uma vegetação rasteira constituída de pinhão bravo (*Jatropha mollissima*) e malva da caatinga (*Sida galheirensis*) (Fig. 40). Na área delimitada encontraram-se muitos fragmentos de telha o que permitiu inferir ter sido uma casa de taipa coberta com esse material de olaria.

Neuza Rodrigues de Oliveira (2015) diz que o sítio arqueológico Suçuarana 6 foi residência de Umbelino Ferreira, filho de Firmiano Ferreira Gomes, fundador da Fazenda Roçado. Umbelino era casado com Januária.

Figura 40 – Tamboril, pau de rato, pinhão bravo e malva da caatinga



Fotos: Kestering (2015)

2.1.6.1 Resgate

Iniciou-se o resgate arqueológico com o georreferenciamento da área do sítio (Fig. 41). Prosseguiu-se com a identificação e coleta dos artefatos de superfície. Onde se encontravam fragmentos de louça, vidro ou cerâmica, fazia-se a limpeza do terreno para identificar e coletar outros fragmentos que a ele pudessem estar associados (Fig. 42). Todo o sedimento retirado foi peneirado (Fig. 43).

Observou-se que, em um afloramento do maciço de ortognaisse do Complexo Caraíba, havia dois almofarizes em rocha, o que despertou particular atenção porque sugeriam ocupação do local por grupos pré-coloniais que os teriam utilizado para tritura de milho ou de tubérculos (Fig. 44). Não se encontrou, porém, qualquer outro indicativo de presença pré-colonial no local o que levou a equipe de resgate a inferir terem sido utilizados no período histórico. Registraram-se, acondicionaram-se provisoriamente em sacos plásticos, plotaram-se e coletaram-se todos os artefatos e fragmentos arqueológicos encontrados (Fig. 45). No lugar em que se identificou maior concentração de fragmentos de louça, vidro, cerâmica e olaria, definiu-se uma área de 4 m² (2m x 2 m) para a sondagem).

Escavou-se a área de 4 m² até 0,2 m de profundidade. Como não se encontrou qualquer artefato nem estrutura, reduziu-se a mesma para 2 m². Escavou-se a mesma até 0,4 m de profundidade onde se encontraram grânulos de ortognaisse do Complexo Caraíba (Fig. 46). Os sedimentos que se retiraram eram areno-argilosos. Dada à ausência de material arqueológico na sondagem, encerrou-se a escavação e o resgate do sítio.

Figura 41 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 42 – Identificação de artefatos com limpeza do entorno



Foto: Kestering (2015)

Figura 43 – Peneiramento dos sedimentos retirados do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 44 – Almofarizes em rocha



Fotos: Kestering (2015)

Figura 45 – Plotou-se e coletou-se todo o material arqueológico identificado



Foto: Kestering (2015)

Figura 46 – Sondagem concluída

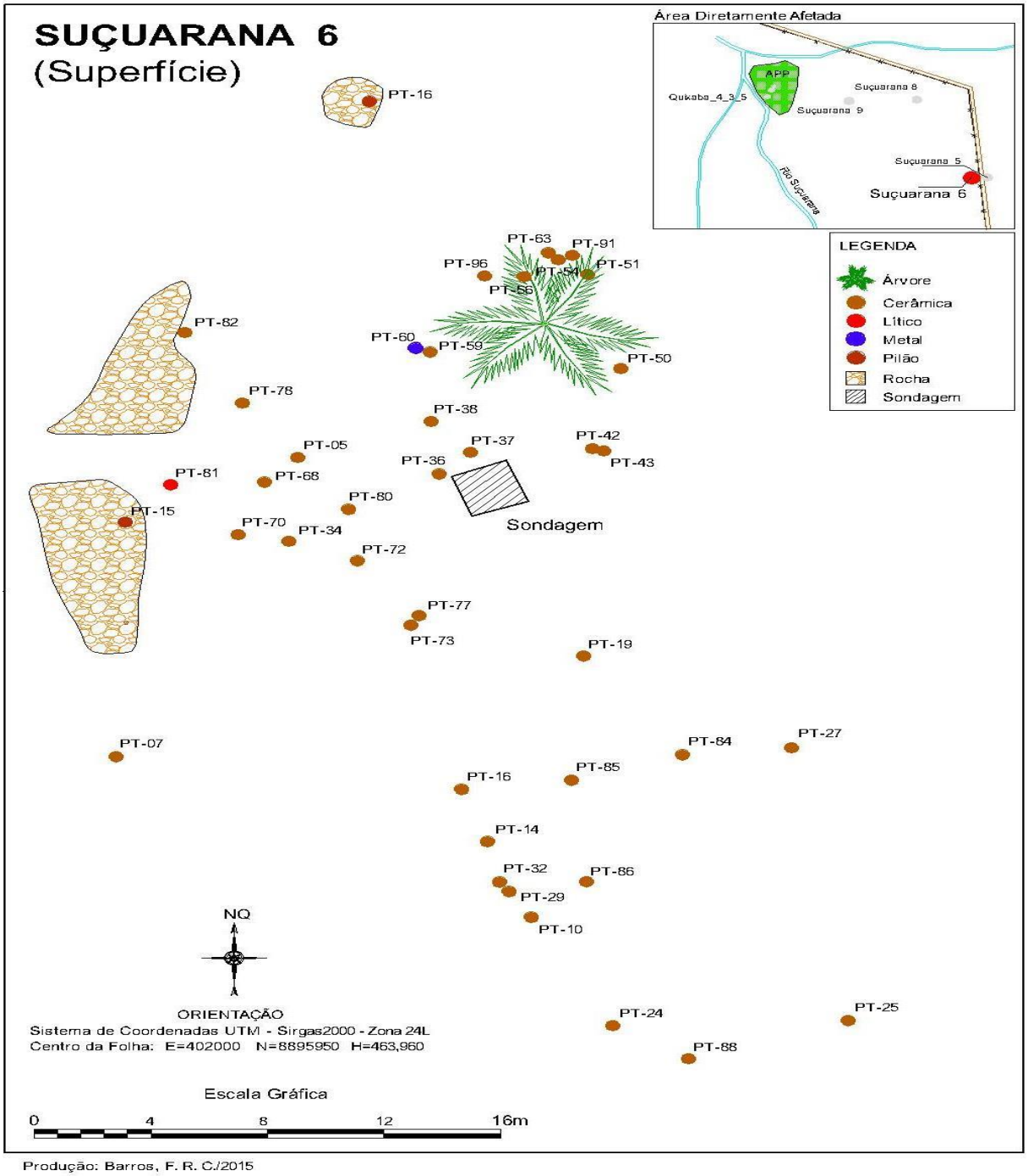


Foto: Kestering (2015)

2.1.6.2 Artefatos

Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e resgataram-se 303 as peças arqueológicas, quais sejam: 181 fragmentos de cerâmica; 71 fragmentos de louça; 41 fragmentos de vidro; 8 fragmentos de telha; 1 peça de metal e 1 artefato lítico. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 47 a 50).

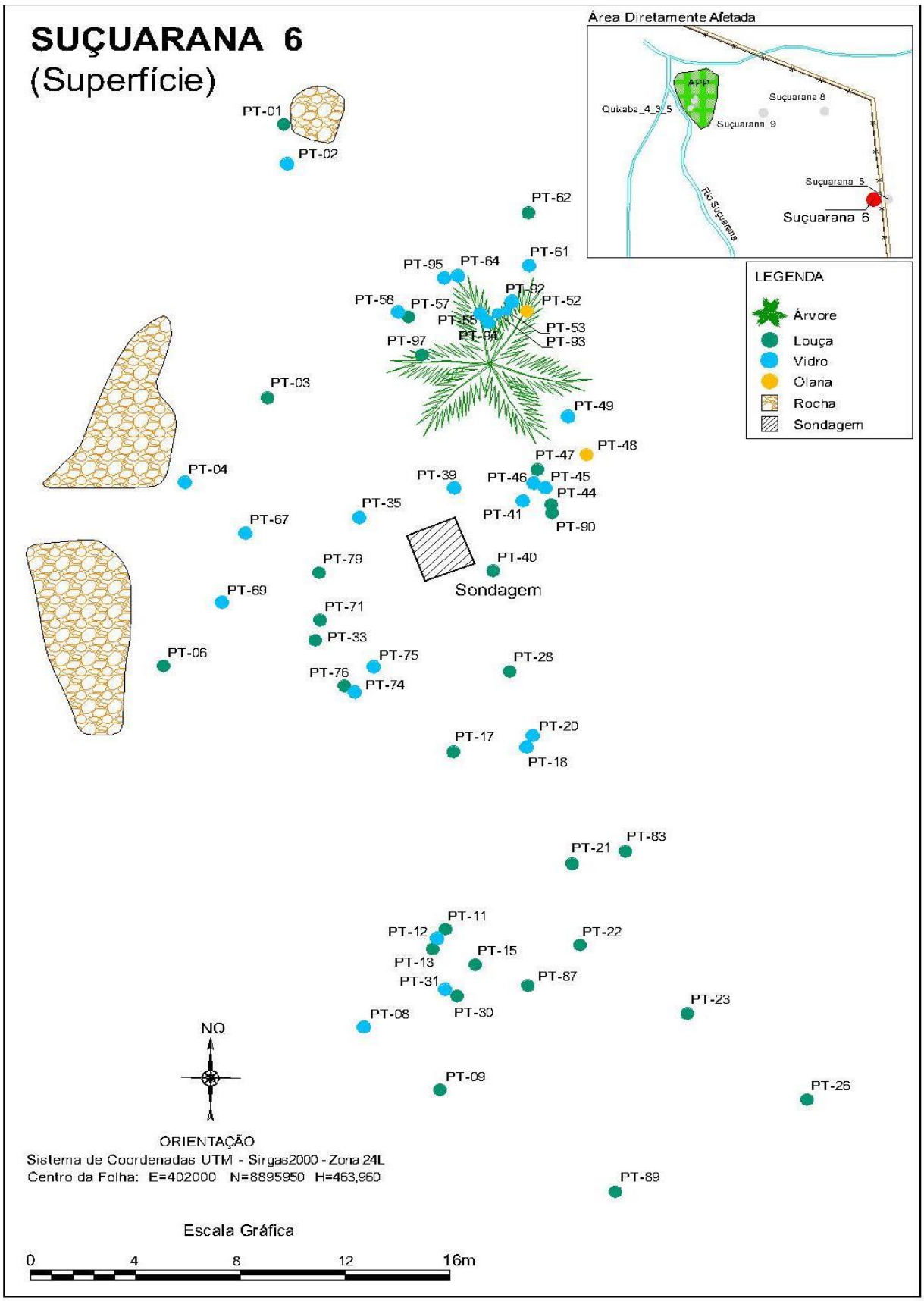
Figura 47 – Distribuição espacial dos artefatos na superfície do terreno



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

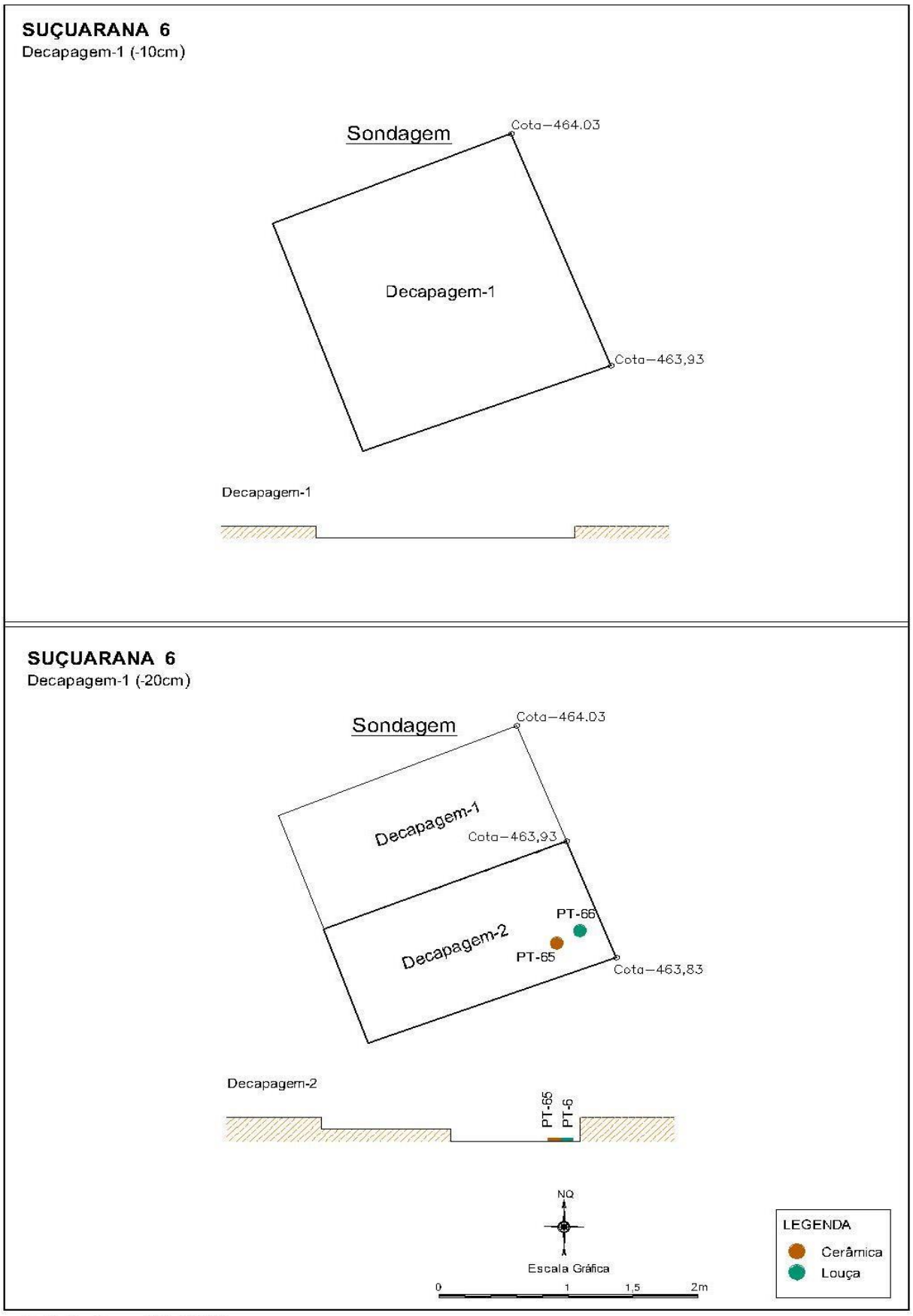
Figura 48 – Distribuição dos artefatos na superfície do terreno



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carbalho Barros (2015)

Figura 49 – Detalhes da sondagem



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros

Figura 50 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2014)

2.1.7 Suçuarana 8 (Código 181.8)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico onde, na fase de prospecção, havia um cômodo de casa que a população local dizia ser contemporânea aos sítios Suçuarana 5 e 6. Nele, em uma área de aproximadamente 1600 m², identificou-se material arqueológico como metal, vidro, porcelana, cerâmica e telhas (SANTANA et al. 2014, p. 73).

Muito embora se tenha demolido o cômodo e suprimida a vegetação próxima, preservavam-se um frondoso umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) e um juazeiro (*Ziziphus joazeiro*) em cujo entorno grassavam a malva da caatinga (*Sida galheirensis*) e o pinhão bravo (*Jatropha mollissima*) (Fig. 51). Essas duas árvores serviam de apêndices da residência, como em muitas casas da região. Junto a elas havia restos da estrutura de uma residência e, sob as suas copas, em um depósito de rejeitos domésticos, abundantes fragmentos de louça, vidro, metal e cerâmica.

Conforme relato de Neuza Rodrigues de Oliveira (2015), a residência correspondente ao sítio arqueológico Suçuarana 8 foi construída e habitada por ela mesma, sua mãe Rosa Balbino da Cunha (Fig. 52), seu marido José Alexandre de Oliveira, sua sogra Jovina Fernandes de Oliveira (Fig. 53) e sua filha Rosimeire Rodrigues de Oliveira. José Alexandre de Oliveira nasceu no dia 09 de abril de 1945. Neuza Rodrigues de Oliveira nasceu no dia 09 de julho de 1942. Casaram-se no dia 10 de fevereiro de 1974, no povoado de Santa Rosa, município de Jaguarari - BA (Fig. 54). Toda a família dedicava-se à agricultura de subsistência e ao criatório.

Figura 51 – Umbuzeiro, juazeiro, pinhão bravo e malva da caatinga



Fotos: Kestering (2015)

Figura 52 – Rosa Balbino da Cunha, mãe de Neuza Rodrigues de Oliveira



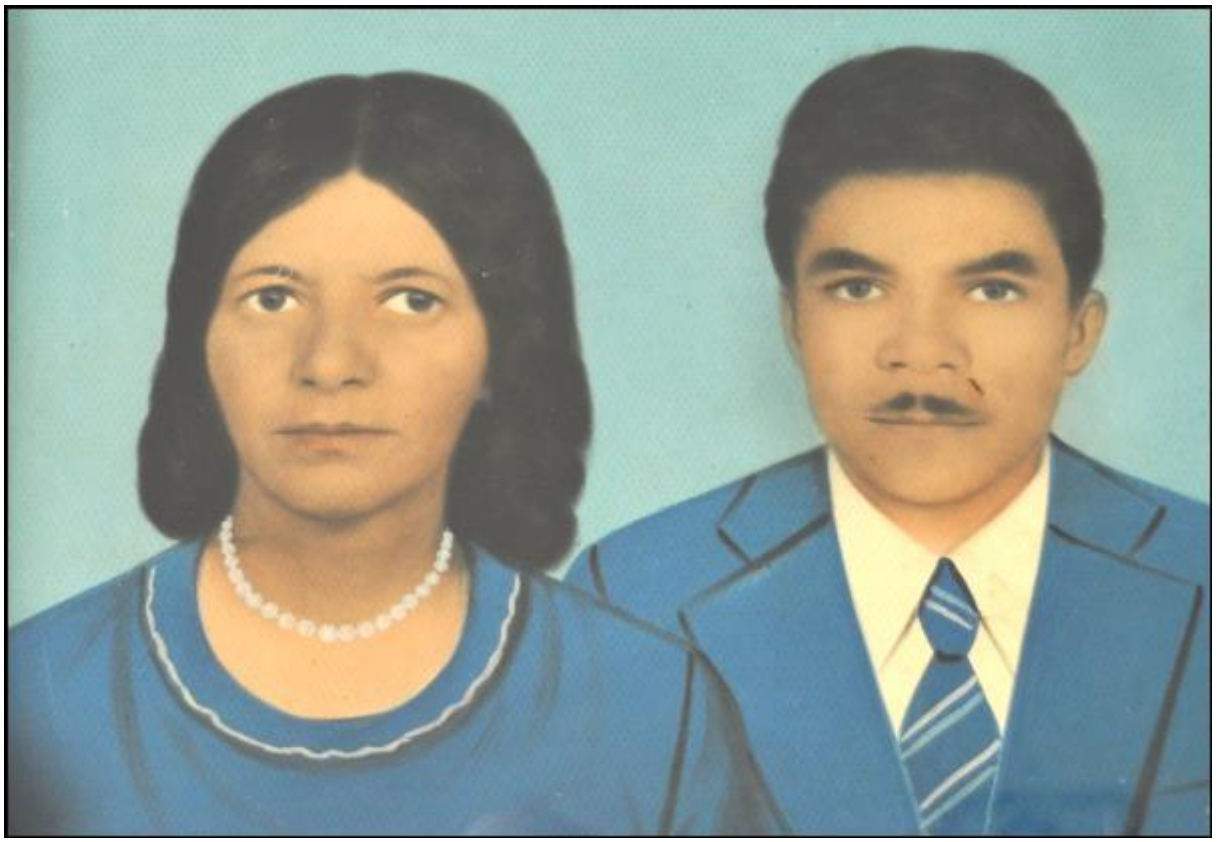
Fonte: Acervo pessoal de Neuza Rodrigues de Oliveira e José Alexandre de Oliveira

Figura 53 – Jovina Fernandes de Oliveira, mãe de José Alexandre de Oliveira



Fonte: Acervo pessoal de Neuza Rodrigues de Oliveira e José Alexandre de Oliveira

Figura 54 – Neuza Rodrigues de Oliveira e José Alexandre de Oliveira



Fonte: Acervo pessoal de Neuza Rodrigues de Oliveira e José Alexandre de Oliveira

Havia uma primeira casa construída por José Maxi de Sena em 1937. Essa casa foi desmanchada em 1981. Restou a cozinha da casa que era construída de adobe cru. Essa cozinha resistiu até o ano de 2014 quando a Mineração Caraíba a indenizou, trocando-a por uma casa no distrito de Pilar.

Jovina Fernandes de Oliveira, mãe de José Alexandre de Oliveira e Rosa Balbino da Cunha, mãe de Neuza Rodrigues de Oliveira moraram nessa casa até o final de suas vidas. A mãe de José Alexandre faleceu em 1989 e a mãe de Neuza, no dia 07 de dezembro de 2009. Rosimeire Rodrigues de Oliveira, filha do casal, é professora formada. Inicialmente ensinou em um prédio escolar da Quixaba.

2.1.7.1 Resgate

Iniciou-se o resgate arqueológico com o georreferenciamento da área do sítio (Fig. 55). Prosseguiu-se com a identificação e coleta dos artefatos de superfície (Fig. 56). Nos lugares onde se encontravam fragmentos de louça, vidro ou cerâmica, fazia-se a limpeza do terreno, com decapagem de 0,05 m a 0,1 m por 1,5 a 2 m de circunferência, para identificar e coletar outros fragmentos que a ele pudessem estar associados (Fig. 57).

Nos escombros da antiga residência, havia animais peçonhentos como lacraia (*Scolopendra spp*) e escorpião amarelo (*Tityus serrulatus*) (Fig. 58 e 59). Todo o sedimento retirado foi peneirado para evitar o descarte de artefatos ou fragmentos deles, não vistos na escavação (Fig. 60).

Registraram-se, acondicionaram-se em sacos plásticos, plotaram-se e coletaram-se todos os artefatos e fragmentos arqueológicos encontrados (Fig. 61 e 62). No lugar em que havia rejeitos domésticos e se identificou maior concentração de fragmentos de louça e cerâmica, definiu-se uma área de 4 m² (2 m x 2 m) para a sondagem (Fig. 63).

Escavou-se até a base da camada dos rejeitos, a 0,2 m de profundidade. Nessa camada encontraram-se fragmentos de osso, cerâmica, louça e vidro. Reduziu-se, então, a sondagem para 2 m² que se escavou até 0,4 m de profundidade onde se encontraram grânulos de ortognaisse do Complexo Caraíba intemperizados (Fig. 64).

Os sedimentos que se retiraram nessa camada eram areno-argilosos. Neles não havia qualquer artefato arqueológico. Ampliou-se, então, a escavação para a coleta dos restos arqueológicos da camada de rejeitos domésticos (Fig. 65).

Figura 55 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 56 – Coleta dos artefatos de superfície



Foto: Kestering (2015)

Figura 57 – Limpeza com decapagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 58 – Lacraia nos escombros da antiga residência



Foto: Kestering (2015)

Figura 59 – Escorpião amarelo



Foto: Kestering (2015)

Figura 60 – Peneiramento dos sedimentos



Foto: Kestering (2015)

Figura 61 – Registro dos artefatos em etiquetas



Foto: Kestering (2015)

Figura 62 – Plotagem dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

Figura 63 – Definição da área da sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 64 – Finalização da sondagem com 0,4 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

Figura 65 – Ampliação da sondagem para definição do setor 1

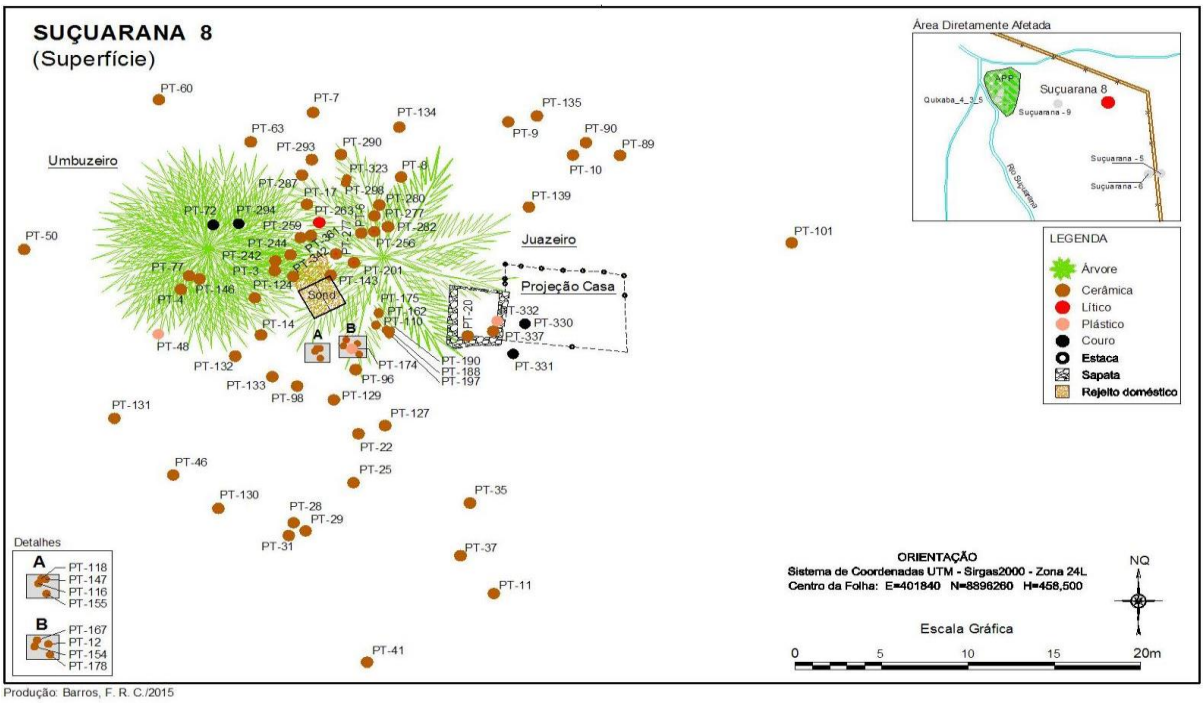


Foto: Kestering (2015)

2.1.7.2 Artefatos

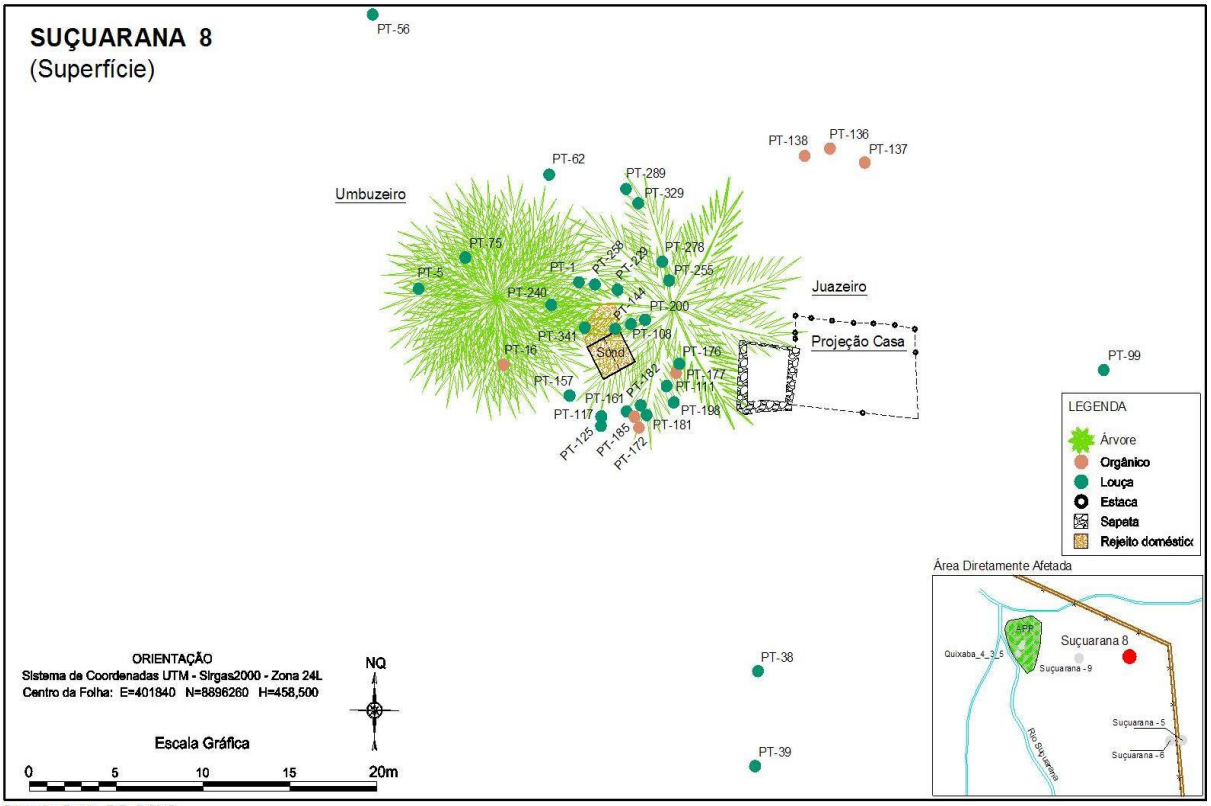
Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e resgataram-se 1559 peças arqueológicas, quais sejam: 765 fragmentos de cerâmica; 179 fragmentos de louça; 450 fragmentos de vidro; 2 fragmentos de olaria; 42 peças de metal; 1 artefato lítico; 114 restos orgânicos e 6 outros. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 66 a 72).

Figura 66 – Distribuição espacial dos vestígios arqueológicos na superfície do terreno



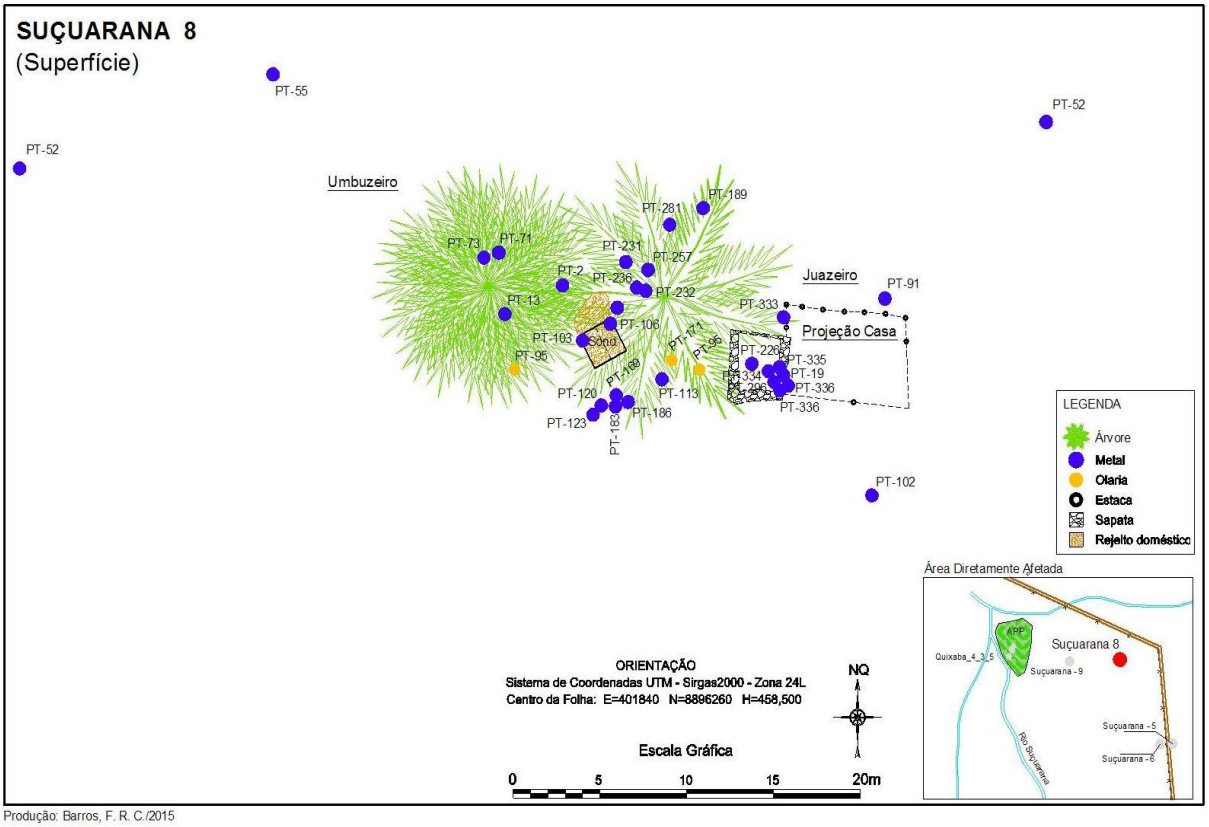
Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 67 – Distribuição espacial dos vestígios arqueológicos na superfície do terreno



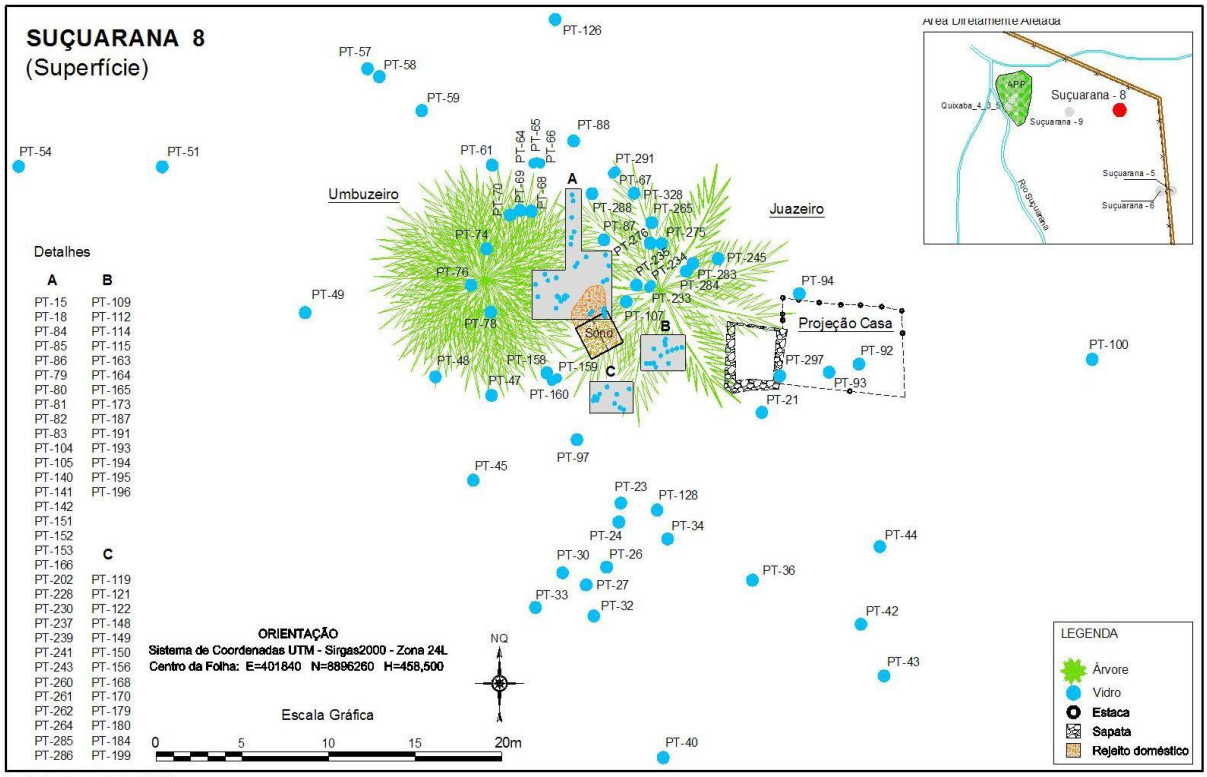
Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 68 – Distribuição espacial dos vestígios arqueológicos na superfície do terreno



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

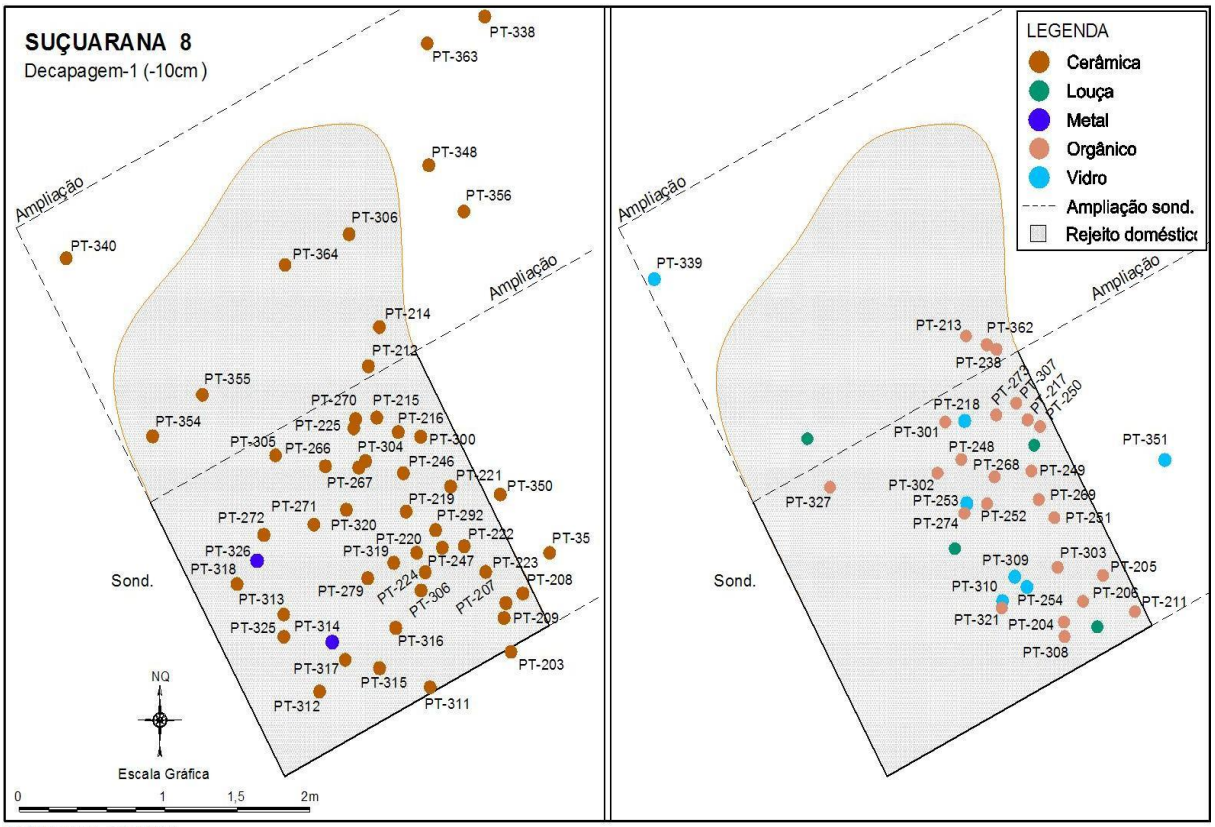
Figura 69 – Distribuição espacial dos vestígios arqueológicos na superfície do terreno



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

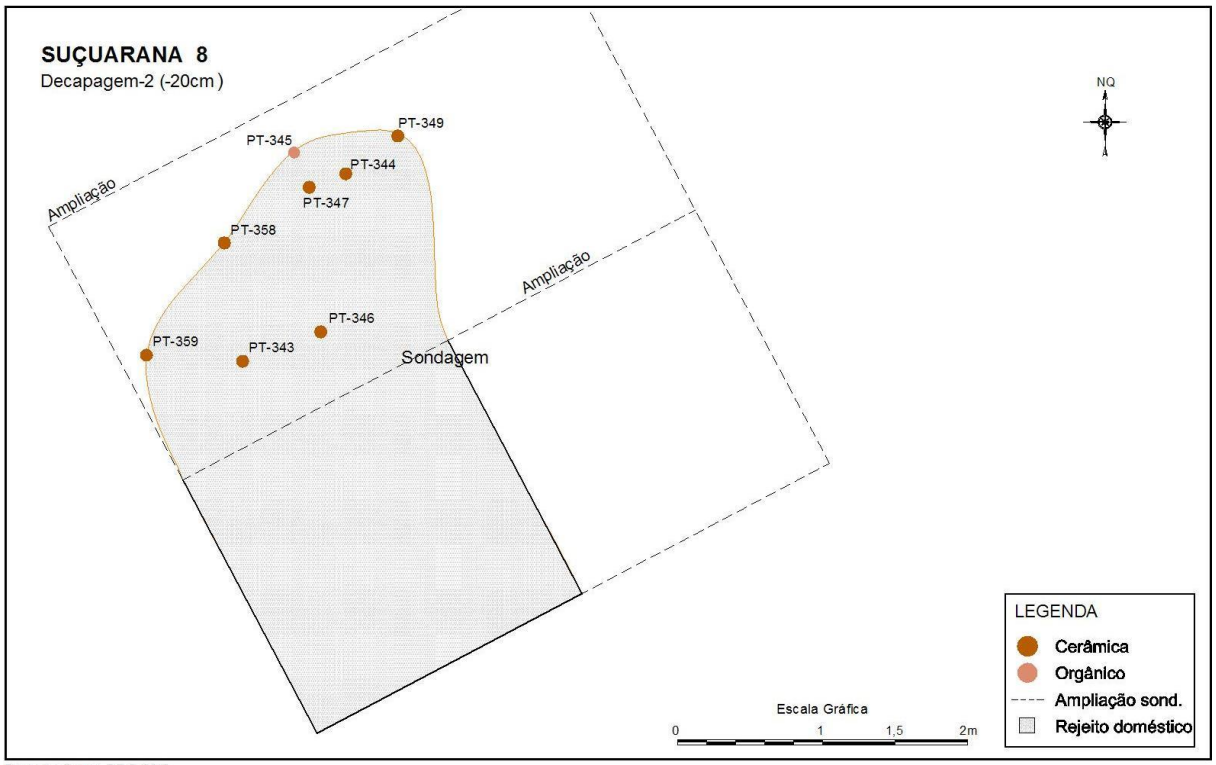
Figura 70 – Distribuição espacial dos artefatos da camada de rejeitos domésticos



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 71 – Distribuição espacial dos artefatos da camada de rejeitos domésticos



Produção: Barros, F.R.C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 72 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.1.8 Suçuarana 9 (Código 181.9)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico do povoado de Roçado, com indícios de uma antiga residência onde, na fase de prospecção, em um espaço de aproximadamente 2400 m², identificaram-se fragmentos de cerâmica, telha, porcelana e vidro. Localiza-se nas coordenadas UTM24L 401647, UTMN 8896233, 466 m de altitude (SANTANA et al. 2014, p. 74).

A área do sítio estava completamente desnuda de vegetação arbórea, com exceção de um juazeiro (*Ziziphus joazeiro*). Restava apenas uma vegetação rasteira de malva da caatinga (*Sida galheirensis*) (Fig. 73). Não se encontrou qualquer estrutura da antiga residência. Encontraram-se, porém, alguns fragmentos de telha o que permitiu inferir ter sido uma casa de taipa com cobertura de telha.

Figura 73 – Juazeiro (*Ziziphus joazeiro*)



Fotos: Kestering (2015)

Oliveira (2015) diz que a casa foi construída e habitada por Vicente Fernandes de Oliveira, avô de José Alexandre de Oliveira. Ele era primo legítimo de Sinhá Rosa, avó de Neuza Rodrigues de Oliveira. Vicente nasceu na Fazenda Quixaba e casou-se com Emiliana Maria de Jesus, nascida na Fazenda Roçado.

Vicente e Emiliana tiveram sete filhos que nasceram e se criaram nessa casa. O sobrenome de todos eles era Fernandes de Oliveira. Eram eles: Antônio, Pedro, José, Jovina, Ana, Bertolino e Maria. Jovina Fernandes de Oliveira nasceu no dia 26 de julho de 1903. Ela casou-se com Sabino Alexandre Dias que nasceu no dia 22 de abril de 1904. Eram eles os pais de José Alexandre de

Oliveira e sogros de Neuza Rodrigues de Oliveira. Essa casa tinha uma sala e dois quartos. Não tinha cozinha. Cozinhava-se no alpendre. Vicente, Emiliana e os filhos não tinham vida diferente das demais famílias da região. Eles passaram a vida toda nessa casa. Praticavam agricultura de subsistência e dedicavam-se à criação de animais domésticos.

> Por sinal, ele morreu dentro da roça. Ele saiu para trabalhar mais as filhas Ana, Jovina e uma prima delas chamada Eliziária. Aí estavam plantando feijão. Ele morreu no dia 06 de março de 1937. Emiliana morreu de velhice. (OLIVEIRA, 2015)

2.1.8.1 Resgate

Iniciou-se o resgate arqueológico com o georreferenciamento da área do sítio (Fig. 74). Prosseguiu-se com uma varredura para identificar artefatos na superfície do terreno (Fig. 75). Nos lugares onde se encontravam fragmentos de louça, vidro ou cerâmica, fazia-se a limpeza do terreno, com decapagem de 0,05 m a 0,1 m e 1,5 a 2 m de circunferência, para identificar e coletar fragmentos que a ele pudessem estar associados (Fig. 76). Todo o sedimento retirado foi peneirado (Fig. 77). Registraram-se, acondicionaram-se em sacos plásticos, plotaram-se e coletaram-se todos os artefatos e fragmentos arqueológicos (Fig. 78). No lugar em que se identificou maior concentração de fragmentos de louça e cerâmica, definiu-se uma área de 4 m² (2 m x 2 m) para a sondagem (Fig. 79).

Figura 74 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 75 – Identificação de artefatos na superfície do terreno



Foto: Kestering (2015)

Figura 76 – Identificação de artefatos com limpeza do entorno



Foto: Kestering (2015)

Figura 77 – Peneiramento dos sedimentos retirados do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 78 – Plotagem e coleta de artefatos



Fotos: Kestering (2015)

Figura 79 – Definição da área para sondagem



Foto: Kestering (2015)

Escavou-se a área de 4 m² até 0,2 m de profundidade. Como não se encontrou qualquer artefato nem estrutura arqueológica, reduziu-se a mesma para 2 m². Escavou-se a área reduzida, até 0,4 m de profundidade onde se encontraram grânulos de ortognaisse intemperizados do Complexo Caraíba (Fig. 80).

Figura 80 – Sondagem

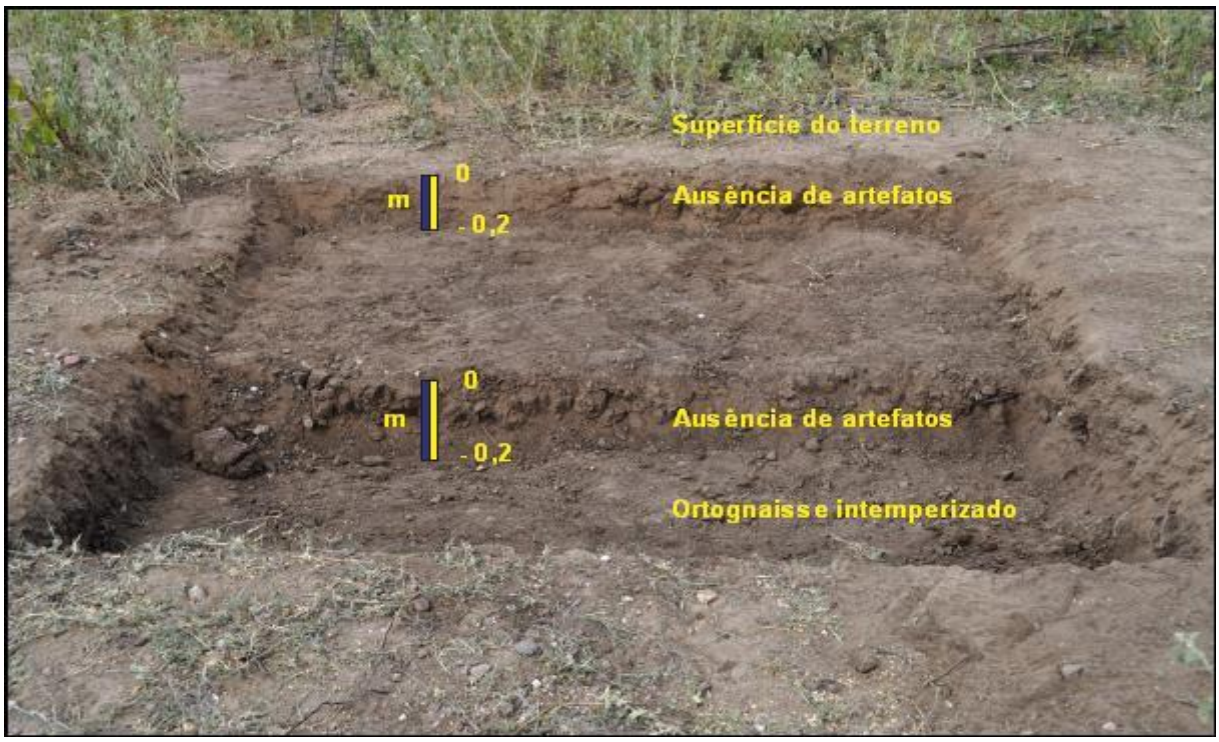
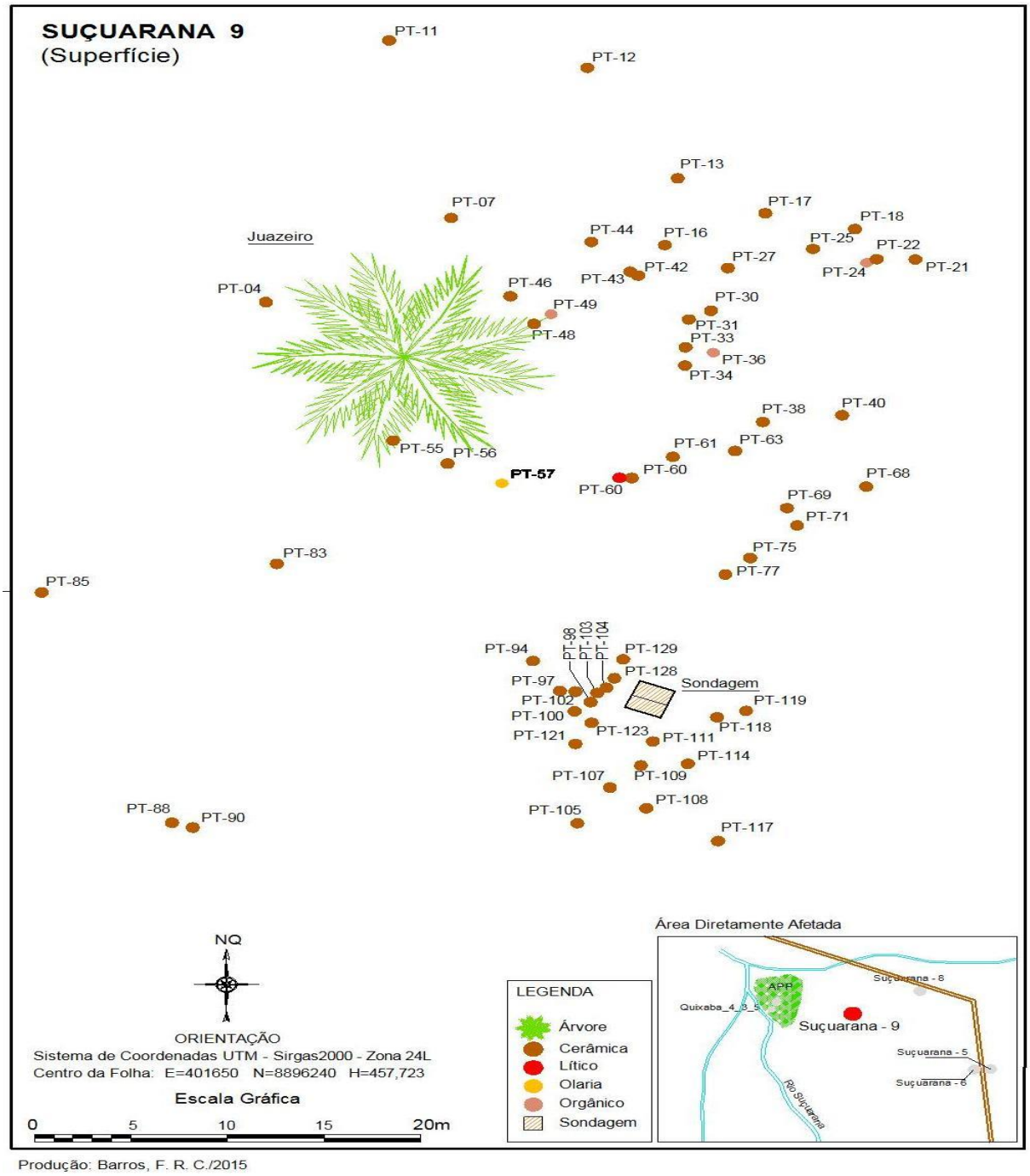


Foto: Kestering (2015), modificada pelos autores

2.1.8.2 Artefatos

Identificaram-se, registraram-se e plotaram-se e resgataram 1094 peças arqueológicas, quais sejam: 751 fragmentos de cerâmica; 265 fragmentos de louça; 63 fragmentos de vidro; 7 fragmentos de olaria; 1 artefato lítico e 7 restos orgânicos. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 81 a 84).

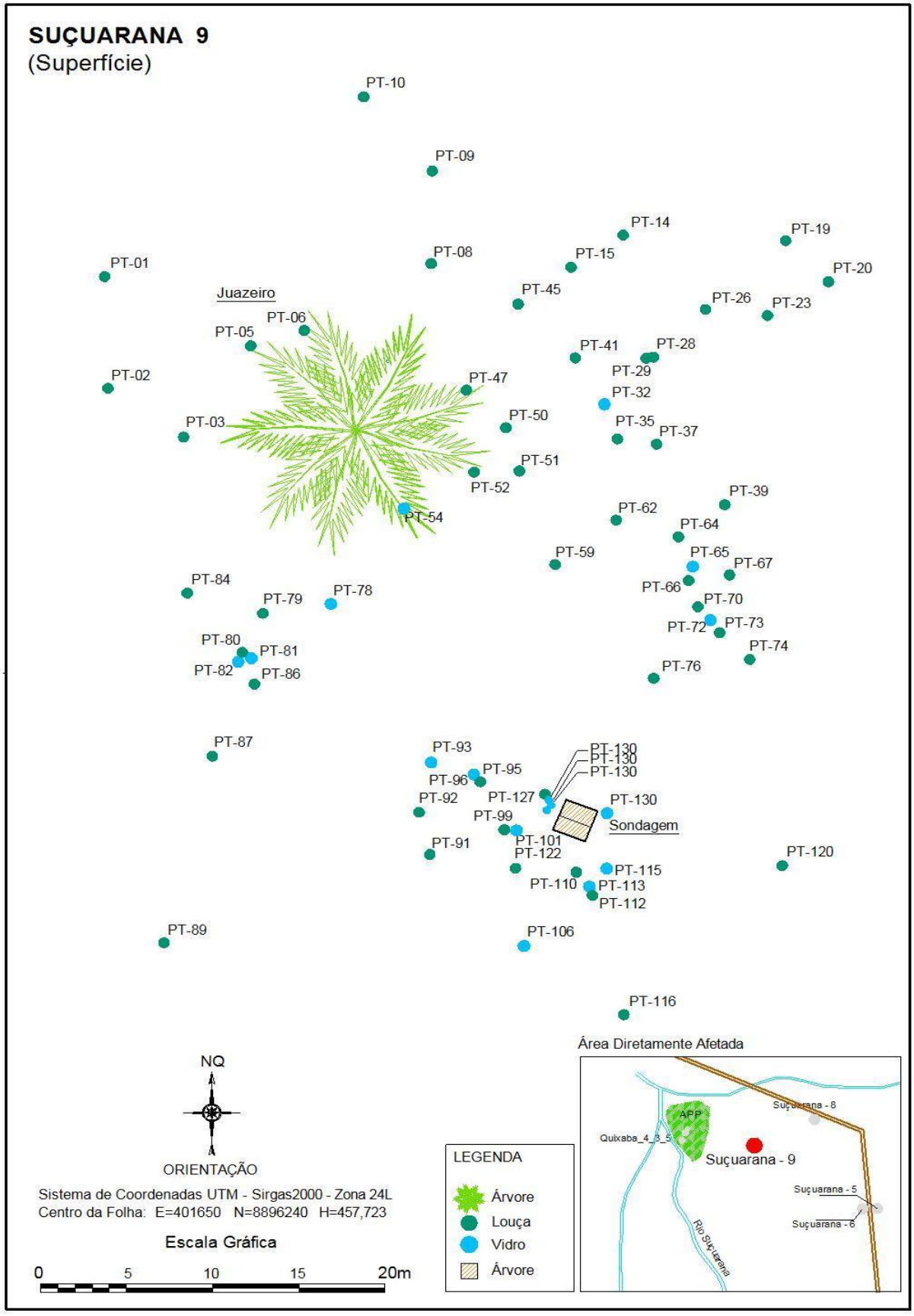
Figura 81 – Distribuição dos artefatos arqueológicos na superfície do terreno



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

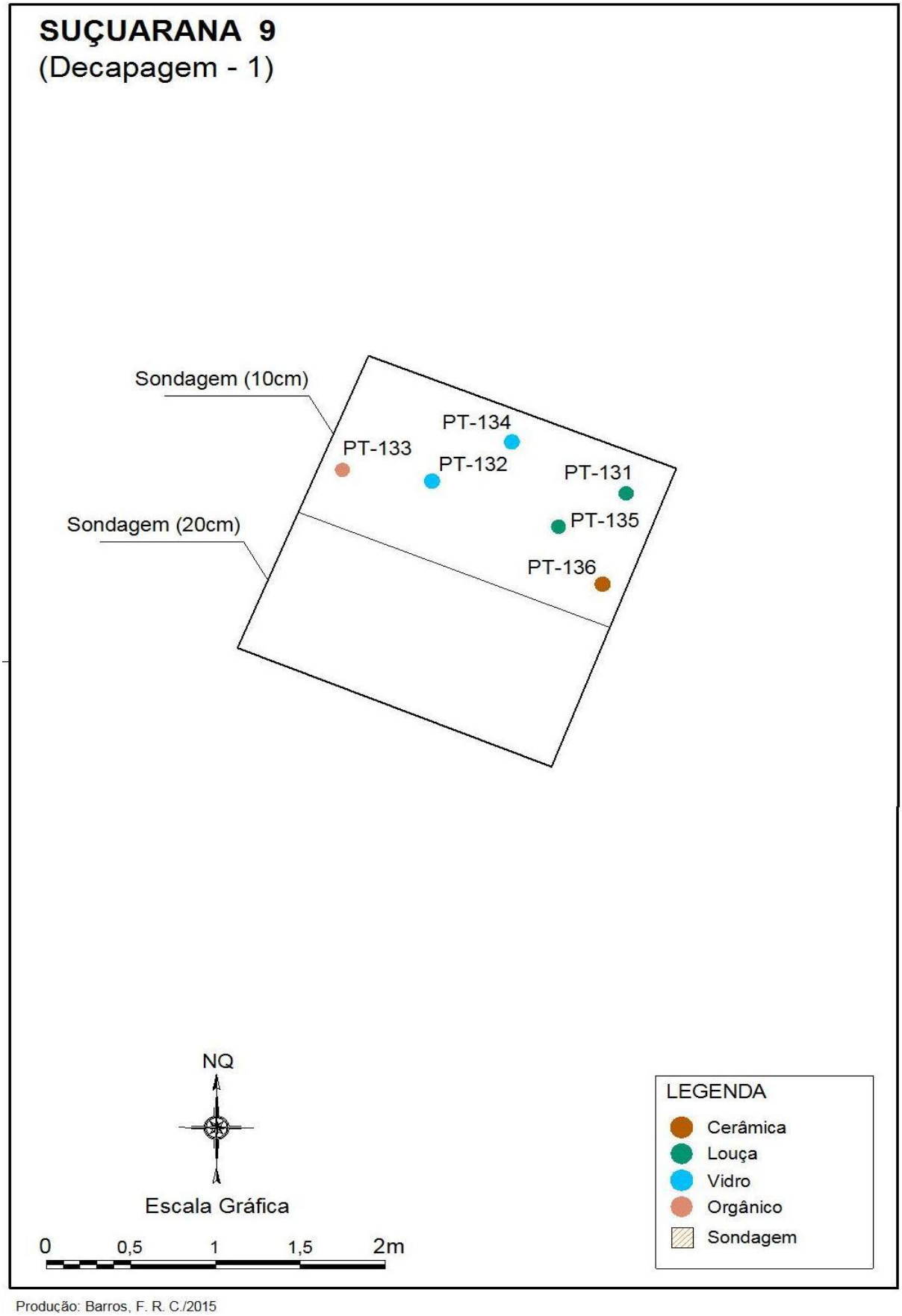
Figura 82 – Distribuição dos artefatos arqueológicos na superfície do terreno



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 83 – Distribuição espacial dos artefatos arqueológicos na sondagem



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 84 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.2 Área de Influência Direta (AID)

Na Área de Influência Direta (AID) da Mina Suçuarana, destinaram-se sete sítios arqueológicos ao resgate e documentação detalhada. Dois deles, Suçuarana 1 (Código 181.1) e Poço da Queimada (código 184.1) possuem registros rupestres. Outros cinco, Quixaba 2 (código 180.2), Suçuarana 2 (código 181.2), Corrência 3 (código 185.3), Corrência 5 (código 185.5) e Santa Maria 2 (código 186.2) são de ocupação histórica (SANTANA et al. 2014, p. 87).

Dado o fato, porém, de o sítio Suçuarana 1 situar-se no Serrote dos Paredões (SANTANA et al. 2014, p. 38) e distribuírem-se os painéis de pintura rupestre em três matacões distintos, com granulometria e geomorfologia diferenciadas, propõe-se o seu desmembramento em três unidades. Sugere-se caracterizá-los como Paredão 1 (código 190.1, Paredão 2 (código 190.2 e Paredão 3 (190.3).

Com base no mesmo pressuposto e por situar-se no serrote conhecido como Pedra dos Caboclos (SANTANA et al. 2014, p. 50, propõe-se renomear o sítio Poço da Queimada e desmembrá-lo em três, designando-os como Caboclo 1 (código 184.1), Caboclo 2 (código 184.2) e Caboclo 3 (código 184.3) (Fig. 85).

Figura 85 – Croqui da distribuição espacial dos sítios históricos e pré-históricos na AID



Fonte: Google Earth (2015), modificada pelos autores

2.2.1 Suçuarana 1 (181.1)

O sítio arqueológico Suçuarana 1 (código 181.1) caracteriza-se como um afloramento do maciço do Complexo Caraíba onde se identificam algumas estruturas arqueológicas quais sejam: dois almofarizes em rocha e três caldeirões esculpidos pela erosão diferencial (Fig. 86 e 87). Situa-se nas coordenadas UTM24L 402703; UTMN: 8894639; 524 m de altitude. Tem orientação leste – oeste, abertura zênite e sedimentos aluviais. Mede 25 m de comprimento, 3 m de altura e 18 m de largura. Os caldeirões armazenam água da chuva que, até recentemente, se utilizava para dessedentação humana e dos animais domésticos.

Figura 86 – Almofarizes em rocha



Fotos: Kestering (2015)

Figura 87 – Caldeirões em rocha



Fotos: Kestering (2015)

2.2.1.1 Resgate

Iniciou-se o resgate com o georreferenciamento da área do sítio (Fig. 88). Prosseguiu-se com a identificação e coleta dos artefatos de superfície no entorno próximo do sítio. Identificaram-se, etiquetaram-se, plotaram-se e coletaram-se dois artefatos líticos que jaziam junto ao Riacho Suçuarana. Tratava-se de um plano convexo e um triturador. Ambos estavam descontextualizados. Eles devem ter sido transportados pela força de tração do riacho, durante a última enchente ocorrida no mês de dezembro de 2014 (Fig. 89). Julgou-se, por isso, desnecessário efetuar qualquer sondagem ou escavação.

Procedeu-se, então, ao levantamento topográfico do sítio com a plotagem dos almofarizes e dos caldeirões esculpidos no lajedo. Plotaram-se, também, os artefatos que jaziam nos sedimentos aluviais do riacho.

Figura 88 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 89 – Coleta dos artefatos de superfície

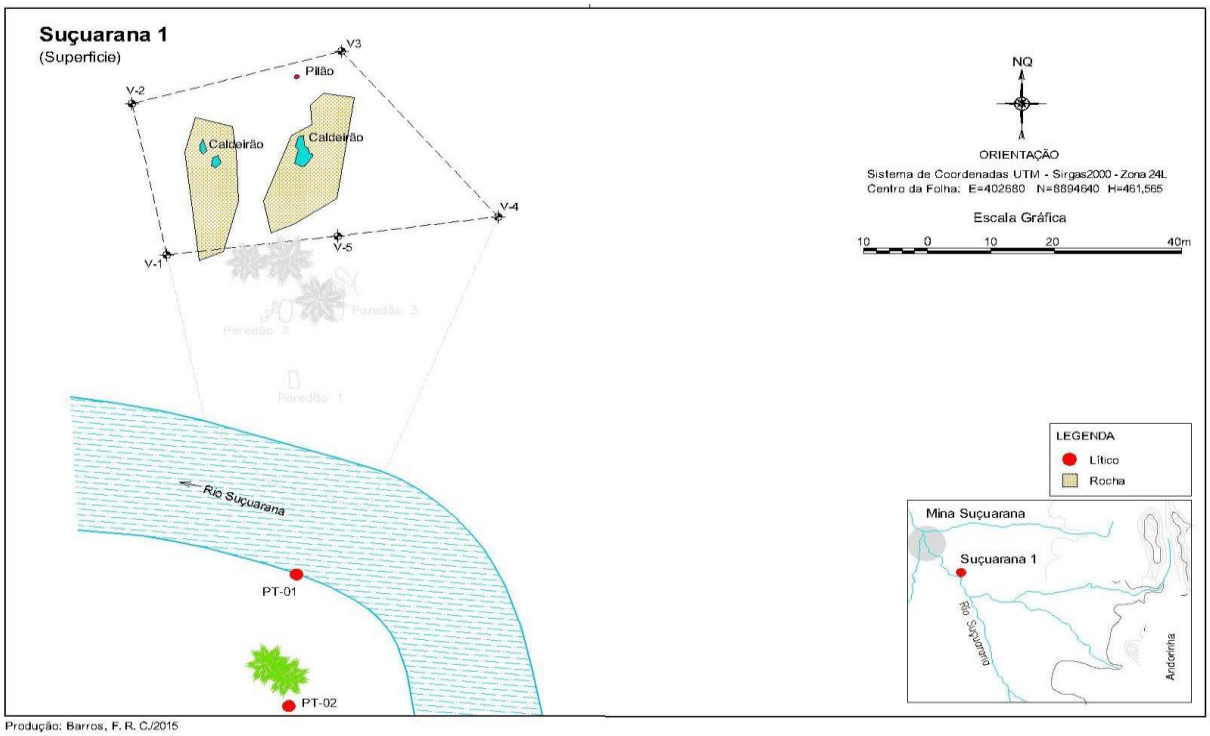


Foto: Kestering (2015)

2.2.1.2 Artefatos

Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e resgataram-se dois artefatos líticos. Transportou-se o material resgatado para o laboratório onde se realizou a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 90 e 91)

Figura 90 – Distribuição espacial dos artefatos líticos



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 91 - Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos

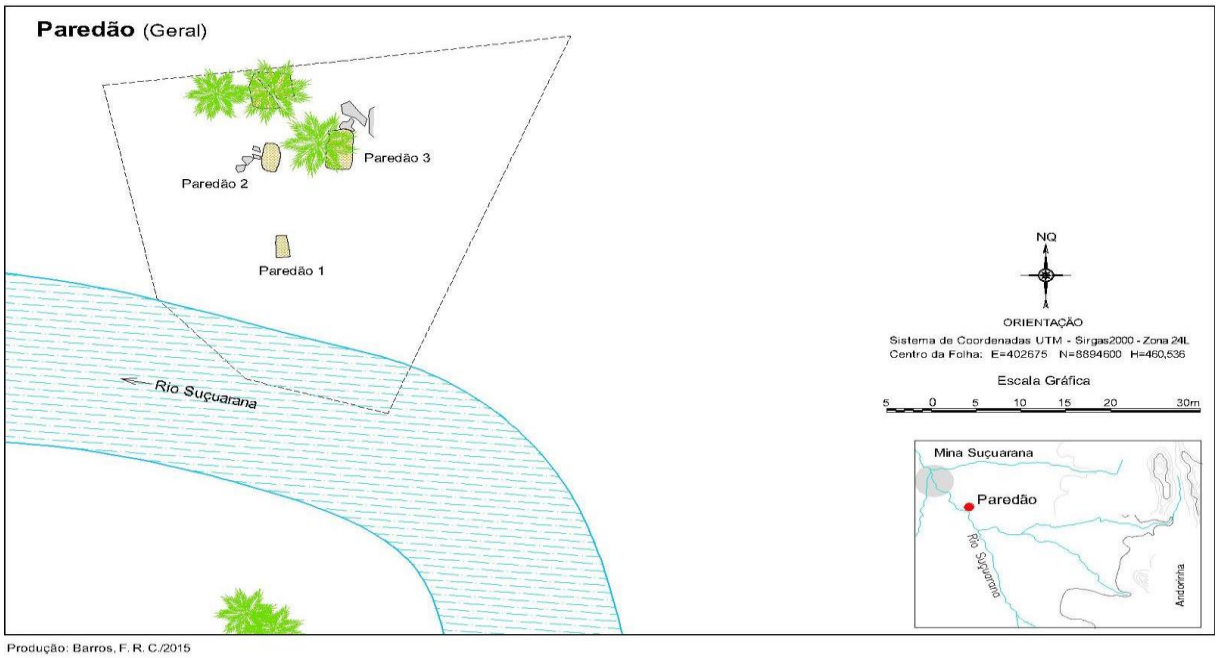


Foto: Kestering (2015)

2.2.2 Paredão 1 (190.1)

No espaço em que a equipe responsável pela prospecção identificou o sítio arqueológico Suçuarana 1, segregaram-se três sítios arqueológicos com painéis de pintura rupestre. São eles: Paredão 1, Paredão 2 e Paredão 3 (Fig. 92).

Figura – 92 – Distribuição espacial dos sítios com pintura rupestre



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros

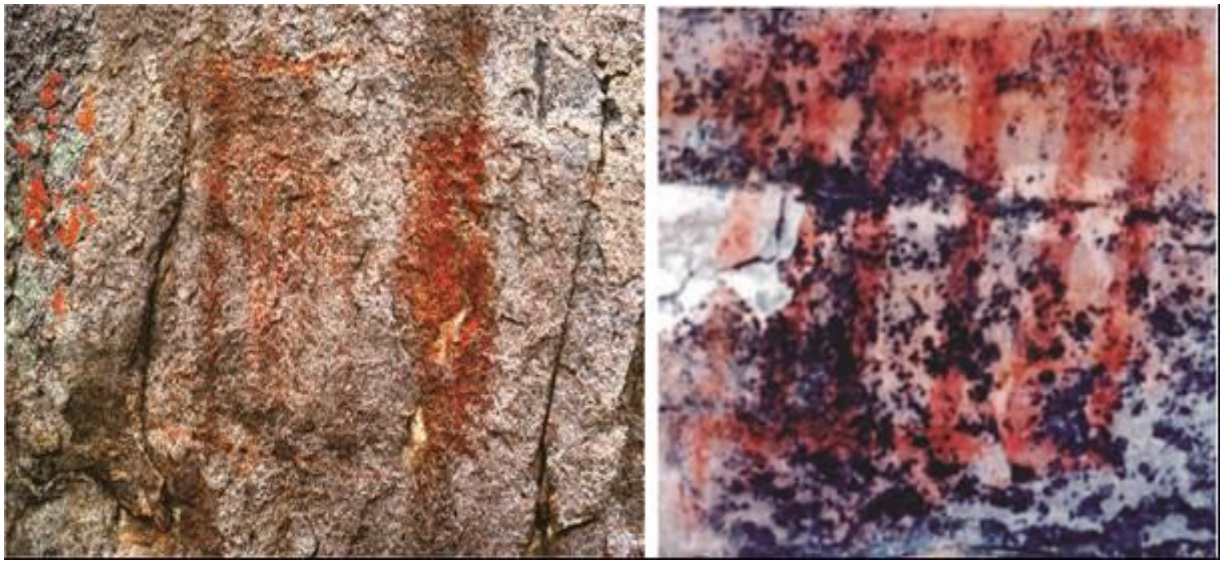
O sítio arqueológico Paredão 1 (código 190.1) caracteriza-se como um matacão em forma de parede. Situa-se na alta vertente do Serrote dos Paredões, nas coordenadas UTM24L 402696; UTMN: 8894638; 525 m de altitude. Tem orientação norte – sul, abertura leste e sedimentos do depósito de Tálus. Mede 3,2 m de comprimento, 6 m de altura e 0 m de largura. Possui uma figura vermelha isolada, realizada sobre um matacão de ortognaisse do Complexo Caraíba (Fig. 93). Ela é reconhecível e representa uma temática recorrente (RT-21) no Vale do Rio São Francisco (Fig. 94).

Figura 93 – Paredão 1 (190.1)



Foto: Kestering (2015)

Figura 94 – Painel 1 (Recorrência temática RT-21)



Fonte: Kestering (2007, p. 88)

2.2.2.1 Resgate

Por conter sedimentos com prováveis artefatos arqueológicos, sugeriu-se a realização uma sondagem (SANTANA et al., 2014, p. 39). Para efetivar a sugestão, fez-se uma limpeza do terreno com vistas a uma observação acurada para identificação de estruturas ou artefatos relacionados com o painel de pintura rupestre (Fig. 95). Como não se encontrou vestígio arqueológico algum na superfície do terreno, iniciou-se a escavação de uma sondagem junto ao suporte (Fig. 96).

Teve-se o cuidado de peneirar os sedimentos para evitar que se perdessem artefatos (Fig. 97). Depositaram-se os sedimentos a três metros da área da escavação, sem qualquer organização, como nas outras que se fizeram junto aos suportes de sítios arqueológicos com registros rupestres na Área Diretamente Afetada. Apesar de estar na Área de Influência Direta, deixou-se aberta a sondagem para que estudantes da região possam entender a dinâmica de deposição dos sedimentos.

O sedimento caracterizava-se como depósito de Tálus. Constituía-se de blocos e matacões angulosos de ortognaisse do Complexo Caraíba e areia. Não se encontrou nele resto algum de tinta. Encontraram-se, porém, alguns artefatos da indústria lítica pré-colonial (Fig. 98). Prosseguiu-se a escavação da sondagem até 0,5 m de profundidade. Não se prosseguiu porque a fenda onde se encontravam os sedimentos era muito estreita (Fig. 99).

Figura 95 – Sedimentos junto ao suporte com painel de pintura rupestre



Foto: Kestering (2015)

Figura 96 – Início da sondagem junto ao suporte



Foto: Kestering (2015)

Figura 97 – Peneiramento dos sedimentos



Foto: Kestering (2015)

Figura 98 – Artefatos da indústria lítica que se encontraram na sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 99 – Fim da sondagem com 0,5 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

2.2.2.2 Artefatos

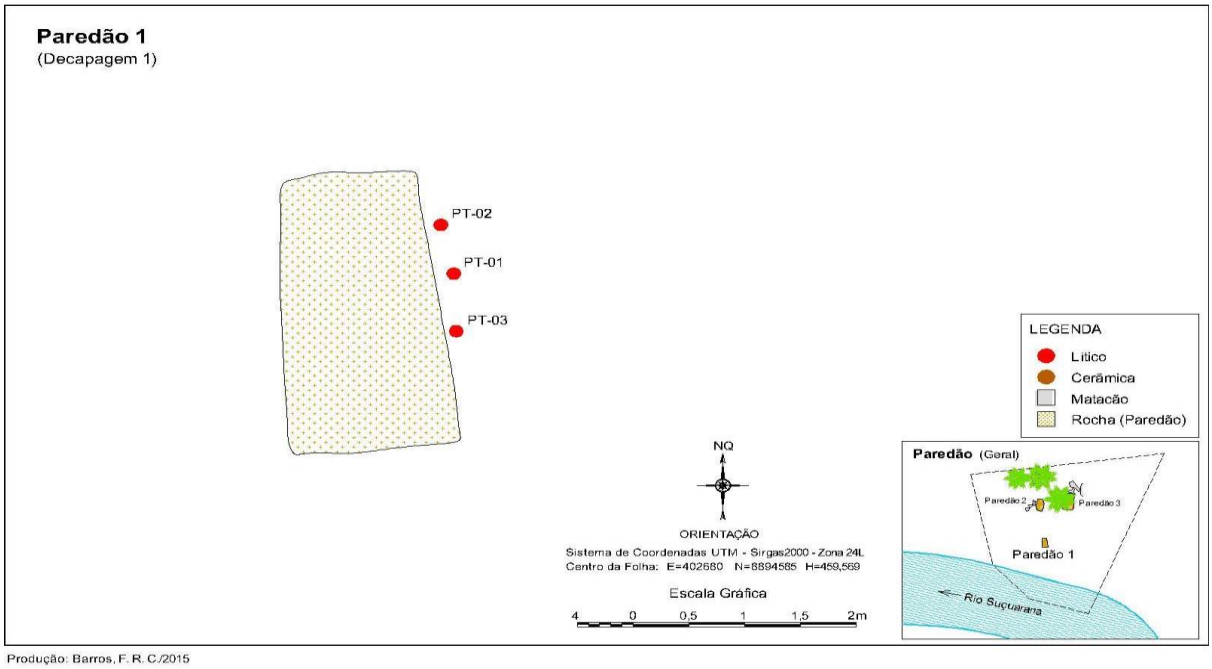
Identificaram-se, registraram-se e plotaram-se e coletaram três artefatos líticos. Transportou-se o material resgatado para o laboratório onde se realizou a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 100 a 102)

Figura 100 – Plotagem dos artefatos líticos



Foto: Kestering (2015)

Figura 101 – Croqui da distribuição espacial dos artefatos líticos



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 102 - Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos líticos



Foto: Kestering (2015)

2.2.3 Paredão 2 (190.2)

O sítio arqueológico Paredão 2 (código 190.2) caracteriza-se como um matacão de ortognaisse do Complexo Caraíba em forma de parede. Situa-se na alta vertente do Serrote dos Paredões, nas coordenadas UTM24L 402700; UTMN: 8894697; 526 m de altitude. Tem orientação norte – sul, abertura oeste e sedimentos do depósito de Tálus. Mede 5,4 m de comprimento, 6 m de altura e 0 m de largura. Possui cinco painéis de pintura e um de gravura rupestre (Fig. 103). Todas as figuras são reconhecíveis. Não se reconhece a temática de três pinturas. Duas delas, porém, representam recorrentes no Submédio São Francisco. São elas a RT-25 e a RT-16 (Fig. 104 e 105). A gravura do painel 6 representa temática ainda não identificada em outros sítios da região (Fig. 106).

Figura 103 – Paredão 2 (190.2)



Foto: Kestering (2015)

Figura 104 – Recorrência temática RT-25



Fonte: Kestering (2007, p. 89)

Figura 105 – Recorrência temática RT-16



Fonte: Kestering (2007, p. 87)

Figura 106 – Gravura rupestre cuja temática não é recorrente no Submédio São Francisco



Foto: Kestering (2015)

2.2.3.1 Resgate

Por conter sedimentos com prováveis artefatos arqueológicos, sugeriu-se a realização de uma sondagem (SANTANA et al., 2014, p. 39). Para efetivar a sugestão, fez-se uma limpeza do terreno com vistas a uma observação acurada para identificação de estruturas ou artefatos relacionados com o painel de pintura rupestre (Fig. 107).

Figura 107 – Sedimentos junto ao suporte com painéis de pintura rupestre



Foto: Kestering (2015)

Como não se encontrou vestígio arqueológico algum na superfície do terreno, iniciou-se a escavação de uma sondagem junto ao suporte (Fig. 108). Teve-se o cuidado de peneirar os sedimentos para evitar que se perdessem artefatos no processo de sua escavação (Fig. 109). Depositaram-se os sedimentos da sondagem a dois metros da área da escavação, sem qualquer organização, como nas outras que se fizeram junto aos suportes de sítios arqueológicos com registros rupestres na Área Diretamente Afetada. Apesar de estar na Área de Influência Direta, deixou-se aberta a sondagem para que estudantes da região possam entender a dinâmica de deposição dos sedimentos.

O sedimento caracterizava-se como depósito de Tálus. Constituía-se de blocos e matacões angulosos de ortognaisse do Complexo Caraíba e areia. Não se encontrou resto algum de tinta. Encontraram-se, porém, alguns artefatos da indústria lítica pré-colonial (Fig. 110). Prosseguiu-se a escavação da sondagem até 0,4 m de profundidade onde se encontrou o maciço do Complexo Caraíba (Fig. 111).

Figura 108 – Início da sondagem junto ao suporte



Foto: Kestering (2015)

Figura 109 – Peneiramento dos sedimentos



Foto: Kestering (2015)

Figura 110 – Artefatos da indústria lítica e fragmentos de cerâmica na sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 111 – Fim da sondagem com 0,4 m de profundidade

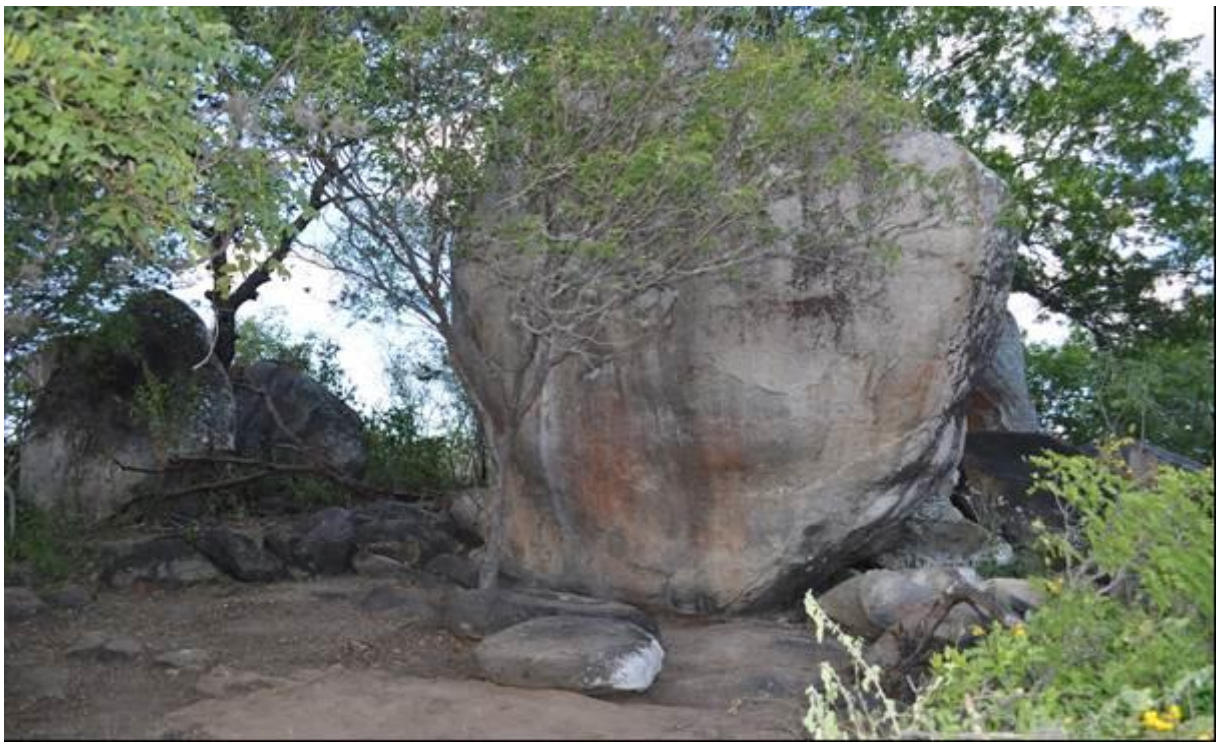


Foto: Kestering (2015)

2.2.3.2 Artefatos

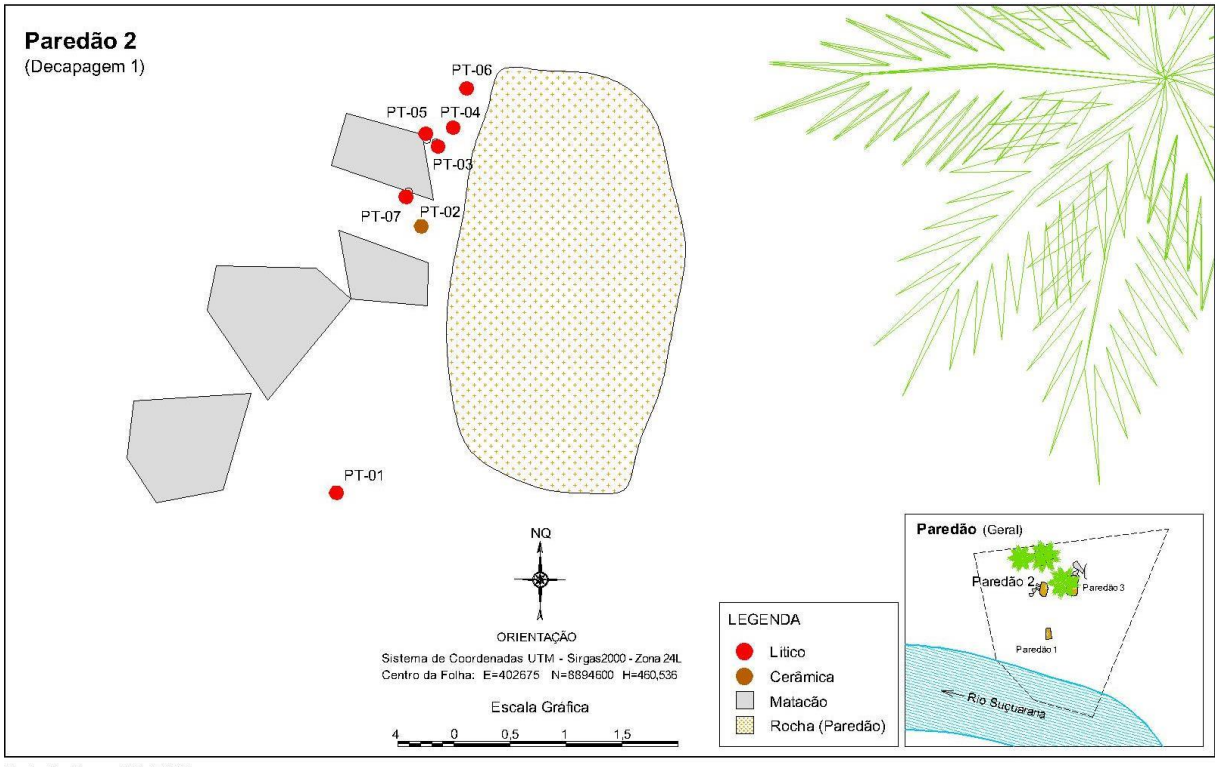
Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e coletaram-se sete peças arqueológicas, quais sejam: 1 fragmento de cerâmica e 6 artefatos líticos. Transportou-se o material resgatado para o laboratório onde se realizou a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 112 a 114).

Figura 112 – Plotagem dos fragmentos cerâmicos e artefatos líticos



Foto: Kestering (2015)

Figura 113 – Distribuição espacial dos fragmentos cerâmicos e artefatos líticos



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 114 - Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos líticos



Foto: Kestering (2015)

2.2.4 Paredão 3 (190.3)

O sítio arqueológico Paredão 3 (código 190.3) caracteriza-se como um matacão de ortognaisse do Complexo Caraíba em forma de parede. Situa-se na alta vertente do Serrote dos Paredões, nas coordenadas UTM24L 402791; UTMN: 8894687; 528 m de altitude. Tem orientação leste – oeste, abertura norte e sedimentos do depósito de Tálus. Mede 3 m de comprimento, 5 m de altura e 0,5 m de largura. Possui um único painel de pintura rupestre com uma figura isolada reconhecível de temática não identificada (Fig. 115 e 116).

Figura 115 – Paredão 3 (190.3)



Foto: Kestering (2015)

Figura 116 – Unidade de pintura rupestre



Foto: Kestering (2015)

2.2.4.1 Resgate

Por conter sedimentos com prováveis artefatos arqueológicos sugeriu-se a realização de uma sondagem (SANTANA et al., 2014, p. 39). Para efetivar a sugestão, fez-se uma limpeza do terreno com vistas a uma observação acurada para identificação de estruturas ou artefatos relacionados com o painel de pintura rupestre (Fig. 117).

Como não se encontrou vestígio arqueológico algum na superfície do terreno, iniciou-se a escavação de uma sondagem junto ao suporte (Fig. 118). Teve-se o cuidado de peneirar os sedimentos para evitar que se perdessem artefatos no processo de escavação (Fig. 119).

Depositaram-se os sedimentos da sondagem a dois metros da área da escavação, sem qualquer organização, como nas outras que se fizeram junto aos suportes de sítios arqueológicos com registros rupestres na Área Diretamente Afetada. Sugere-se que esta sondagem, apesar de estar na Área de Influência Direta, também permaneça aberta para que estudantes da região possam visitar o sítio onde terão oportunidade de conhecer o painel de pintura rupestre e entender a dinâmica de deposição dos sedimentos.

O sedimento caracterizava-se como depósito de Tálus. Constituía-se de blocos e matacões angulosos de ortognaisse do Complexo Caraíba e areia. Não se encontrou resto algum de tinta. Encontraram-se, porém, alguns artefatos da indústria lítica pré-colonial (Fig. 120 e 121). Prosseguiu-se a escavação da sondagem até 0,3 m de profundidade onde se encontraram as superfícies dos blocos e matacões da segunda camada de sedimentos (Fig. 122).

Figura 117 – Sedimentos junto ao suporte com o painel de pintura rupestre



Foto: Kestering (2015)

Figura 118 – Início da sondagem junto ao suporte



Foto: Kestering (2015)

Figura 119 – Peneiramento dos sedimentos



Foto: Kestering (2015)

Figura 120 – Artefatos da indústria lítica encontrados na sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 121 – Artefato da indústria lítica *in situ*



Foto: Kestering (2015)

Figura 122 – Fim da sondagem com 0,3 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

2.2.4.2 Artefatos

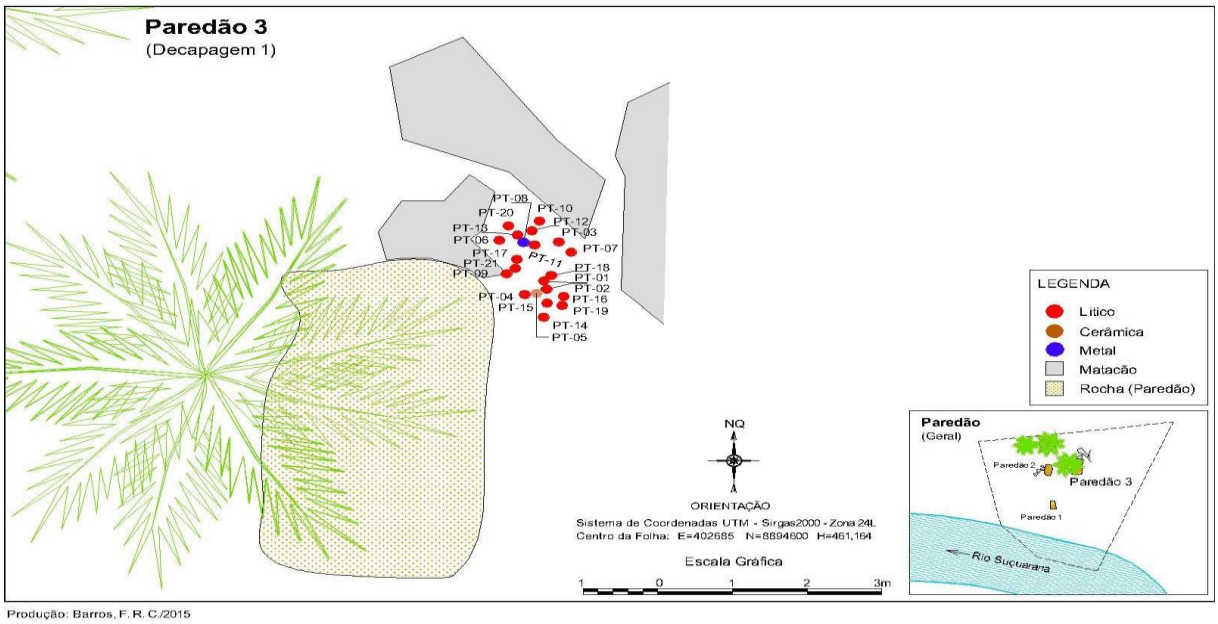
Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e coletaram-se 21 peças arqueológicas, quais sejam: 1 peça de metal; 19 artefatos da indústria lítica e 1 resto orgânico . Transportou-se o material resgatado para o laboratório onde se realizou a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 123 a 125)

Figura 123 – Plotagem do material arqueológico



Foto: Kestering (2015)

Figura 124 – Distribuição espacial dos fragmentos cerâmicos, de metal e artefatos líticos



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 125 - Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos líticos



Foto: Kestering (2015)

2.2.5 Área de Proteção do Patrimônio Cultural e Ambiental

Por se tratar de sítios arqueológicos de arte rupestre e estruturas arqueológicas, localizados em um serrote na Área de Influência Direta (AID) do empreendimento, tomaram-se medidas de proteção, como prescreve a Lei Federal 3.924/1961 (Fig. 126). Fez-se, inicialmente, o georreferenciamento da área de proteção ao patrimônio cultural e ambiental (Fig. 127).

Propõe-se que não se cerque a área, para o livre trânsito dos animais silvestres e o pastejo dos animais domésticos dos criadores locais, como se faz, regularmente, durante séculos. Para delimitá-la, sugere-se a implantação de placas sinalizadoras e de marcos nos vértices do polígono.

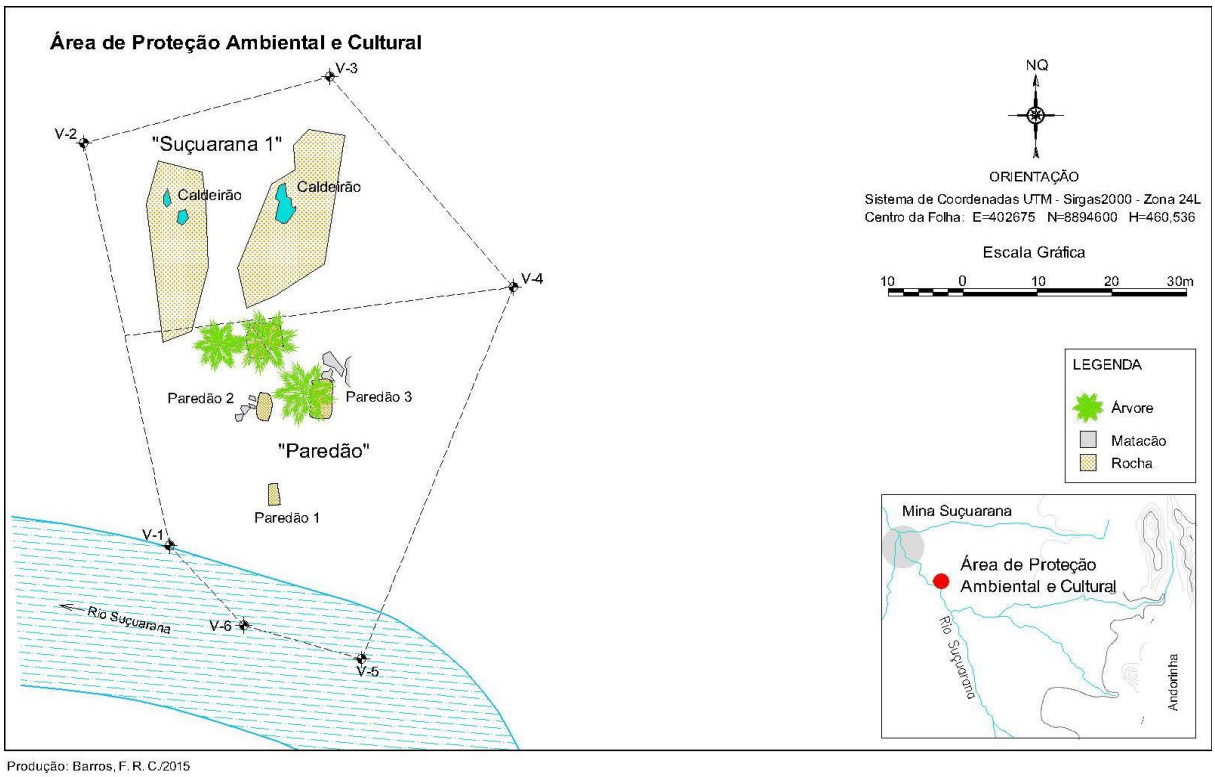
Para que se preservem os painéis de pintura rupestre, recomenda-se que se mantenham espécies vegetais nativas que se destacam na paisagem. Dê-se particular atenção às seguintes espécies: palmatória (*Opuntia palmadora*), quipá (*Opuntia inamoena*), cansanção (*Cnidoscolus pubescens*), velame da caatinga (*Croton heliotropiifolius*), favela (*Cnidoscolus phyllacantus*), braúna (*Melanoxylon brauna*), pau de rato (*Poincianella pyramidalis*), angico (*Anadenanthera colubrina*), pinhão bravo (*Jatropha mollissima*), mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*), xiquexique (*Cereus gounellei*), coroa de frade (*Melocactus bahiensis*), macambira (*Bromelia laciniosa*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), malva da caatinga (*Sida galheirensis*) e alecrim da caatinga (*Lippia gracilis)*.

Figura 126 – Serrote dos Paredões



Foto: Kestering (2015)

Figura 127 – Mapa da área destinada à proteção cultural e ambiental do serrote



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Sugere-se que, junto aos seus respectivos troncos, se ponham placas elucidativas referentes ao nome de cada espécie para que estudantes, em visita aos sítios com pinturas rupestres, reconheçam-nas como componentes do patrimônio ambiental da região.

2.2.6 Caboclo 1 (Código 184.1)

O sítio Caboclo 1 (código 184.1) caracteriza-se como um matacão de gnaisse do Complexo Tanque Novo Ipirá, Unidade Bom Despacho. Ele tem quatro painéis de gravuras reconhecíveis. Neles se identificam temáticas que são recorrentes nas pinturas rupestres da Área Arqueológica de Sobradinho, no Submédio São Francisco, quais sejam: RT-29 e RT-36 (Fig. 1128 a 130).

O sítio situa-se na alta vertente do Serrote dos Caboclos, nas coordenadas UTM24L 380166; UTMN 8901630; 446 m de altitude. Mede 4,8 m de comprimento, 4,1 m de altura e 1,1 m de largura. Tem orientação nordeste – sudoeste, abertura noroeste e sedimentos arenosos.

Figura 128 – Caboclo 1

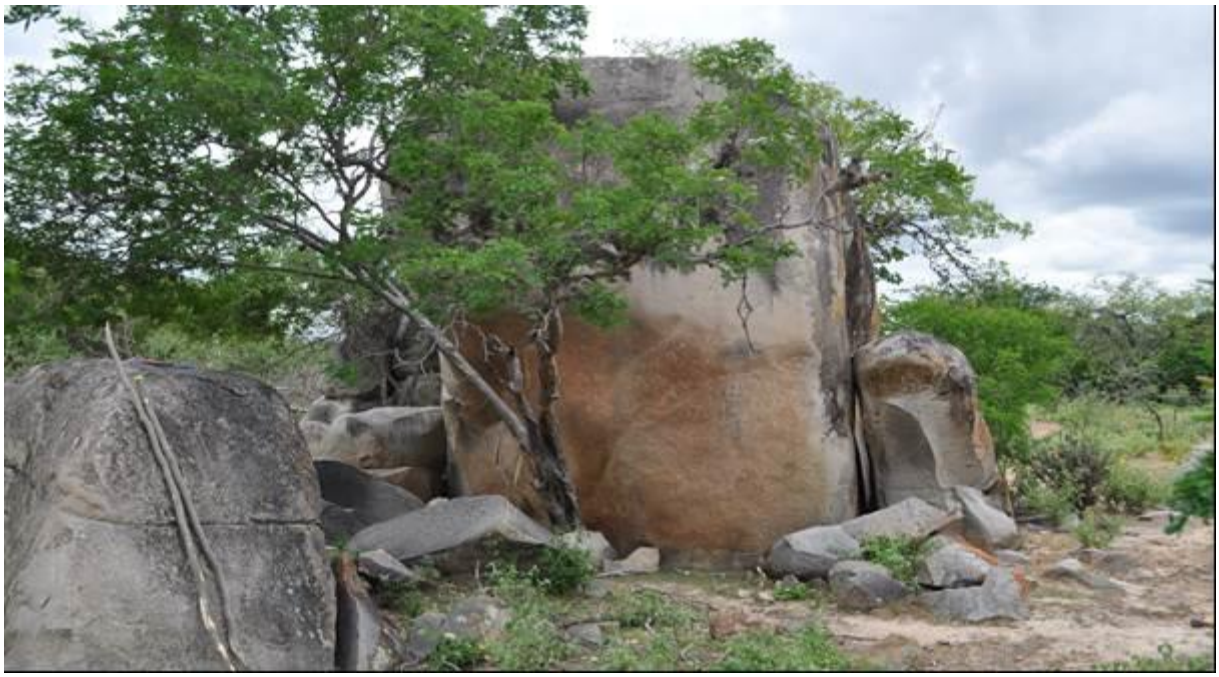
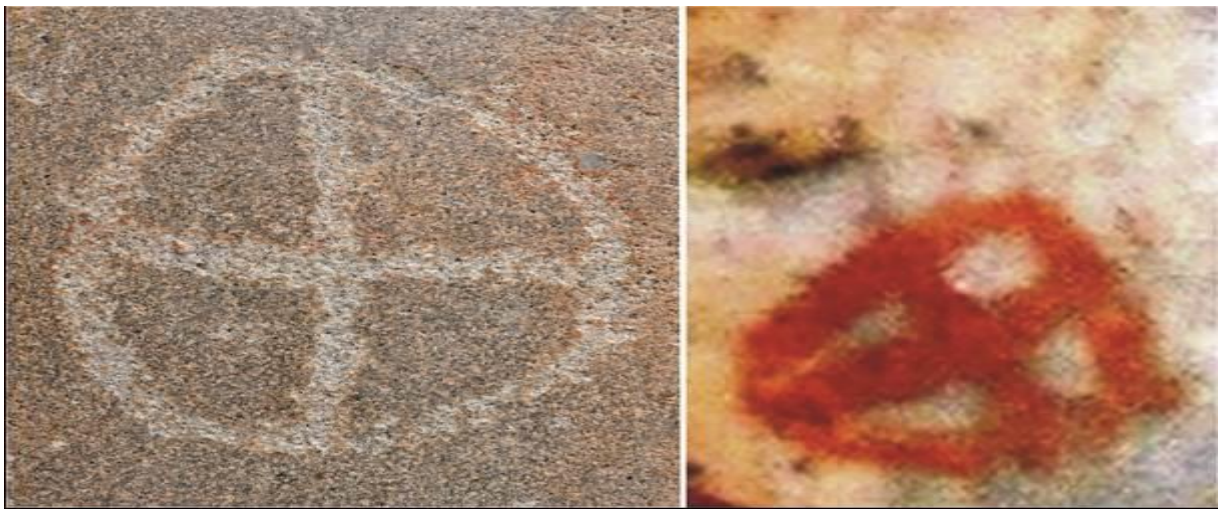


Foto: Kestering (2015)

Figura 129 – Gravura rupestre com temática recorrente nas pinturas (RT-29)



Fonte: Kestering (2007, p. 90)

Figura 130 - Gravura rupestre com temática recorrente nas pinturas (RT-36)



Fonte: Kestering (2007)

Muito embora tenha sofrido alterações na sua paisagem original, pela supressão da vegetação do entorno, conservaram-se algumas árvores. Destaca-se um frondoso pau de rato (*Poincianella pyramidalis*), junto ao suporte, em frente a um dos painéis de gravura rupestre.

2.2.6.1 – Resgate

Iniciou-se o resgate com o georreferenciamento da área do sítio. Prosseguiu-se com a identificação e coleta dos artefatos de superfície no entorno próximo do matacão. Encontraram-se fragmentos de vidro e um artefato lítico em sílex (Fig. 131 e 132). Observou-se que, na base do suporte, junto ao painel de registros rupestres, os sedimentos estavam revoltos (Fig. 133).

Figura 131 – Fragmento de vidro



Foto: Kestering (2015)

Figura 132 – Artefato da indústria lítica em sílex



Foto: Kestering (2015)

Figura 133 – Sedimentos revoltos na base do suporte das gravuras rupestres



Foto: Kestering (2015)

Na superfície do terreno havia conglomerados típicos da camada de transição entre os sedimentos arenosos e o maciço, que se observam nos cortes das estradas vicinais do entorno (Fig. 134). Com essas constatações, concluiu-se que houve escavação arqueológica no sítio, muito embora não se conheça qualquer relatório a respeito. Registraram-se, acondicionaram-se em sacos plásticos, plotaram-se e coletaram-se todos os artefatos e fragmentos arqueológicos de superfície. Em seguida, definiu-se uma área para a sondagem junto ao suporte com gravuras rupestres (Fig. 135). Ao iniciá-la, constatou-se que havia muitos fragmentos de cerâmica até 0,1 m de profundidade em relação à superfície atual do terreno, sugerindo a prática de rituais junto ao suporte, no período histórico colonial ou mesmo pós-colonial (Fig. 136). A partir de então não se identificou artefato algum. Restringiu-se, então, a sondagem a uma área de 1 m² (1 m x 1 m) que se escavou até 0,9 m de profundidade onde se alcançou a rocha matriz de metagranitos do Complexo Tanque Novo Ipirá, Unidade Bom Despacho (Fig. 137 e 138). Neles havia sedimentos arenosos intermeados com seixos e calhaus arredondados.

Figura 134 – Conglomerado



Foto: Kestering (2015)

Figura 135 – Área definida para a sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 136 – Fragmentos cerâmicos identificados na sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 137 – Redução da área da sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 138 – Finalização da sondagem com 0,9 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

2.2.6.2 Artefatos

Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e resgataram-se 179 peças arqueológicas, quais sejam: 14 fragmentos de cerâmica; 80 fragmentos de louça; 82 fragmentos de vidro; 1 peça de metal e 2 artefatos líticos. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 139 a 142).

Figura 139 – Plotagem do material arqueológico



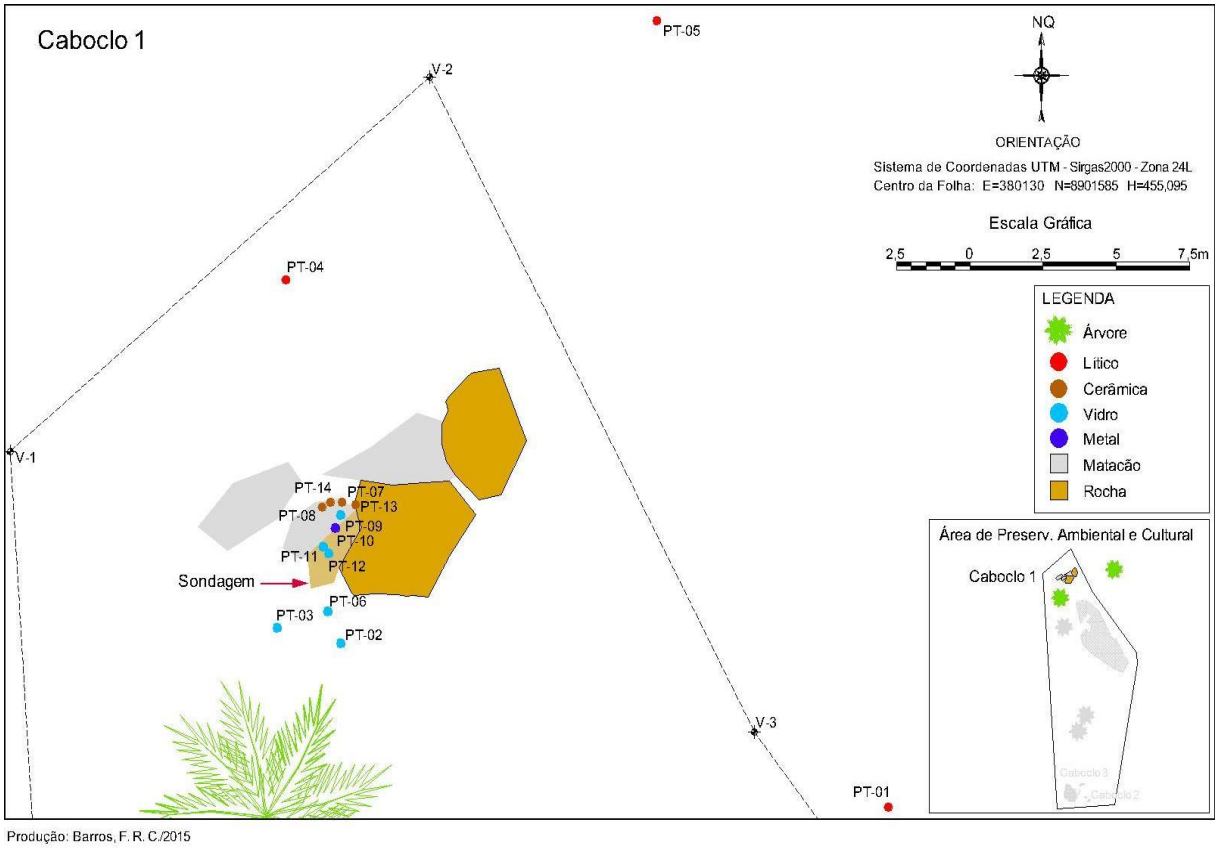
Foto: Kestering (2015)

Figura 140 – Plotagem do material arqueológico



Foto: Kestering (2015)

Figura 141 – Distribuição espacial dos artefatos



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 142 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.2.7 Caboclo 2 (Código 184.2)

O sítio Caboclo 2 (código 184.2) caracteriza-se como um matacão de gnaisse do Complexo Tanque Novo Ipirá, Unidade Bom Despacho. Nele há cinco painéis de gravuras isoladas reconhecíveis que representam uma única temática, recorrente nas pinturas rupestres do Submédio São Francisco, qual seja a RT-29 (Fig. 143 e 144). Situa-se na alta vertente do Serrote dos Caboclos, nas coordenadas UTM24L 380210; UTMN 8901801; 445 m de altitude. Tem orientação leste – oeste, abertura zênite e sedimentos arenosos. Mede 1,5 m de comprimento, 0,8 m de altura e 1 m de largura.

Figura 143 – Caboclo 2



Foto: Kestering (2015)

Figura 144 – Recorrência Temática (RT-17)



Fonte: Kestering (2007, p. 90)

2.2.7.1 – Resgate

Iniciou-se o resgate com o georreferenciamento da área do sítio. Como não se encontraram artefatos de superfície no entorno próximo do matacão, iniciou-se uma sondagem para "justificar a necessidade de escavação como meio de contextualizar a arqueologia regional" (SANTANA et al, 2014, 50). Definiu-se uma área de 2 m ² (2 m x 1 m) entre dois matacões (Fig. 145). Escavou-se até 0,5 m de profundidade onde se alcançaram fragmentos resultantes do intemperismo que atua sobre o maciço.

Os sedimentos que se escavaram formavam uma camada homogênea. Eles eram dominantemente arenosos (Fig. 146). Peneirou-se todo o sedimento retirado para não se perder artefatos arqueológicos que neles se pudessem encontrar.

Figura 145 – Definição da área da sondagem entre dois matacões



Foto: Kestering (2015)

Figura 146 – Final da sondagem com 0,5 m de profundidade

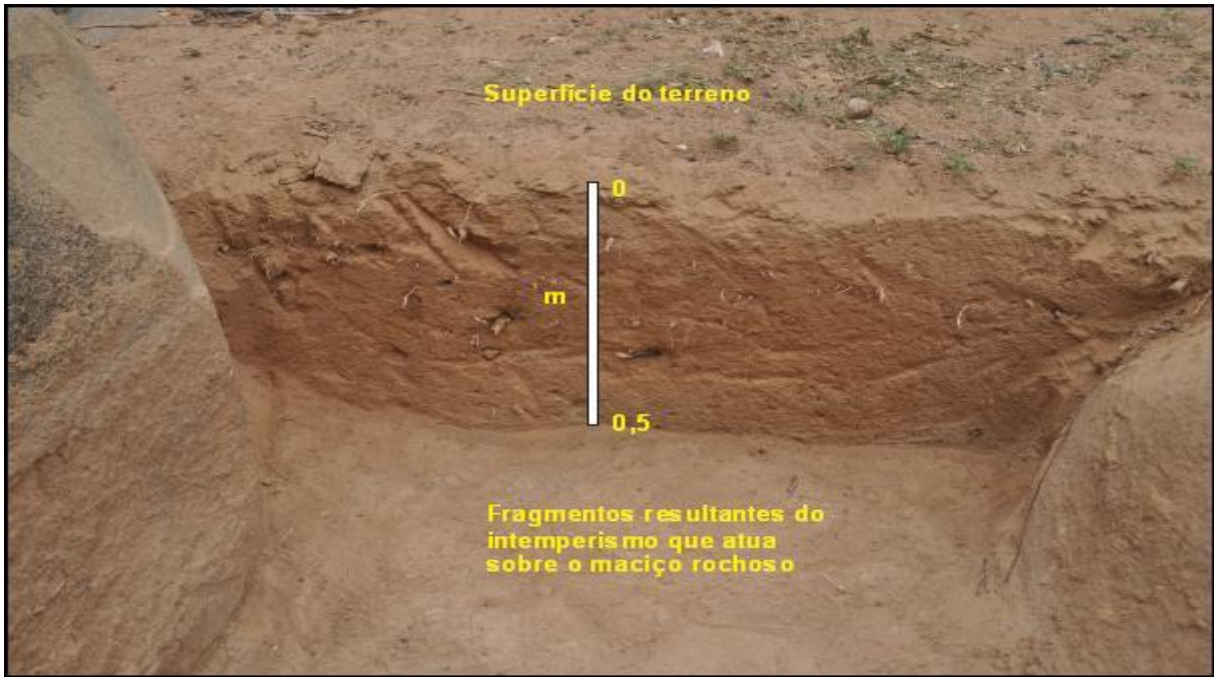


Foto: Kestering (2015)

2.2.7.2 – Artefatos

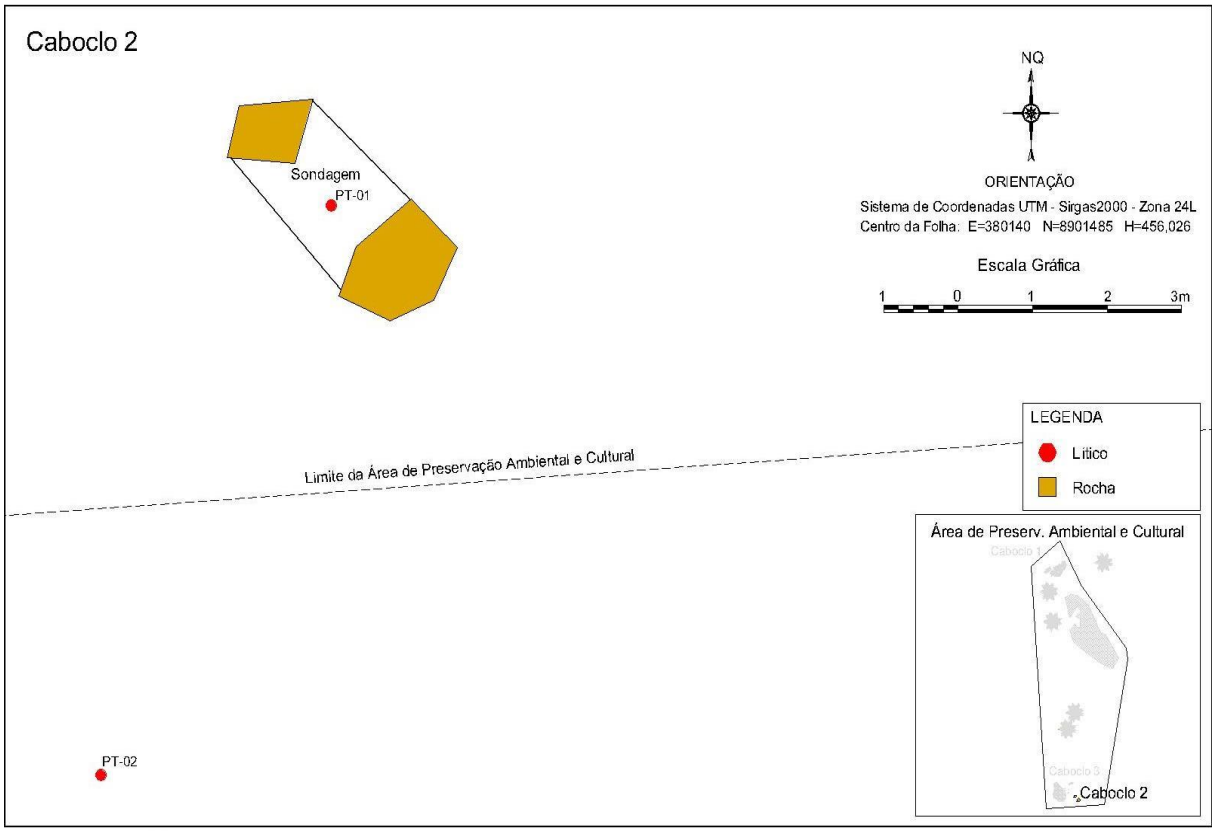
Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e resgataram-se dois artefatos líticos. Transportou-se o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 147 a 149).

Figura 147 – Plotagem do material arqueológico



Foto: Kestering (2015)

Figura 148 – Distribuição espacial dos artefatos



Fotos: Kestering (2015)

Figura 149 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.2.8 Caboclo 3 (Código 184.3)

O sítio Caboclo 3 (código 184.3) caracteriza-se como um lajedo de gnaisse do Complexo Tanque Novo Ipirá, Unidade Bom Despacho. Nele há três almofarizes em rocha. Um deles situa-se em uma concavidade natural promovida pela erosão diferencial sobre o suporte (Fig. 150 a 152). Situa-se na alta vertente do Serrote dos Caboclos, nas coordenadas UTM24L 380422; UTMN 8801708; 445 m de altitude. Tem orientação norte – sul, abertura zênite e sedimentos arenosos. Mede 9,4 m de comprimento, 0,9 m de altura e 2,7 m de largura. Muito embora tenha sofrido alterações na sua paisagem original, pela supressão da vegetação do entorno identificaram-se algumas plantas como a macambira (*Bromelia laciniosa*) e o pinhão bravo (*Jatropha mollissima*).

Figura 150 – Caboclo 3



Foto: Kestering (2015)

Figura 151 – Almofariz em rocha



Foto: Kestering (2015)

Figura 152 – Almofarizes em rocha



Fotos: Kestering (2015)

2.2.8.1 – Resgate

Iniciou-se o resgate com o georreferenciamento da área do sítio. Como não se encontraram artefatos de superfície no entorno próximo do matacão, iniciou-se uma sondagem para "justificar a necessidade de escavação como meio de contextualizar a arqueologia regional" (SANTANA et al, 2014, 50).

Como não se encontrou vestígio arqueológico algum na superfície do terreno, iniciou-se a escavação de uma sondagem junto ao suporte (Fig. 153). Teve-se o cuidado de peneirar os sedimentos para evitar que se perdessem artefatos no processo de abertura da sondagem (Fig. 154). Os sedimentos que se escavaram formavam uma camada homogênea. Eles eram dominantemente arenosos. Peneirou-se todo o sedimento retirado para não se perder artefatos arqueológicos que neles se pudessem encontrar.

Figura 153 – Início da sondagem junto ao lajedo



Foto: Kestering (2015)

Figura 154 – Peneiramento dos sedimentos



Foto: Kestering (2015)

Depositaram-se os sedimentos da sondagem a três metros da área da escavação, sem qualquer organização, como nas outras que se fizeram junto aos suportes de sítios arqueológicos com registros rupestres na Área Diretamente Afetada. Sugere-se que esta sondagem, por ser relativamente rasa e apesar de estar na Área de Influência Direta, também permaneça aberta para que estudantes da região possam visitar o sítio onde terão oportunidade de entender a dinâmica de deposição dos sedimentos.

A camada de sedimentos que se retirou era toda constituída de areia média. Nele encontraram-se três artefatos da indústria lítica pré-colonial. Prosseguiu-se a escavação da sondagem até 0,5 m de profundidade onde se encontraram restos intemperizados do maciço de gnaisse do Complexo Tanque Novo Ipirá, Unidade Bom Despacho (Fig. 155).

Figura 155 – Fim da sondagem com 0,5 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

2.2.8.2 Artefatos

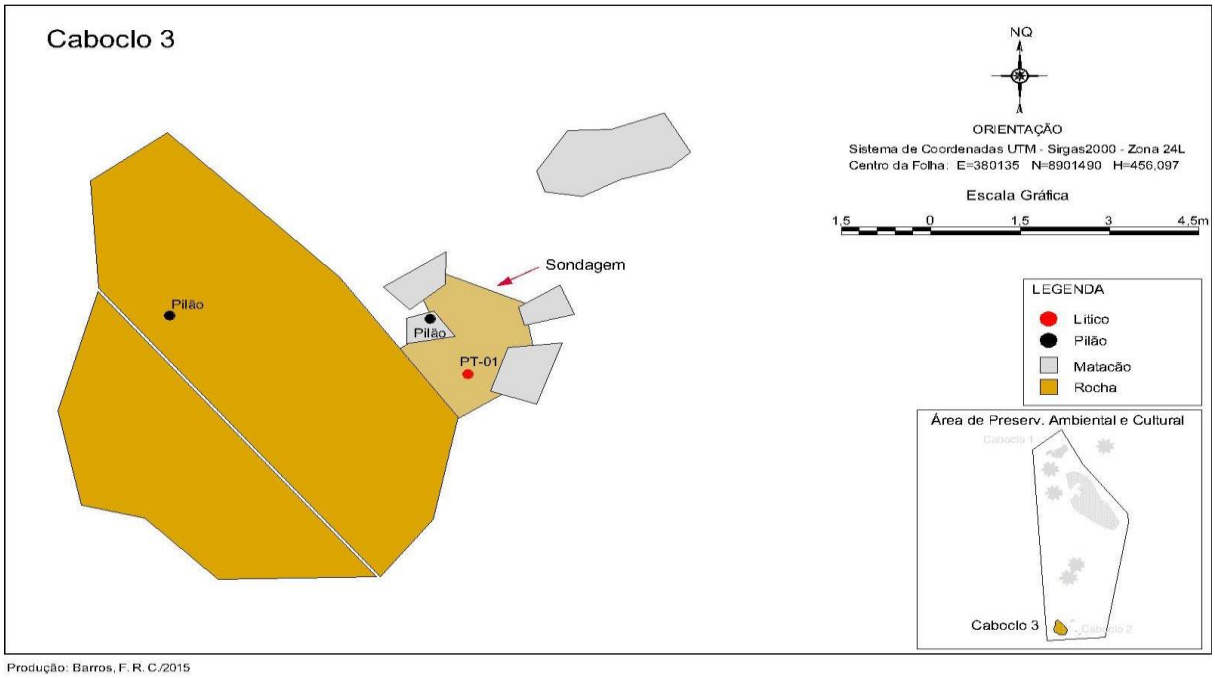
Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e coletaram-se três artefatos da indústria lítica. Transportou-se o material resgatado para o laboratório onde se realizou a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 156 a 158).

Figura 156 – Plotagem dos artefatos líticos



Foto: Kestering (2015)

Figura 157 – Distribuição espacial dos artefatos líticos



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 158 - Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos líticos



Foto: Kestering (2015)

2.2.9 Área de Proteção do Patrimônio Cultural e Ambiental

Por se ter encontrado sítios arqueológicos de arte rupestre, artefatos da indústria lítica, fragmentos de vidro e estruturas de almofariz em rocha, numa área de influência direta do empreendimento, fez-se o georreferenciamento do serrote para definição área de proteção ao patrimônio cultural e ambiental (Fig. 159 a 161).

Propõe-se que não se cerque a área para que nela haja o livre trânsito dos animais silvestres e o pastejo dos animais domésticos dos criadores locais, como se faz, regularmente, durante séculos. Para delimitá-la, sugere-se a implantação de placas sinalizadoras e marcos nos vértices do polígono.

Figura 159 – Serrote dos Caboclos



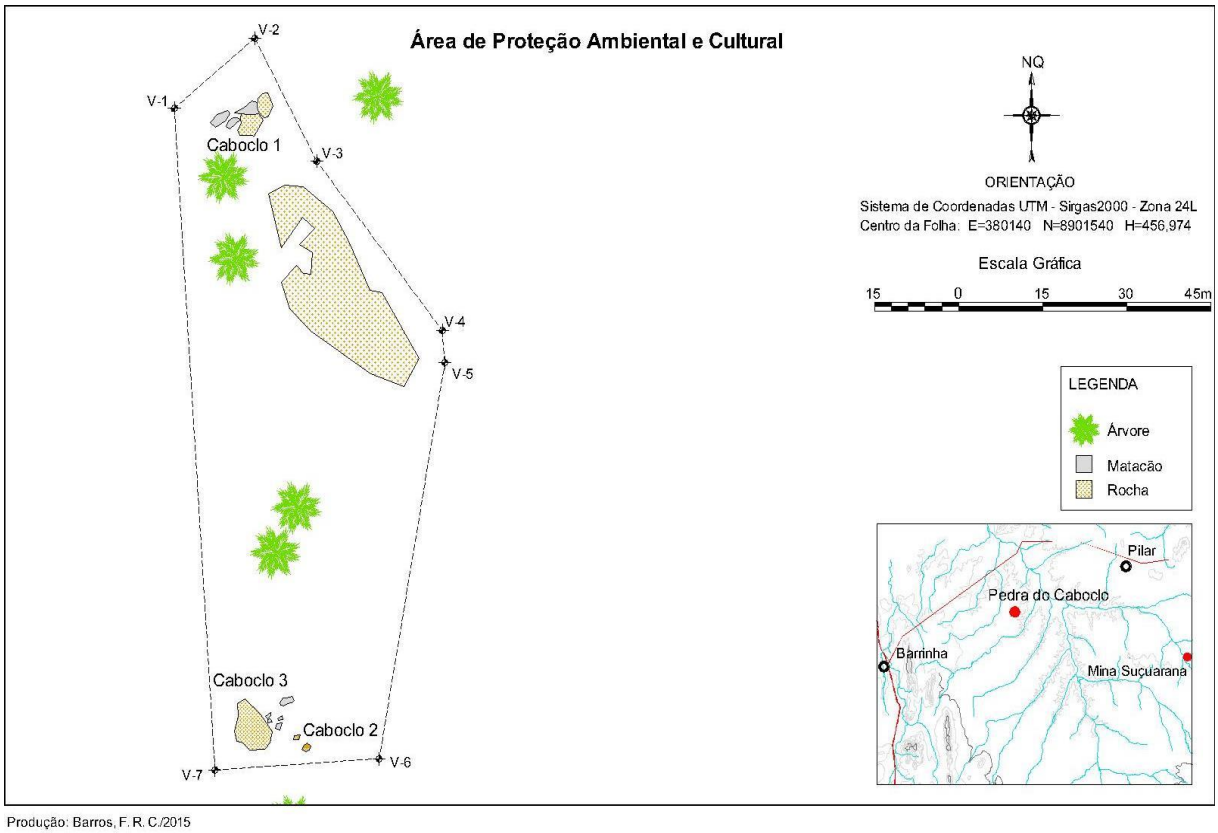
Foto: Kestering (2015)

Figura 160 – Georreferenciamento da área



Foto: Kestering (2015)

Figura 161 – Mapa da área destinada à proteção cultural e ambiental



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Para que se preservem os painéis de registros rupestres e os almofarizes, recomenda-se que se mantenham espécies vegetais nativas. Sugere-se que se dê particular atenção às que se destacam na paisagem, quais sejam: quipá (*Opuntia inamoena*), palmatória (*Opuntia palmadora*), carqueja (Baccharis trimera), pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*), embiruçu (*Pseudobombax longiflorum*), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) e umburana de cambão (*Bursera leptophloeos*) (Fig. 162 e 163). Sugere-se que, junto aos seus respectivos troncos, ponham-se placas elucidativas com o nome de cada espécie para que estudantes e turistas, em visita aos sítios arqueológicos, reconheçam-nas como componentes do patrimônio ambiental da região.

Figura 162 – Quipá, palmatória, carqueja e pereiro



Fotos: Kestering (2015)

Figura 163 – Mandacaru de boi, umburuçu, umbuzeiro e umburana de cambão



Foto: Kestering (2014)

2.2.10 Quixaba 2 (Código 180.2)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico do povoado de Quixaba, com indícios de uma antiga residência onde moraram Rosa Cândido de Azevedo e Francisco Borges de Azevedo. Na fase de prospecção, em um espaço de aproximadamente 600 m², identificaram-se fragmentos de cerâmica, louça, e ladrilho. Localiza-se nas coordenadas UTM24L 400872, UTMN 8896440, 479 m de altitude (SANTANA et al. 2014, p. 37).

A área do sítio estava completamente desnuda de vegetação arbórea. Restava apenas uma vegetação rasteira de malva da caatinga (*Sida galheirensis*) (Fig. 164). Na área delimitada, não se encontrou qualquer estrutura da antiga residência. Encontraram-se, porém, alguns fragmentos de telha o que permitiu inferir ter sido uma casa de taipa em cuja coberta utilizara-se esse artefato de olaria.

Figura 164 – Malva da caatinga no local da antiga residência



Foto: Kestering (2015)

Segundo Neuza Rodrigues de Oliveira (2015), a casa foi habitada por sua avó Rosa Cândido da Cunha, conhecida na região como Sinhá Rosa (Fig. 165). Sinhá Rosa nasceu na Fazenda Quixaba no dia 03 de setembro de 1877. Ela era filha de Antônio Lopes Longuinho e de Vitória Balbino de Azevedo.

Figura 165 – Retrato de Sinhá Rosa, matriarca da Fazenda Quixaba



Fonte: Acervo pessoal de Neuza Rodrigues de Oliveira (2015)

Antônio Lopes Longuinho nasceu em Conceição do Coité. Ele veio para a Fazenda Quixaba com o seu sogro Apolinário Rodrigues de Azevedo, também de Conceição do Coité. Apolinário era tropeiro. Comprava gado na região e o vendia em Feira de Santana. Ele comprou a Fazenda Quixaba que pertencia a Alexandre Correia. Na Fazenda Quixaba, ele encontrou um morador chamado Conrado, escravo talvez porque não se tem referência sobre o seu sobrenome.

> Na Quixaba existia um morador mais velho. O último que comprou a Quixaba foi Apolinário Rodrigues. Apolinário abriu uma fazenda de gado. Era rico. Foi ele quem situou a fazenda. A primeira casa que existiu na Quixaba era tão "boa" que caiu em cima do dono. Se eu estivesse lá, eu ainda ia lhe mostrar e o senhor ainda ia arrumar alguns cacos da casa desse velho. (...) O Conrado era pobre. Ele não possuía nada. Não tinha propriedade. Ele só morava. Não situou nada. Ele morreu em baixo da sua própria casa. Não sei se a mulher dele morreu também. Sei que ele morreu porque minha avó contava essa história (OLIVEIRA (2015).

Uma das filhas de Apolinário chamava-se Vitória Balbino de Azevedo. Ela casou-se com Antônio Lopes Longuinho. Desse casamento nasceu Sinhá Rosa. Ela tinha somente sete anos quando seus pais, Antônio Lopes Longuinho e Vitória Balbino de Azevedo morreram. Dois de seus irmãos saíram pelo mundo. Deles nunca mais se teve notícia alguma. Ela viu morrerem seus outros três irmãos e ficou sozinha na Fazenda Quixaba. O seu irmão mais velho chamava-se Antônio, o segundo Felipe e o terceiro, Francisco. As mulheres chamavam-se Rosa, Iria e Ursulina. Sinhá Rosa casou-se com Francisco Borges da Cunha, conhecido como Francisco Calabar.

A casa onde morou Sinhá Rosa foi construída pelo seu tio Izidro Rodrigues de Azevedo. Era uma casa de taipa, envarada e preenchida com barro jogado de sopapo. Ela era coberta de telha. No corpo da casa havia cinco divisões.

> O casamento da velha Rosa, minha avó foi assim: primeiro casou um irmão dele, do velho Chico, com a irmã da velha Rosa. Ela era a mais velha. Ela era a caçula da família. A casa dela era casa de geração. Era dos pais dela. Aí diz que estava ruim. Estava precisando de uma reforma de caibros e de ripas. Aí esse Viana falou que tinha um irmão que trabalhava com essas coisas. Era carpina. Aí, traz esse homem pra cá para consertar esta casa. Minha avó não tinha pai, não tinha mãe. Morava com Maria, uma negrinha que criou ela. Aí o velho Chico foi consertar a casa. Aí quando chegou lá, ela com dezesseis anos e ele com vinte e poucos anos. Ele era mais velho que ela doze anos. Aí esse rapaz se engraçou dela para casar e ela disse que não queria. Ela era muito nova. Não queria, não queria e não queria. Aí essa negrinha que criou ela botou nela e disse: menina nós já sabemos quem é esse rapaz. É um homem direito, irmão de seu Viana. Seu Viana já tinha casado com a irmã dela, da velha Rosa. Aí todo o dia era essa conversa, para ela se casar com ele. Aí, um dia ela se zangou e disse: vocês façam o que vocês quiserem. Aí acertaram o casamento. Aí ela casou. O primeiro filho dela, ela teve com dezessete anos. Aí viveu a vida inteira com ele. Quando ele morreu já tinham um bocado de anos, casados. (OLIVEIRA, 2015).

Sinhá Rosa viveu com Francisco Calabar nessa casa. Eles tiveram treze filhos, sete mulheres e seis homens. Todos já faleceram. O último deles faleceu com noventa e nove anos. Como ela ficou viúva muito cedo, a casa onde moravam ficou conhecida como a casa de Sinhá Rosa. Ela morreu com 87 anos, no dia 16 de fevereiro de 1962.

Francisco Borges da Cunha, marido de Sinhá Rosa era da Fazenda Santa Maria. De tempos em tempos ele era acometido de uma dor muito forte. Sinhá Rosa fazia remédios do mato que ele ingeria com óleo de rícino. Assim a dor passava. Passava um bom tempo e não sentia mais nada.

> Ele levantava casa. Armava o madeiramento. Fazia pilão. Aí ele foi fazer um pilão junto a um umbuzeiro que ficava no lado da estrada velha, perto, pra cima um pouquinho do contorno. Lá tinha dois umbuzeiros. Ele pegou a madeira do pilão. Riscou o pilão, virou, mas não chegou a cavar. Voltou pra casa. Uma das filhas saiu e disse: mamãe, papai vem aí gritando o que a boca dá. Aí ela fez todos os remédios que ela dava e ele melhorava. De nada serviu. Ela passou manteiga e nada serviu. Aí ela voltou e disse: minha filha, o pai de vocês, dessa vez ele não escapa não. Todos os remédios que eu já fiz e não tem jeito. Sei que o velho passou a noite e no outro dia, não sei nem em que horário foi, o velho morreu. Morreu com essa dor. Eu tinha três anos. Eu não sei porque eu não me lembro. Os outros é que me contam. Eu sou de quarenta e dois e ele morreu em quarenta e cinco. Dizem que eu mais outra prima minha, quando procuraram nós, nós estava lá dentro do quarto, comendo a manteiga que minha avó tinha esquentado para passar no velho. (OLIVEIRA, 2015).

Todos os filhos de Sinhá Rosa e Francisco Borges nasceram e se criaram nessa casa. Os filhos receberam o sobrenome Borges da Cunha e as filhas, Balbino de Araújo. Os filhos chamavam-se Francino, Juviniano, Francisco, João, João e Lino. As mulheres chamavam-se Florinda, Maria, Ursulina, Alzira, Joana, Bertolina e Rosa. “Naquele tempo era assim: As mulheres ficavam com o

sobrenome da mãe e os homens, com o sobrenome do pai". (OLIVEIRA, 2015). Dos treze filhos três morreram naquela casa: João, Joana, Francisco e o outro João.

> Francisco morreu de uma doença que dava na garganta e que não tinha remédio naquela época. Francisco era de 1903 e João era de 1904. Francisco morreu com idade de nove anos. João morreu com idade de sete anos. Aí Francisco morreu. Naquele tempo não tinha cemitério aqui. Era um menino muito sabido. Todo mundo gostava desse menino pelo quanto era sabido e tudo. Era sabedoria da cabeça dele. Ele adoeceu e morreu. Foi sepultado no cemitério de Jaguarari. Aí ficou o outro, pequeno com sete anos. Esse menino era tristinho pelos cantos. Não havia nada que fizesse esse menino sorrir. Um dia ele pegou duas frutas de icó e botou em um pau e ficou balançando. Então minha avó disse: E quando meu filho está assim do que se lembra? Ele disse: Eu me lembro de Silolê. Silolê era o apelido de Francisco que tinha morrido há três dias. Aí o menino diz que tinha levado uma topada no dedo grande do pé e arruinou. Aí deu aquela íngua e foi tão grande que deu esse mal do tétano que aí estourou e ele morreu também, com sete dias que o outro tinha morrido. E ele acompanhou. Minha avó mais meu avô fizeram morrer também, de tristeza, com sete dias que ele morreu. (OLIVEIRA, 2015).

Sinhá Rosa era uma velha guerreira. Ela só não era sabida na leitura. Ela era parteira. Era muito difícil a mulher que ela fazia parto morrer. Ela tecia redes no tear. "Quando ela morreu, deixou uma rede novinha. É por isso que quase nada se sabe sobre a história de Francisco. Toda a história da casa tem relação com a história de Sinhá Rosa". (OLIVEIRA, 2015).

> Sinhá Rosa fazia louça. Fazia panela. Fazia alguidá. Fazia aqueles aribé de barro. Ela aprendeu fazer isso da cabeça dela mesmo. Ela pode ter aprendido da negrinha que criou ela. A mãe dessa negra era escrava do velho Apolinário. O velho Apolinário disse que se ela desse quatro filhas dela, ele dava a alforria que era como uma aposentadoria naquele tempo. Aí ela deu a Bárbara, a Maria que criou Sinhá Rosa, Honorata e Bernarda. A negra Maria morreu em agosto de 1925. Não sei a quanto de agosto. (OLIVEIRA, 2015).

Rosa Balbina de Araújo, filha caçula de Sinhá Rosa, casou-se com Aristides Rodrigues de Azevedo, ficando com o nome de Rosa Balbino de Azevedo. Desse casamento nasceram dez filhos. Todos foram registrados com o sobrenome Rodrigues de Azevedo. São eles: Neuza, José, Rubenita, Francisco, Manoel, Raimundo, Nivaldo, Joaquim, João e Creuza Maria.

2.2.10.1 Resgate

Iniciou-se o resgate arqueológico com o georreferenciamento da área do sítio (Fig. 149). Prosseguiu-se com uma varredura para identificar artefatos na superfície do terreno. Nos lugares onde se encontravam fragmentos de louça, vidro ou cerâmica, fazia-se a limpeza do terreno, com decapagem de 0,05 m a 0,1 m e 1,5 a 2 m de circunferência, para identificar e coletar fragmentos que a ele pudessem estar associados (Fig. 166 a 168).

Todo o sedimento retirado foi peneirado para não se perderem artefatos não identificados durante a limpeza (Fig. 169). No lugar em que se identificou maior concentração de fragmentos de louça e cerâmica, definiu-se uma área de 4 m² (2 m x 2 m) para a sondagem (Fig. 170).

Figura 166 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 167 – Identificação de artefatos na superfície do terreno



Foto: Kestering (2015)

Figura 168 – Identificação de artefatos com limpeza do entorno



Foto: Kestering (2015)

Figura 169 – Peneiramento dos sedimentos retirados do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 170 – Definição da área para sondagem



Foto: Kestering (2015)

Escavou-se a área de 4 m² até 0,2 m de profundidade. Nessa camada encontraram-se vários materiais arqueológicos. Prosseguiu-se a escavação da sondagem até 0,4 m de profundidade onde se encontraram fragmentos do embasamento rochoso de ortognaisse do Complexo Caraíba. Nessa segunda camada de sedimentos não se encontrou vestígio arqueológico algum. Todo o pacote sedimentar era constituído de sedimentos areno argilosos (Fig. 171).

Figura 171 – Final da sondagem com 0,4 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

Por se ter encontrado material arqueológico na primeira camada da sondagem, decidiu-se ampliar a área da escavação onde se fez uma única decapagem. Nela encontraram-se vários fragmentos de louça e cerâmica, bem como de outros vestígios arqueológicos.

2.2.10.2 Artefatos

Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e resgataram-se 505 peças arqueológicas, quais sejam: 374 fragmentos de cerâmica; 34 fragmentos de louça; 47 fragmentos de vidro; 31 fragmentos de olaria; 15 peças de metal; 1 artefato lítico e 3 restos orgânicos. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 172 a 176).

Figura 172 – Plotagem dos materiais arqueológicos



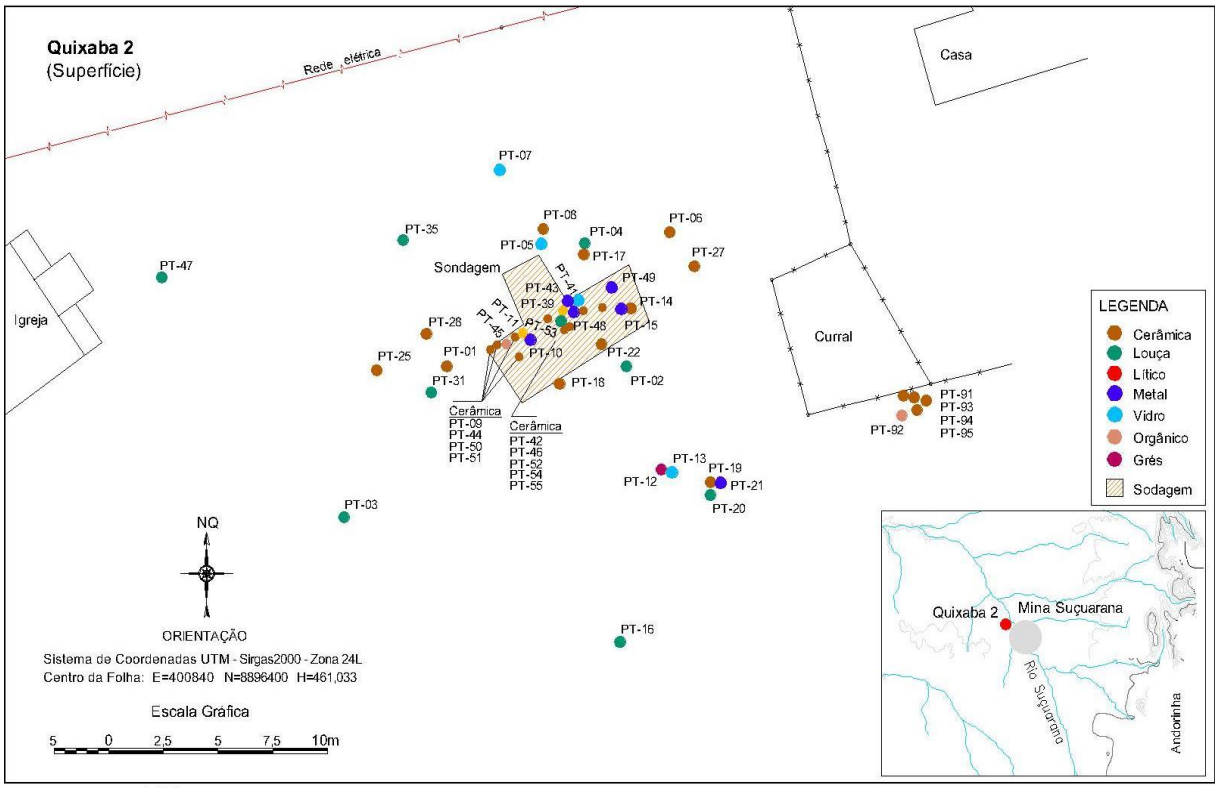
Foto: Kestering (2015)

Figura 173 – Plotagem dos materiais arqueológicos



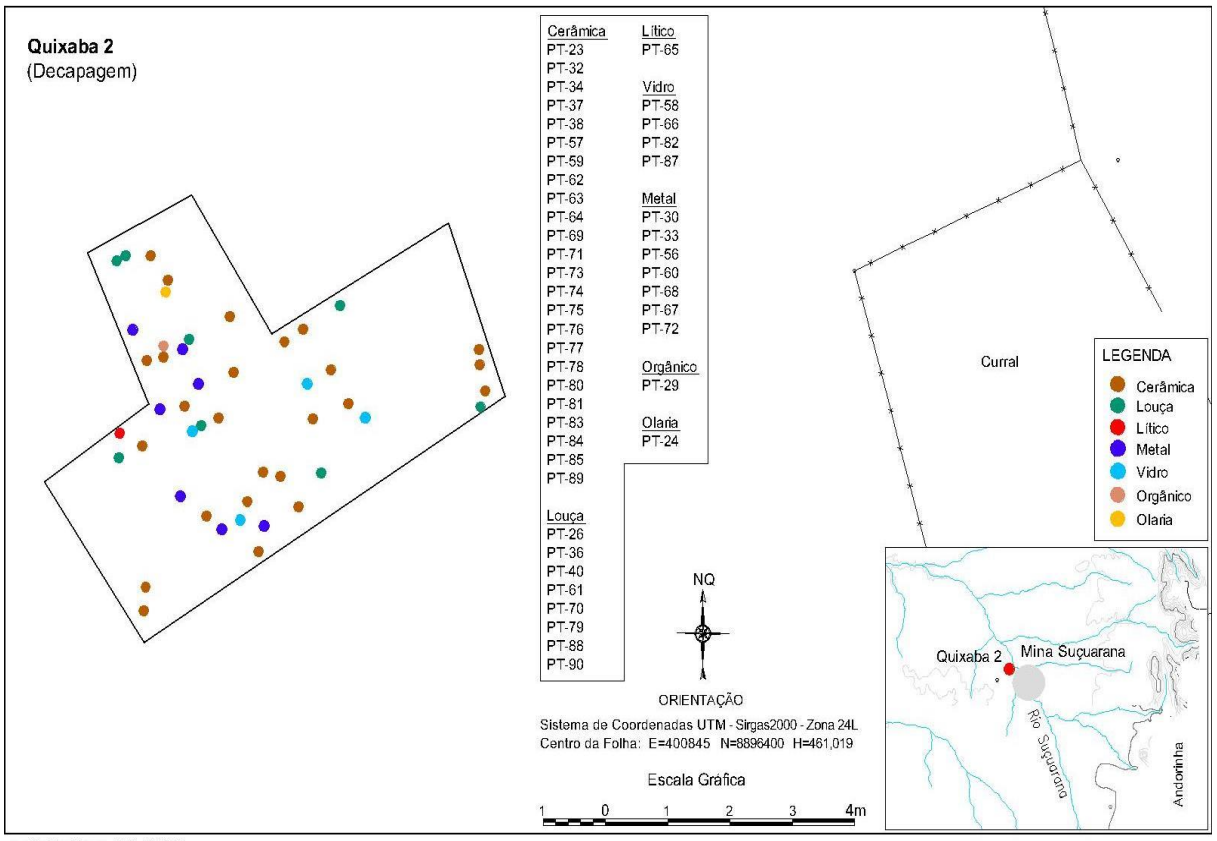
Foto: Kestering (2015)

Figura 174 – Distribuição espacial dos artefatos na superfície do terreno



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 175 – Distribuição espacial dos artefatos arqueológicos da decapagem 1



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 176 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.2.11 Suçuarana 2 (Código 181.2)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico no sítio de Suçuarana. Localiza-se no lado esquerdo do riacho homônimo, junto a afloramentos do maciço de ortognaisse do Complexo Caraíba, nas coordenadas UTM24L 402662, UTMN 8894473, a 465 m de altitude. Nele há restos de uma antiga residência onde, na fase de prospecção, em um espaço de aproximadamente 400 m², identificaram-se fragmentos de louça *blue edge* (borda azul), branca e padrão floral, fragmentos de cerâmica (grés e lisa) e telha (SANTANA et al. 2014, p. 40). Na área do sítio há xiquexique (*Cereus gounellei*), e favela (*Cnidoscolus phyllacantus*), malva da caatinga (*Sida galheirensis*) e palmatória (*Opuntia palmadora)* (Fig. 177 a 179).

Oliveira (2015) diz que no lugar do sítio havia uma residência, construída e habitada por Antero Alexandre da Silva e Silivera Maria de Jesus. Nela nasceram e se criaram cinco filhos do casal. Todos se assinavam com o sobrenome Antero da Silva. Eram eles: Porfírio, Elias, José (José Grosso), José (José Novo) e Martinha.

Na área delimitada não se encontrou qualquer vestígio da estrutura da antiga residência. Encontraram-se, porém, alguns fragmentos de telha o que permitiu inferir ter sido uma casa de taipa em cuja cobertura utilizara-se esse artefato de olaria.

Figura 177 – Área da antiga residência onde graça a malva da caatinga



Foto: Kestering (2015)

Figura 178 – Xiquexique e favela



Foto: Kestering (2015)

Figura 179 – Palmatória



Foto: Kestering (2015)

2.2.11.1 Resgate

Iniciou-se o resgate arqueológico com o georreferenciamento da área (Fig. 180). Prosseguiu-se com uma varredura para identificar artefatos na superfície. Nos lugares onde se encontravam fragmentos de louça, vidro ou cerâmica, fazia-se a limpeza do terreno, com decapagem de 0,05 m a 0,1 m e 1,5 a 2 m de circunferência, para identificar e coletar outros fragmentos (Fig. 181). Todo o sedimento retirado foi peneirado (Fig. 182).

No lugar onde havia maior concentração de fragmentos de louça e cerâmica, definiu-se uma área de 4 m² (2 m x 2 m) para a sondagem (Fig. 183). Escavou-se até 0,5 m de profundidade onde havia grânulos de ortognaisse intemperizados do Complexo Caraíba (Fig. 184). Os sedimentos que se retiraram eram arenosos. Dada à completa ausência de qualquer material arqueológico, encerrou-se a escavação e o resgate do sítio.

Figura 180 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 181 – Identificação de artefatos na superfície do terreno com limpeza do entorno



Foto: Kestering (2015)

Figura 182 – Peneiramento dos sedimentos retirados do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 183 – Início da sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 184 – Final da sondagem com 0,5 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

2.2.11.2 Artefatos

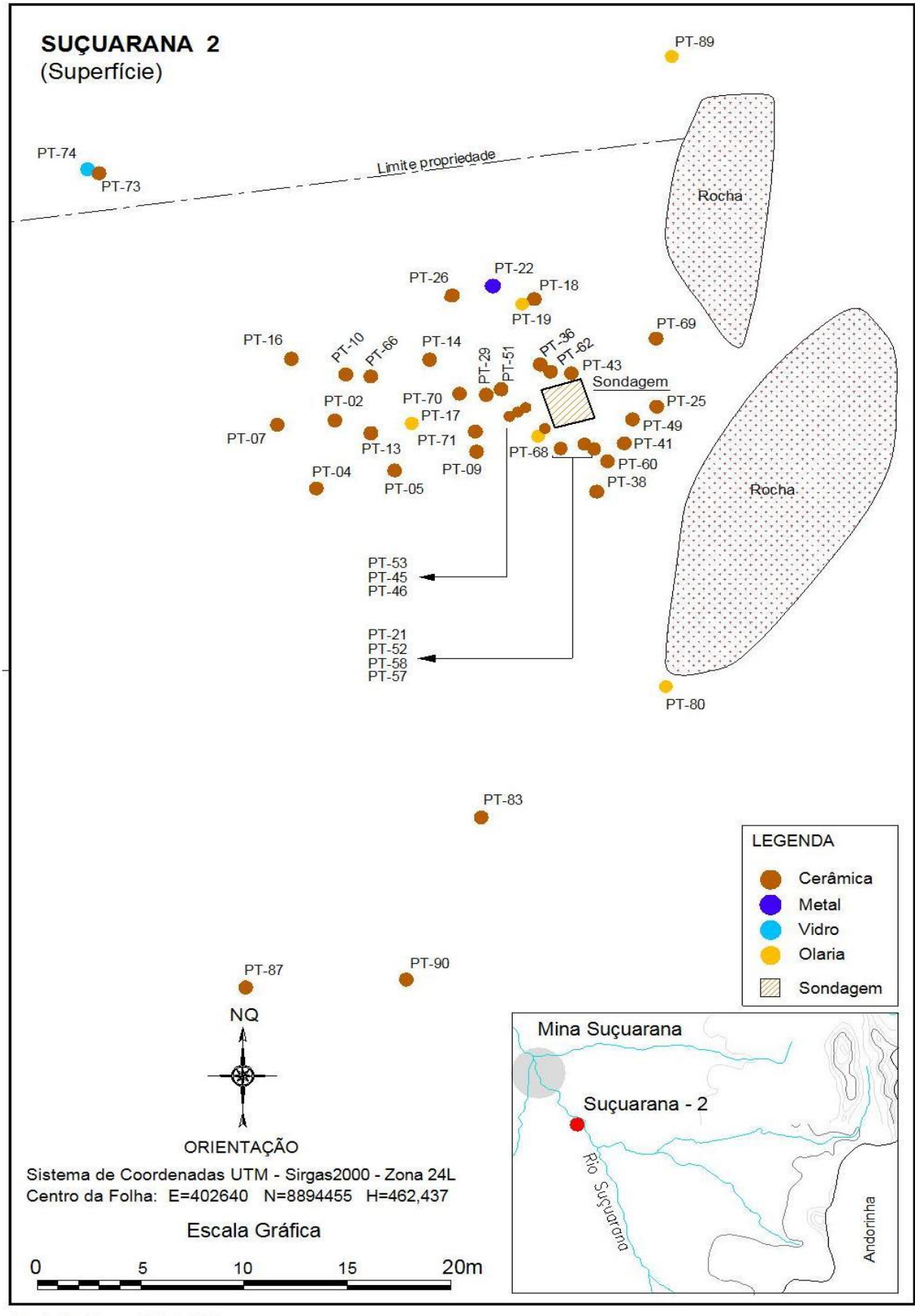
Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e coletaram-se 507 peças arqueológicas, quais sejam: 372 fragmentos de cerâmica; 120 fragmentos de louça; 5 fragmentos de vidro; 4 fragmentos de olaria; em 1 peça de metal; 2 artefatos líticos e 3 restos orgânicos. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 185 a 188).

Figura 185 – Plotagem do material arqueológico



Foto: Kestering (2015)

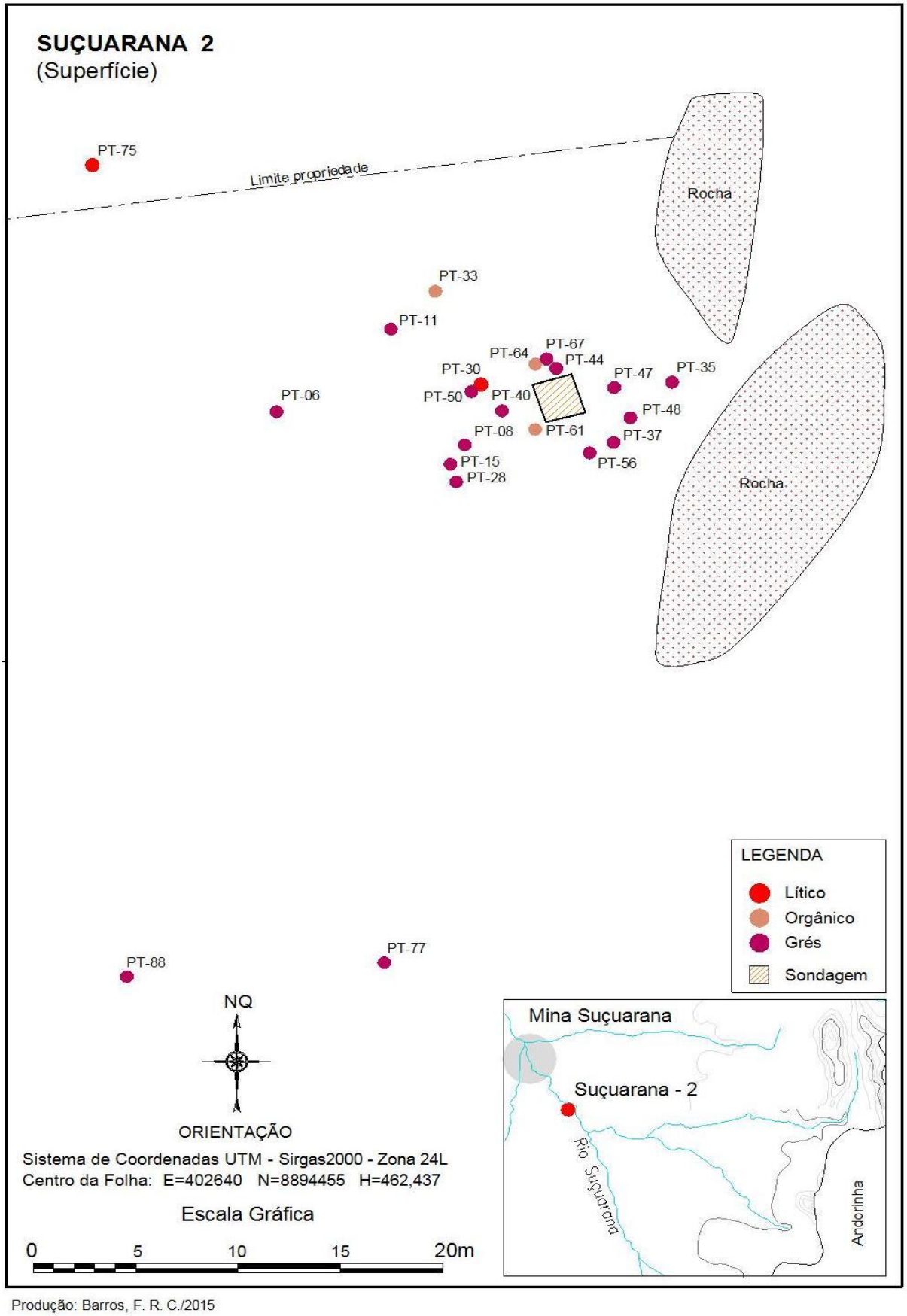
Figura 186 – Distribuição dos pontos dos artefatos arqueológicos na superfície do terreno



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 187 – Distribuição dos pontos dos artefatos arqueológicos na superfície do terreno



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 188 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.2.12 Corrência 3 (Código 185.3)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico na Fazenda Corrência. Localiza-se à beira de uma estrada, próximo a frondosos juazeiros e à Capela de Consolata, nas coordenadas UTM24L 406933, UTMN 8891995, a 486 m de altitude. Nele há restos de louça (*blue edge*, borrão azul, floral, etc...), cerâmica histórica e vidro. São vestígios de uma casa que pertenceu ao Tenente João Félix (SANTANA et al. 2014, p. 55-58) No local da antiga residência e no seu entorno, cresceu densa vegetação arbustiva e arbórea. Na área do sítio há quipá (*Opuntia inamoena*), pinhão bravo (*Jatropha molíssima*), pau de rato (*Poincianella pyramidalis*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*) e muita malva da caatinga (*Sida galheirensis*) (Fig. 189).

Na área delimitada não se encontrou qualquer vestígio da estrutura da antiga residência. Encontraram-se, porém, alguns fragmentos de telha o que permitiu inferir ter sido uma casa de taipa em cuja cobertura utilizara-se esse artefato de olaria.

Ester Ferreira Dias Farias (2015), nascida no dia 07 de julho de 1927 e residente na Fazenda Corrência, disse que essa casa pertencia ao Tenente João Félix que morava na Fazenda Cacimbas. O vaqueiro Francisco Maxi morava na casa com sua mulher e seus filhos Manoel, João, José, Maria, Isabel, Telvina e Jovina.

Figura 189 – Área da residência onde cresceu quipá, pinhão bravo, pau de rato e juazeiro



Fotos: Kestering (2015)

> O Tenente João Félix era muito rico. A fazenda do Serrote era dele. Comprou a fazenda na Corrência. Tinha um bocado de casa. Você viu aquele lugar onde é a capela? Viu aqueles juazeiros perto da capela? Ali era o curral do gado dele. Eu ainda alcancei a cerca do curral. Naqueles pés de juazeiro era a cerca do curral. (FARIAS, 2015).

Farias (2015) disse que, quando era menina alcançou o Manoel Maxi com idade aproximada de setenta anos. Deduz-se que ele teria nascido na década de 1820, quando a mão de obra na fazenda Corrência era escrava. É provável, então, que Francisco Maxi e seus filhos tenham sido escravos do Tenente João Félix.

> Manoel Maxi era casado com Delmira. Ela era cabocla. Era uma caboclona morena, do cabelão liso, preto. O Manoel Maxi foi morar com ela em Morro Branco. Foi vaqueiro em Corrência e depois foi embora para Morro Branco. Não ficou ninguém da família em Corrência. Aís só ficou a casa e o curral e se acabou tudo. (FARIAS, 2015).

2.2.12.1 Resgate

Iniciou-se o resgate com o georreferenciamento da área (Fig. 190). Prosseguiu-se com uma varredura para identificar artefatos na superfície. Onde havia fragmentos de louça, vidro ou cerâmica, fazia-se a limpeza do terreno, com decapagem de 0,05 m a 0,1 m e 1,5 a 2 m de circunferência, para identificar e coletar fragmentos a ele associados (Fig. 191). Todo o sedimento retirado foi peneirado (Fig. 192). No lugar de maior concentração de fragmentos de louça e cerâmica, definiu-se uma área de 4 m² (2m x 2 m) para sondagem (Fig. 193).

Escavou-se a área de 4 m² até 0,4 m de profundidade onde se encontraram grânulos de ortognaisse intemperizados do Complexo Caraíba (Fig. 194). Como se encontraram artefatos até 0,2 m de profundidade, ampliou-se a área da sondagem para se fazer escavação de superfície ampla. Nela se encontraram muitos vestígios arqueológicos. Os sedimentos que se retiraram eram areno-argilosos.

Figura 190 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 191 – Identificação de artefatos com limpeza do terreno no entorno



Foto: Kestering (2015)

Figura 192 – Peneiramento dos sedimentos retirados do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 193 – Definição da sondagem na área onde havia maior concentração de artefatos



Foto: Kestering (2015)

Figura 194 – Final da sondagem a 0,4 m de profundidade

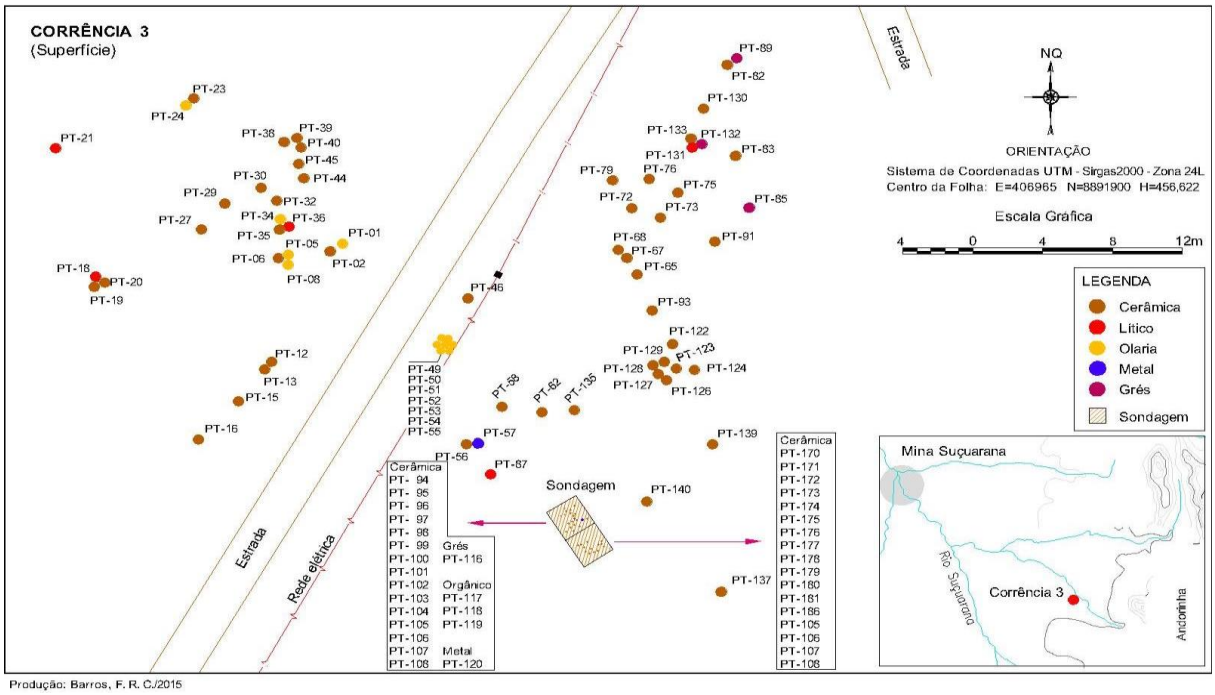


Foto: Kestering (2015), modificada pelos autores

2.2.12.2 Artefatos

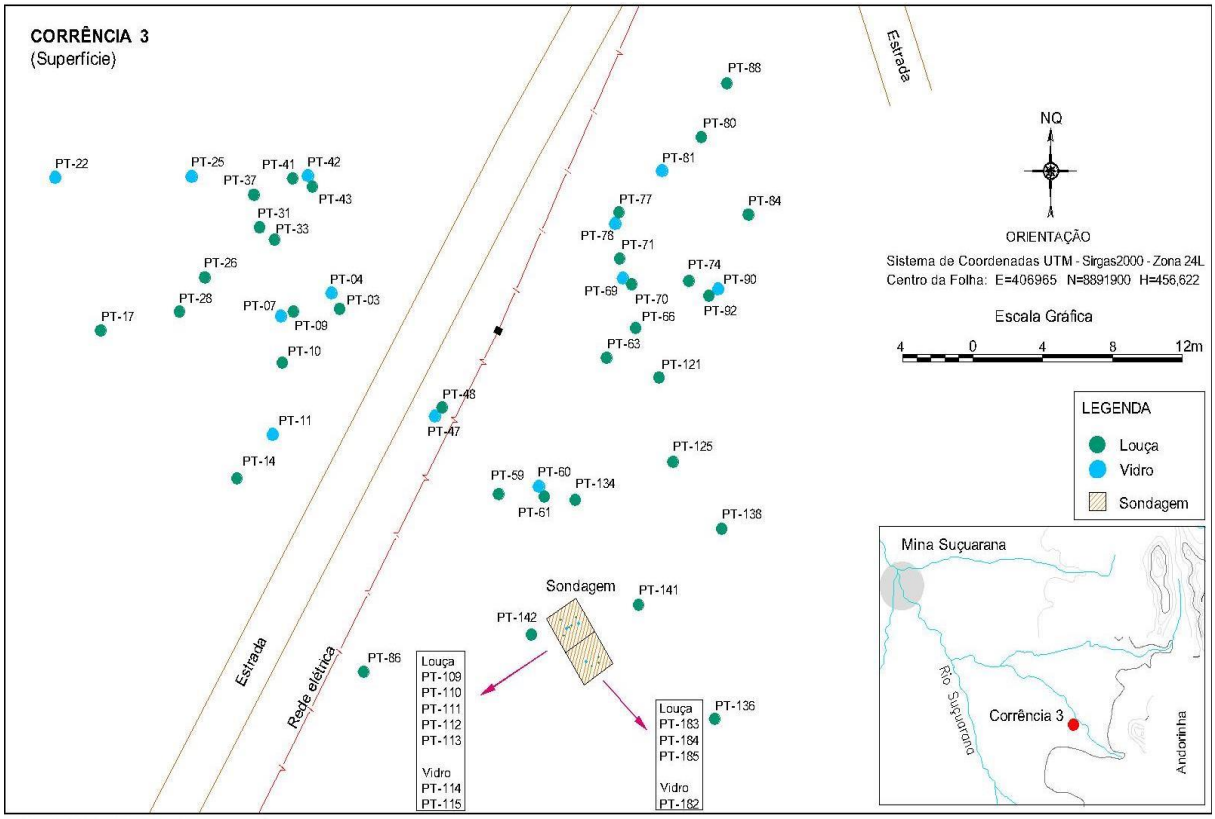
Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e coletaram-se 1859 peças arqueológicas, quais sejam: 1519 fragmentos de cerâmica; 216 fragmentos de louça; 61 fragmentos de vidro; 33 fragmentos de olaria; 4 peças de metal; 5 artefatos líticos e 21 restos orgânicos. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 195 a 198).

Figura 195 – Distribuição espacial dos artefatos na superfície



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

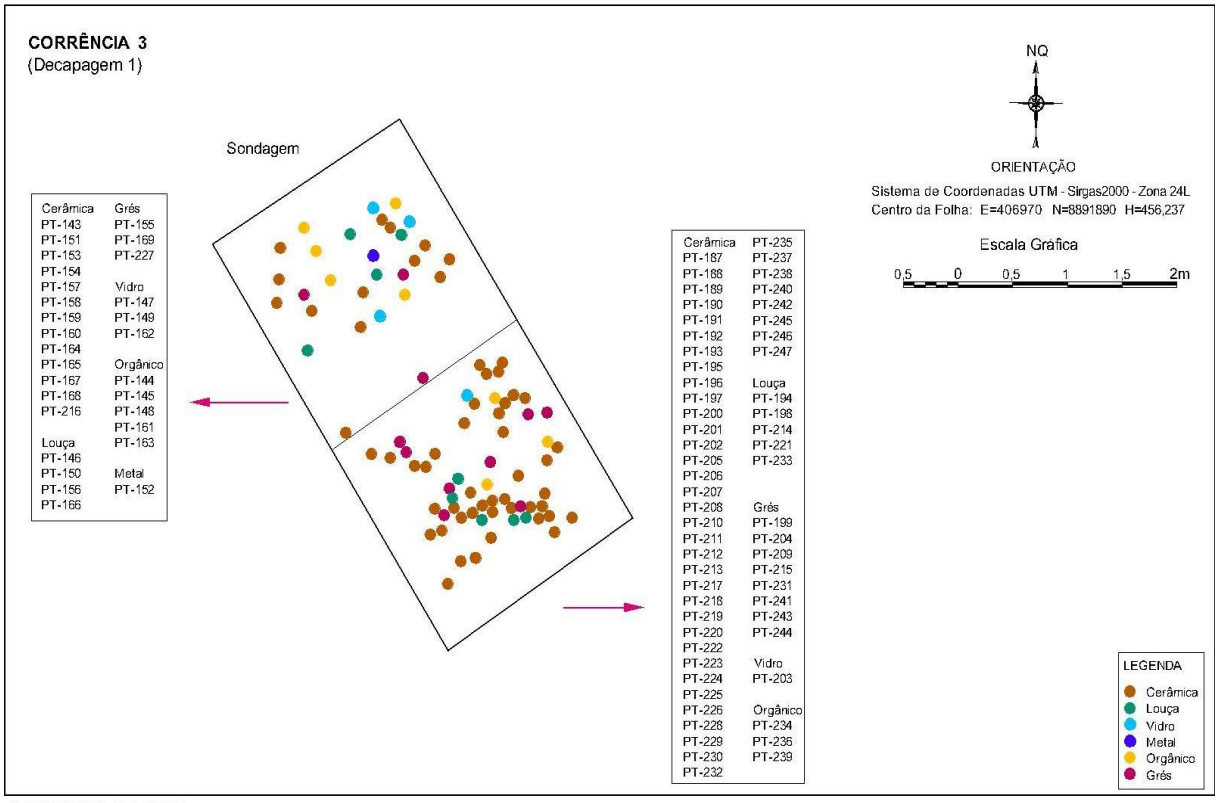
Figura 196 – Distribuição espacial dos artefatos na superfície



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 197 – Distribuição espacial dos artefatos na decapagem 1



Produção: Barros, F. R. C./2015

Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 198 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.2.13 Corrência 5 (Código 185.5)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico na Fazenda Corrência. Localiza-se junto a um frondoso juazeiro, à beira de uma estrada antiga, nas coordenadas UTM24L 407422, UTMN 8892208, a 499 m de altitude. Nele encontraram-se "fragmentos de louça de diversos padrões (*blue edge*, borrão azul, floral) e cerâmica em superfície" (SANTANA et al, 2014, p. 59-60). No local da antiga residência e no seu entorno cresceu densa vegetação arbustiva e arbórea. Na área do sítio, há favela (*Cnidoscolus phyllacantus*), pau de rato (*Poincianella pyramidalis*), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) e xiquexique (*Cereus gounellei*), intermeados de muita malva da caatinga (*Sida galheirensis*) (Fig. 199 e 200).

Na área delimitada não se encontrou qualquer vestígio da estrutura da antiga residência. Encontraram-se, porém, alguns fragmentos de telha o que permitiu inferir ter sido uma casa de taipa em cuja cobertura utilizara-se esse artefato de olaria.

Farias (2015) diz que o sítio arqueológico chama-se Umbuzeiro do Ponciano porque junto ao Umbuzeiro havia um barraco construído por ele. Ponciano tinha três irmãos. Eram eles: Dimiciano, Viturino e Ana. Esta era conhecida como Aninha da Suçuarana. Esses quatro irmãos foram os primeiros criadores da Fazenda Corrência.

> Viturino fez uma roça e um rancho junto ao serrote que ainda hoje é chamado de Serrote do Viturino. No pé desse serrote os caboclos entupiram um olho d'água. Onde a água nascia, eles encheram de pedra. Lá é conhecido, também, como Serrote Pelado. Lá, diz que tem um ou dois cascavel de ouro em baixo de uma pedra. Lá se ouvem gemidos e choro de gente. Eu nunca ouvi, mas dizem que tem. (FARIAS, 2015)

Figura 199 – Área da residência onde cresceu favela, pau de rato, umbuzeiro e xiquexique



Fotos: Kestering (2015)

Figura 200 – Malva da caatinga



Fotos: Kestering (2015)

2.2.13.1 Resgate

Iniciou-se o resgate arqueológico com o georreferenciamento da área do sítio (Fig. 201). Prosseguiu-se com uma varredura para identificar artefatos na superfície do terreno (Fig. 202). Nos lugares onde se encontravam fragmentos de louça, vidro ou cerâmica, fazia-se a limpeza, com decapagem de 0,05 m a 0,1 m e 1,5 a 2 m de circunferência, para identificar e coletar fragmentos que a ele pudessem estar associados (Fig. 203 e 204). Todo o sedimento retirado foi peneirado (Fig. 205). No lugar em que se identificou maior concentração de fragmentos de louça e cerâmica, definiu-se uma área de 4 m² (2 m x 2 m) para a sondagem (Fig. 206).

Escavou-se a área de 4 m² até 0,3 m de profundidade (Fig. 207). Encontraram-se fragmentos de cerâmica e de louça até 0,1 m de profundidade. Prosseguiu-se a mesma até se encontrar grânulos de ortognaisse intemperizados do Complexo Caraíba. Não se encontrou mais qualquer artefato nem estrutura arqueológica. Os sedimentos que se retiraram eram areno-argilosos. Dada à existência de material arqueológico até 0,1 m de profundidade, ampliou-se a área onde se fez a escavação pelo método da superfície ampla. Observou-se que se tratava de uma concentração de rejeitos domésticos. Fez-se, por isso, a retirada de toda a camada em decapagem única. Todo o sedimento retirado foi peneirado.

Figura 201 – Georreferenciamento do sítio



Foto: Kestering (2015)

Figura 202 – Identificação de artefatos na superfície do terreno



Foto: Kestering (2015)

Figura 203 – Identificação de artefatos com limpeza do entorno



Foto: Kestering (2015)

Figura 204 – Identificação dos artefatos com limpeza do entorno



Foto: Kestering (2015)

Figura 205 – Peneiramento dos sedimentos



Foto: Kestering (2015)

Figura 206 – Definição da área para sondagem



Foto: Kestering (2015)

Figura 207 – Final da sondagem com 0,3 m de profundidade



Foto: Kestering (2015)

2.2.13.2 Artefatos

Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e coletaram-se 1995 peças arqueológicas, quais sejam: 1856 fragmentos de cerâmica; 107 fragmentos de louça; 9 fragmentos de olaria; 5 peças de metal; 11 artefatos líticos; 6 restos orgânicos e 1 plástico. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 208 a 213).

Figura 208 – Plotagem do material arqueológico



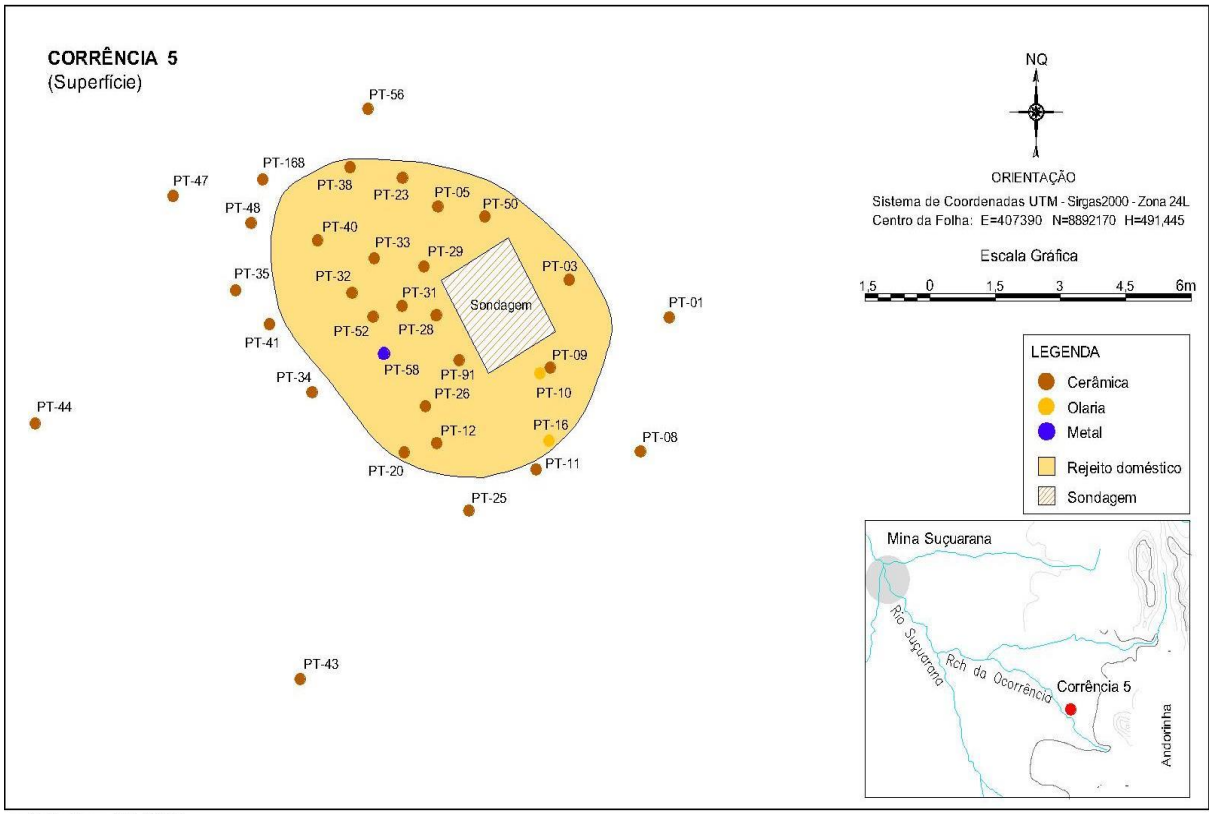
Foto: Kestering (2015)

Figura 209 – Plotagem do material arqueológico



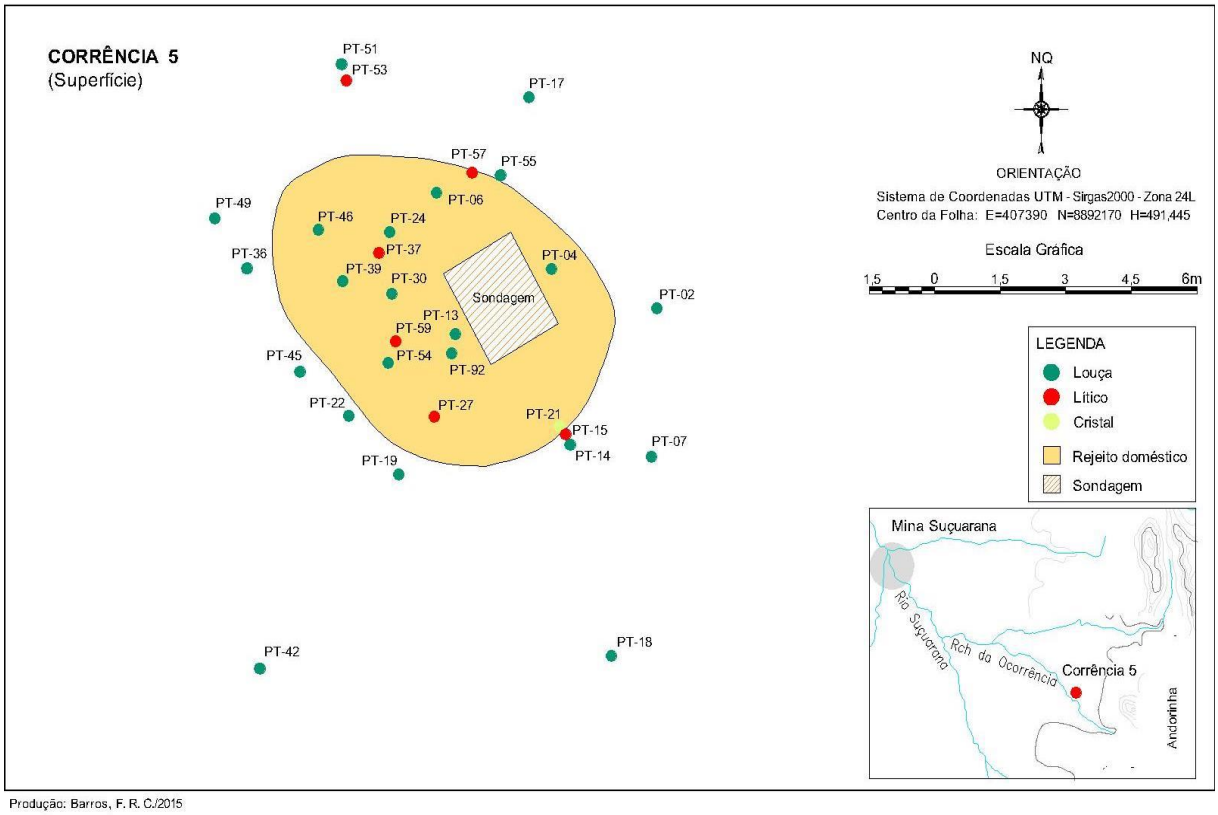
Foto: Kestering (2015)

Figura 210 – Distribuição espacial dos vestígios arqueológicos na superfície do terreno



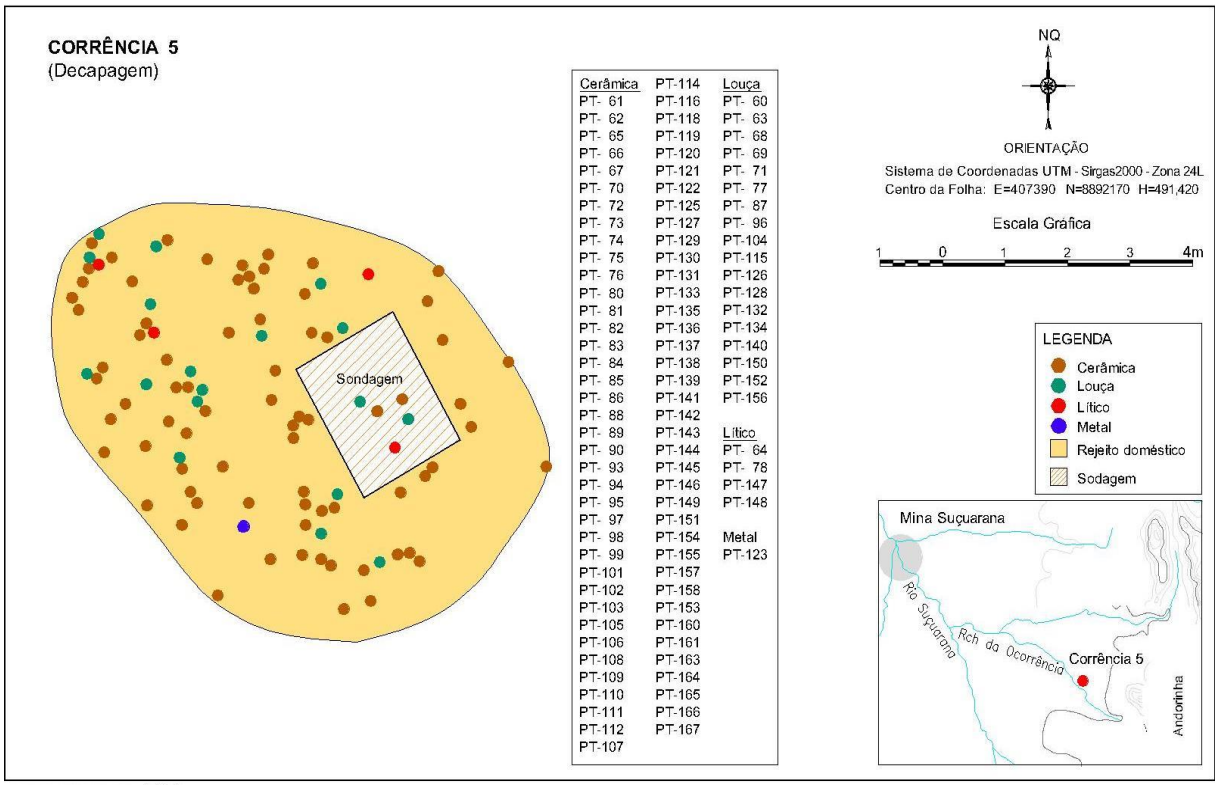
Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 211 – Distribuição espacial dos artefatos na superfície do terreno



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 212 – Distribuição espacial dos artefatos na decapagem da camada de ocupação



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 213 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

2.2.14 Santa Maria 2 (Código 186.2)

Trata-se de um sítio arqueológico histórico com restos de uma antiga residência. Localiza-se na Fazenda Santa Maria, junto a um umbuzeiro, nas coordenadas UTM24L 394466, UTMN 8896167, a 473 m de altitude. Em uma área de aproximadamente 500 m², encontraram-se vários fragmentos de louça, cerâmica e metais, bem como, vidrarias inteiras e fragmentadas (SANTANA et al, 2014, p. 63-66). Nas proximidades da antiga residência cresceram espécies típicas da vegetação nativa como quipá (*Opuntia inamoena*), pau de rato (*Poincianella pyramidalis*), mandacaru (Cereus jamacaru), favela (*Cnidoscolus phyllacantus*), malva da caatinga (*Sida galheirensis*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), angico (*Anadenanthera colubrina*) e coroa de frade (*Melocactus bahiensis*) (Fig. 214 e 215). Há, também, touceiras de capim búfalo (*Cenchrus ciliaris*) (Fig. 216).

Isaac Lino da Silva (2015) diz que a casa pertenceu a Antônio Geraldo da Cunha Filho, casado com a velha Maria Geraldo da Cunha, mais conhecida como Badinha. Eles criavam relativamente pouco gado e pouca criação (cabra e ovelha). Eles morreram bem velhos, com quase cem anos. Na casa de Antônio Geraldo havia uma escola. Era um quarto que eles fizeram no lado da casa. Contrataram um professor para ensinar os meninos.

> Eu conheci tudo. O Antônio Geraldo, dono daquela casa, foi na Quixaba onde está o Francino, num dia de sábado, e quando chegou em casa só fez tirar a sela do jegue e morreu no entrar da porta. Morreu no entrar da porta. Apeou do jegue e não chegou a entrar em casa (SILVA, 2015).

Antônio Geraldo e Badinha tiveram cinco filhos que nasceram e se criaram nessa casa. Eram eles: Antônio, Canário, Moça, Eufigência e Francisca. Todos os filhos tinham o sobrenome de Geraldo da Cunha. O Raimundo é o atual proprietário do terreno da casa.

Figura 214 – Quipá, pau de rato, mandacaru e favela



Fotos: Kestering (2015)

Figura 215 – Malva da caatinga, juazeiro, angico e coroa de frade



Fotos: Kestering (2015)

Figura 216 – Capim búfalo



Foto: Kestering (2015)

2.2.14.1 Resgate

Iniciou-se o resgate arqueológico com o georreferenciamento da área do sítio, com delimitação dos restos da estrutura da antiga casa (Fig. 217). Prosseguiu-se com uma varredura para identificar artefatos na superfície do terreno (Fig. 218). Nos lugares onde se encontravam fragmentos de louça, vidro ou cerâmica, fazia-se a limpeza do terreno, com decapagem de 0,05 m a 0,1 m e 1,5 a 2 m de circunferência, para identificar e coletar fragmentos que a ele pudessem estar associados (Fig. 219). Todo o sedimento retirado foi peneirado. Junto a uma escaca que sugeria ter sido o canto da parede frontal da casa, definiu-se uma área de 4 m² (2 m x 2 m) para a sondagem (Fig. 220).

Figura 217 – Georreferenciamento do sítio, com delimitação dos restos da estrutura da casa



Foto: Kestering (2015)

Figura 218 – Identificação de artefatos na superfície do terreno



Foto: Kestering (2015)

Figura 219 – Identificação de artefatos com limpeza do entorno



Foto: Kestering (2015)

Figura 220 – Definição da área para sondagem



Foto: Kestering (2015)

Escavou-se a área de 4 m² até 0,2 m de profundidade. Como não se encontrou qualquer artefato nem estrutura arqueológica, reduziu-se a mesma para 2 m². Escavou-se, até 0,4 m de profundidade onde se encontraram grânulos de ortognaisse intemperizados do Complexo Caraíba. Os sedimentos que se retiraram eram areno-argilosos.

Dada à ausência de material arqueológico na sondagem, decidiu-se evidenciar a estrutura da antiga residência. A partir da estaca que sugeria ter sido o canto da parede frontal da casa, tendo o esquadro como referência, escavou-se em duas direções para identificar onde se localizavam suas paredes. Encontraram-se alguns restos de pau a pique em alinhamento, indicando onde se localizavam as paredes externas e internas da casa o que permitiu reconstruir parte da sua planta baixa (Fig. 221).

Figura 221 – Sondagem ampliada para evidenciar alinhamento das paredes da casa



Foto: Kestering (2015)

2.2.14.2 Artefatos

Identificaram-se, registraram-se, plotaram-se e coletaram-se 370 peças arqueológicas, quais sejam: 247 fragmentos de cerâmica; 76 fragmentos de louça; 39 fragmentos de vidro; 2 fragmentos de olaria; 3 peças de metal; 2 artefatos líticos e 1 resto orgânico. Transportou-se todo o material arqueológico para o laboratório onde se fez a sua limpeza, classificação preliminar e o seu acondicionamento (Fig. 222 a 226).

Figura 222 – Plotagem do material arqueológico



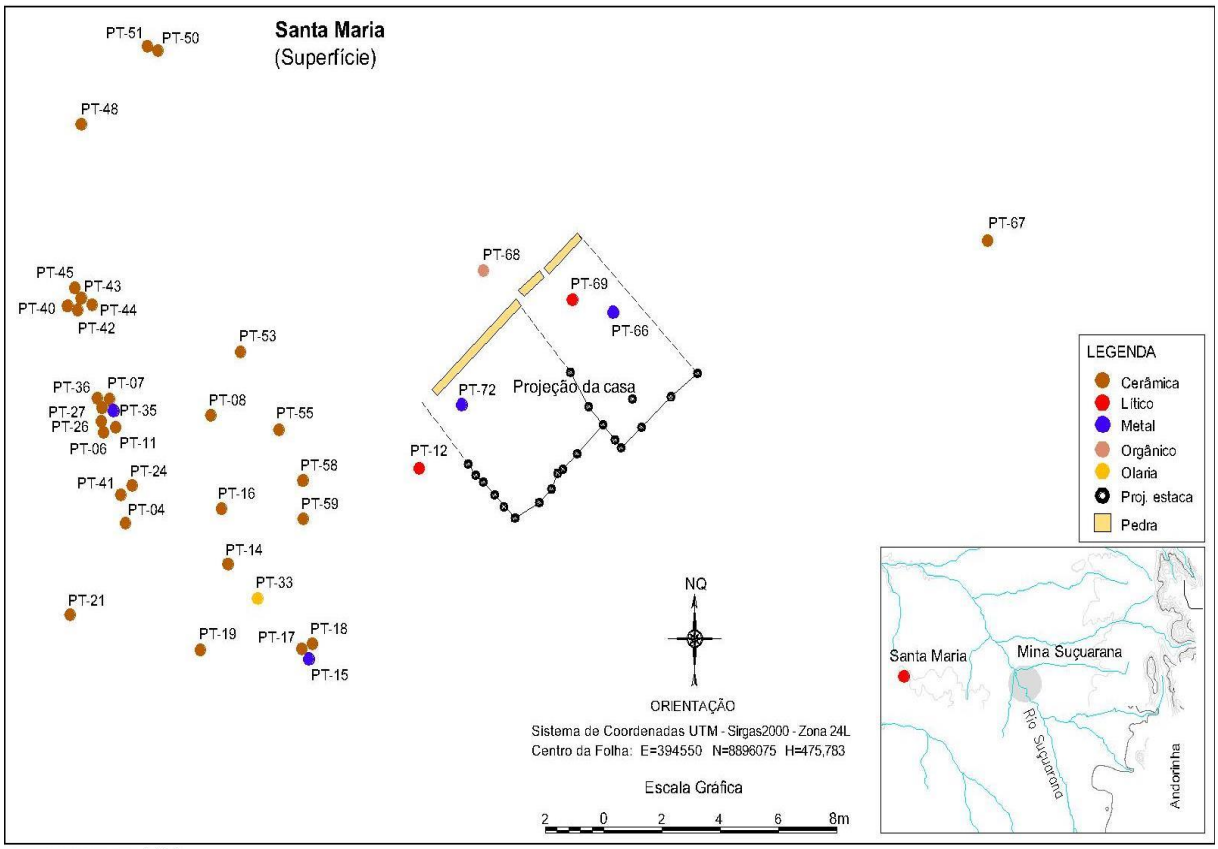
Foto: Kestering (2015)

Figura 223 – Plotagem do material arqueológico



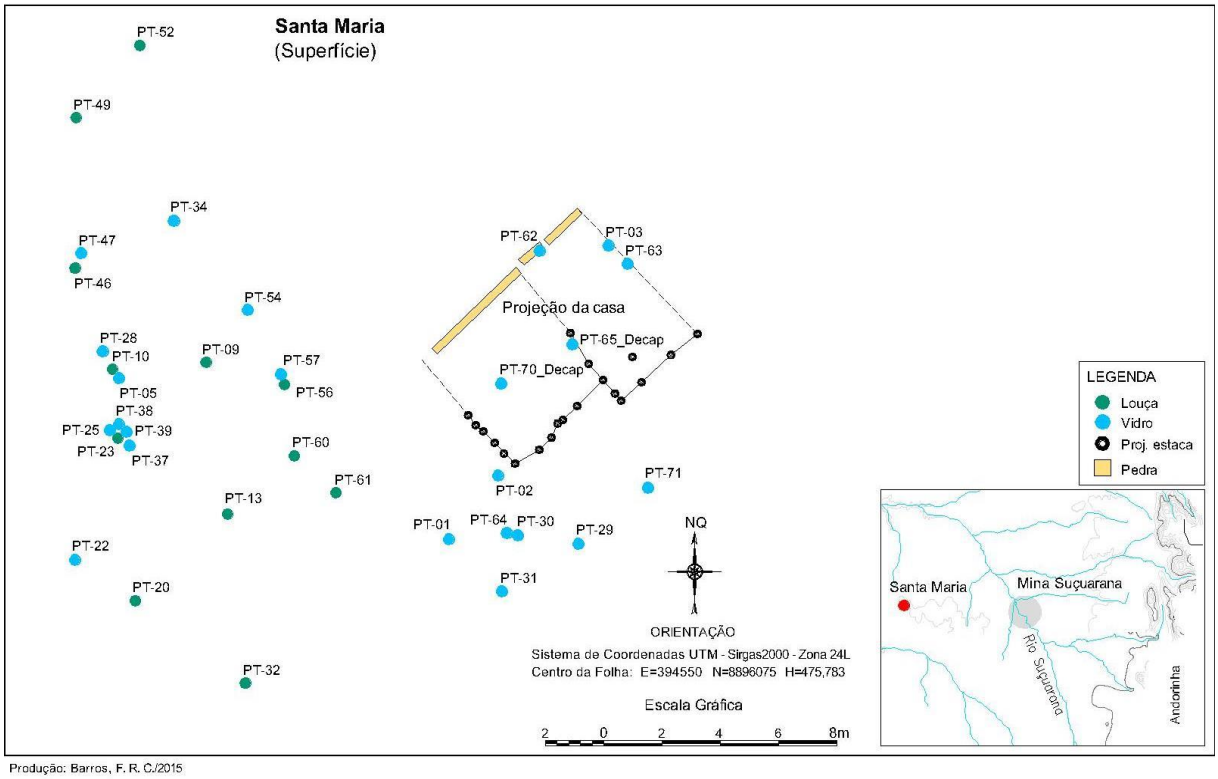
Foto: Kestering (2015)

Figura 224 – Distribuição espacial dos vestígios arqueológicos



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 225 – Distribuição espacial dos vestígios arqueológicos



Autoria: Flávio Roberto Carvalho Barros (2015)

Figura 226 – Limpeza, classificação preliminar e acondicionamento dos artefatos



Foto: Kestering (2015)

3 MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS RESGATADOS

Resgatou-se o universo de 13804 peças arqueológicas assim distribuídas: 10385 fragmentos de cerâmica, 1894 fragmentos de louça, 950 fragmentos de vidro e 116 fragmentos de olaria. Resgatou-se, também, 82 peças de metal, 63 artefatos da indústria lítica, 305 restos orgânicos, 3 plásticos e 6 outros (Tab. 15).

Tabela 15 – Peças arqueológicas resgatadas

Nº	Sítio	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Total
1	Quixaba 3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	**-**
2	Quixaba 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	**-**
3	Quixaba 5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	**-**
4	Suçuarana 5	4305	746	162	20	9	2	149	2	-	**5395**
5	Suçuarana 6	181	71	41	8	1	1	-	-	-	**303**
6	Suçuarana 8	765	179	450	2	42	1	114	-	6	**1559**
7	Suçuarana 9	751	265	63	7	-	1	7	-	-	**1094**
8	Suçuarana 1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	**2**
9	Paredão 1	-	-	-	-	-	3	-	-	-	**3**
10	Paredão 2	1	-	-	-	-	6	-	-	-	**7**
11	Paredão 3	-	-	-	-	1	19	1	-	-	**21**
12	Caboclo 1	14	80	82	-	1	2	-	-	-	**179**
13	Caboclo 2	-	-	-	-	-	2	-	-	-	**2**
14	Caboclo 3	-	-	-	-	-	3	-	-	-	**3**

15	Quixaba 2	374	34	47	31	15	1	3	-	-	**505**
16	Suçuarana 2	372	120	5	4	1	2	3	-	-	**507**
17	Corrência 3	1519	216	61	33	4	5	21	-	-	**1859**
18	Corrência 5	1856	107	-	9	5	11	6	1	-	**1995**
19	Santa Maria 2	247	76	39	2	3	2	1	-	-	**370**
Total		**10385**	**1894**	**950**	**116**	**82**	**63**	**305**	**3**	**6**	**13804**

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF em Sobradinho (2015)

Legenda:

1 – Cerâmica. 2 – Louça. 3 – Vidro. 4 – Olaria. 5 – Metal. 6 – Lítico. 7 – Orgânico. 8 – Plástico. 9 - Outros.

4 CONSIDERAÇÕES

Os sítios arqueológicos **Quixaba 3, Quixaba 4, Suçuarana 5, Suçuarana 6, Suçuarana 8 e Suçuarana 9**, situados na Área Diretamente Afetada (ADA), assim como **Quixaba 2, Suçuarana 1, Suçuarana 1, Suçuarana 2, Poço da Queimada, Corrência 3, Corrência 5 e Santa Maria 2** foram devidamente resgatados, conforme definições do **Programa de Resgate, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Implantação da Mina Suçuarana, em Jaguarari - BA**. Declara-se, por conseguinte, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e aos demais órgãos ambientais e governamentais interessados em avaliar as atividades para fins de Licenciamento Ambiental que a implantação de estruturas da **Mina Suçuarana** nas áreas onde eles se localizavam não causará danos ao patrimônio cultural pré-colonial identificado durante a prospecção.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Ester Ferreira Dias. **Relatos Orais**. 2015.

KESTERING, Celito. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho – BA** (2007). (Tese de doutorado). Recife: UFPE. 2007, 298f.

KESTERING, Celito; ALMEIDA, Jeane; AQUINO, Crisvanete de Castro, BEZERRA, Alvandyr; BARBOSA, Mirta. **Programa de Resgate, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Implantação da Mina Suçuarana, em Jaguarari - BA**. Salvador – BA: Instituto Júlio Cesar Mello de Oliveira. 2014.

OLIVEIRA, Neuza Rodrigues de. **Relatos Orais**. 2015.

SANTANA, Cristiana de C. S.; SILVA, Gilmar D'Oliveira; SANTANA, Hélio Augusto de; SILVA, Virgínia de Cerqueira; SANTANA, Manoel Augusto de; SANTOS, Reuber Leandro dos. **Diagnóstico e Prospecção Arqueológica da Mina Suçuarana**. Salvador - BA: Consultoria em Projetos Ambientais Ltda. 2014, 127p.

SILVA, Isaac Lino da. **Relatos Orais**. 2015.